

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

O CATOLICISMO SECULARIZADO: UMA ANÁLISE DOS CATÓLICOS
NOMINAIS NÃO PRATICANTES

Autora: Marina Helena Rodrigues Maia

Brasília, 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

O CATOLICISMO SECULARIZADO: UMA ANÁLISE DOS CATÓLICOS
NOMINAIS NÃO PRATICANTES

Autora: Marina Helena Rodrigues Maia

Dissertação apresentada ao
Departamento de Sociologia da Universidade
de Brasília/UnB como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Mestre.

Brasília, abril de 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O CATOLICISMO SECULARIZADO: UMA ANÁLISE DOS CATÓLICOS
NOMINAIS NÃO PRATICANTES

Autora: Marina Helena Rodrigues Maia

Orientador: Doutor Fabrício Monteiro Neves (UnB)

Coorientador: Eurico Antônio Gonzales Cursino dos Santos

Banca: Prof^a. DoutoraTânia Mara (UnB)
Prof. DoutorFabrício Monteiro Neves (UnB)
Prof. DoutorEurico Antônio Gonzales Cursino dos Santos (UnB)
Prof. DoutorEmerson Ferreir Rocha (UnB)
Prof. DoutorBrand Arenari (UFF)

Brasília, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha família por ter me dado todo o apoio e suporte necessários durante a escrita deste trabalho; aos meus orientadores, Fabrício Monteiro Neves e Eurico Antônio Gonzales Cursino dos Santos, por me ajudarem a guiar minhas ideias durante a escrita; ao CNPQ pela concessão de bolsa de mestrado, fomentando e incentivando a pesquisa; aos meus amigos que estiveram ao meu lado para conversar e tirar um pouco a tensão deste processo; a todos os funcionários do Instituto de Ciências Sociais, por me proporcionarem um ambiente físico tão agradável e de excelência, e perfeito andamento burocrático de tudo; e por fim agradeço ao caos que é a sociedade, por me fazer cada vez mais querer entendê-la e desembaraçá-la por meio da sociologia.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos e todas àquelas que se questionam e que buscam entender este mundo além de como ele se apresenta a nós. Dedico, sobretudo, àqueles e àquelas que me ajudaram e ajudam a enxergar além da superficialidade: meus professores e professoras e os autores e autoras de livros que me acompanharam durante este caminho. Que o pensamento conjunto se fortaleça e que sejamos capazes de novas descobertas, entendimentos e aprendizados juntos.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo estudar o catolicismo no Brasil por meio daqueles que se autoproclamam como católicos não praticantes. Uma vez que o catolicismo segue sendo a religião com maior número de adeptos no Brasil segundo o Censo de 2010, busca-se aqui entender como opera essa categoria dos não praticantes, para que possamos assim melhor compreender o funcionamento da religião católica no Brasil. Para tanto buscou-se entender quais são suas práticas religiosas correntes e quais foram abandonadas, por que motivos o indivíduo se entende dessa forma e por que segue atrelado à religião. A realização da pesquisa contou metodologicamente com a realização de 11 entrevistas semi-estruturadas a pessoas autodeclaradas como “católicas não praticantes”. Como resultado foram identificadas três características principais dos católicos não praticantes. A primeira consiste em uma forte socialização infantil dos indivíduos dentro do catolicismo, o que proporciona a estes um conhecimento básico dos ritos e do significado da terminologia católica. A segunda diz respeito à aspectos da religião que são secularizados pelos indivíduos, para que estes sigam contando com a religião na vida adulta à sua maneira, como se pode ver a partir da noção de espiritualidade, por exemplo. A terceira se refere a dispensa de qualquer tipo de autoridade religiosa (bíblia, dogmas ou padres), evidenciando mais uma vez a vivência da religião segundo o entendimento próprio do indivíduo. Aliada a esta análise é feita uma conexão desta categoria de católicos com o processo colonizador no Brasil, que teve o catolicismo como seu principal legitimador. A própria existência dessa categoria de católicos aqui parece ter ligação com a nossa herança colonial, uma vez que na colonização a religião era símbolo de status e contou com muita obediência às formas e pouco entendimento do conteúdo religioso para se manter viva e dominante no Brasil. Como resultado da pesquisa conclui-se que algo muito semelhante ocorre ainda hoje com aqueles que se autodeclararam como católicos não praticantes.

Palavras-chave: Católicos, religião, não praticante, seculares e espiritualidade.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the Catholicism in Brazil through the eyes of those who consider themselves to be non-practicing Catholics. As per the 2010 census, Catholicism is the religion with the greatest number of adherents in Brazil; this study intends to understand how the non-practicing group functions, so we can have a better understanding on how the Catholic religion works in Brazil. With this in mind, I have tried to understand which are the current religious practices of this particular group, which ones were dismissed, and the reasons why the individuals feel identified and still attached to the religion. This research was based on methodological interviews, through specific questions and conversations, with 11 individuals that consider themselves to be non-practicing Catholics. As a result, three main characteristics of the non-practicing Catholics were identified: The first is a strong childhood socialization within the Catholic culture, which gives the individuals a basic knowledge of rituals and understanding of the Catholic terminology. The second is about aspects of religion that become secularized by the individuals, so that they feel supported by religion into the adult life while developing their own understanding, as happens with the notion of spirituality. The third concerns the exclusion of any kind of religious authority (Bibles, dogmas, priests), which indicates again experiencing religion with a personal understanding. This analysis is complemented with an association of this category of Catholics with the colonization process in Brazil, that had Catholicism as a main instrument of its legitimization. The existence of these Catholics in Brazil seems to have a connection with our colonial heritage, as during the colonization religion was a symbol of status, and a lot of obedience to norms and little understanding of the religious content was used to keep religion alive and dominant in Brazil. By doing this research, I conclude that something similar is still going on today with those that identify themselves as non-practicing Catholics.

Key Words: Catholics, Religion, Non-practicing and Spirituality

SUMÁRIO

Introdução.....	página 9
Capítulo 1 – Introdução do catolicismo no Brasil.....	página 28
Capítulo 2 – O catolicismo é a minha base.....	página 46
Capítulo 3 – Católicos não praticantes: os católicos secularizados.....	página 77
Capítulo 4 – Rejeição da autoridade religiosa.....	página 115
Conclusão.....	página 137
Bibliografia.....	página 144

Introdução

A presente introdução se encontra dividida em duas partes. Em um primeiro momento explorarei aqui um pouco do meu objeto de pesquisa, expondo neste espaço alguma literatura existente que aborda o assunto do catolicismo nominal em questão. Em um segundo momento apresento a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, evidenciando quatro pontos, quais sejam: seleção da amostra, instrumento de pesquisa, caracterização da amostra e procedimentos de análise. Começamos então explorando o presente objeto de pesquisa deste trabalho: o catolicismo nominal.

1. Objeto de Estudo

Neste trabalho buscarei refletir acerca de como a dominância numérica do catolicismo no Brasil repercute em influência religiosa. A partir de indivíduos que se autoproclamam como católicos não praticantes, analisaremos o catolicismo nominal. A ideia é, portanto, colocar uma lupa sobre uma determinada categoria do catolicismo, e a partir desta tentar compreender melhor o catolicismo como um todo no Brasil. Tentaremos destrinchar e realmente compreender em que consiste essa categoria, o que faz com que os indivíduos se identifiquem a ela, como estes compreendem a religião, vivem os ritos e se entendem como católicos. Nesta breve introdução apresentarei um pouco do catolicismo nominal no Brasil, expondo algumas análises já feitas já sobre o assunto, para que compreendamos melhor em que mar estaremos navegando durante a leitura deste trabalho.

Comparando o Censo dos anos 2000 com o último Censo realizado em 2010, verifica-se que houve uma grande queda de católicos autodeclarados no Brasil. Em 2000, Teixeira (2005) aponta que três quartos da população na época, ou seja, 125 milhões de brasileiros se declaravam como católicos. Já no Censo realizado em 2010 esse número caiu para 123 milhões, correspondendo a 64,6% dos brasileiros. Sofiati e Moreira (2018) notam que, ainda assim, a religião católica é a religião dominante neste país, uma vez que os protestantes somam um total de 42,3 milhões de brasileiros (22,2%), sendo que afiliação religiosa protestante com mais adeptos (Assembleia de Deus) conta com 12 milhões de fiéis. Mesmo se mantendo majoritária, é preciso pontuar que essa queda numérica reflete um decréscimo da religião católica no Brasil, pois ela mostra que não há

proporcionalidade entre a taxa de crescimento populacional e a taxa de crescimento do catolicismo.

É preciso pontuar ainda que o Censo acaba sendo falho por questionar apenas a religião a que se pertence, não questionando como se vive essa religião. Dessa forma, muitas vezes os números podem acabar nos enganando, pois eles não capturam a experiência religiosa, nem mesmo as diversas categorias existentes dentro de uma religião (SOFIATI, MOREIRA, 2018). Para Azevedo (citado por TEIXEIRA, 2005) o número de praticantes é pequeno em comparação com o número de aderentes da religião católica que mantêm vínculos meramente frouxos e nominais com esta. Ele observa que o fiel católico pode “ser” sem “participar”, ou ainda participar à sua maneira. Essa plasticidade de se viver o catolicismo deriva de um amplo espectro de se comunicar com o sagrado dentro do catolicismo. Ou seja, o Censo não diferencia um católico nominal de um católico praticante, não é capaz de captar esse tipo de nuance.

Pelos números, portanto, o catolicismo se encontra em uma posição privilegiada no país, uma vez que seu número de aderentes é majoritário. Por outro lado o que se verifica hoje é que não existe hegemonia dentro dessa religião, considerando que a quantidade de modos de se vivenciá-la é muito grande. Observemos, por exemplo, no Protestantismo, as Igrejas pentecostais e neopentecostais: cada uma delas tem uma forma específica de se viver a religião e espera-se que todos os fieis vivam a religião exatamente de acordo com as regras estipuladas por essas Igrejas. Nelas formam-se grupos homogêneos, entretanto, têm-se várias Igrejas diferentes. Com a Igreja Católica acontece justamente o contrário: ela consegue congregar um grande número de fieis, passando assim uma imagem de Instituição coesa, mas dentro dela existem muitos modos de se viver a religião. Ou seja, qualquer um pode participar da Igreja Católica e, dentro dela, se diferenciar a partir de uma variedade de grupos e categorias diferentes (BRANDÃO, 1988; SOFIATI, MOREIRA, 2018).

Brandão (1998) identifica três formas de se caracterizar a religião católica no Brasil quando se é questionado acerca da religião: dizer simplesmente que se é católico; que se é católico praticante; ou que se é católico, mas não se pratica a religião. Para Brandão (1998), ser católico simplesmente significa ter conhecido a religião por meio de tradições familiares e participar de ritos de passagem que a Igreja proporciona, como casamento e

batismo, mas não significa ter um real envolvimento com ela, sendo o vínculo, portanto, nominal. O católico praticante, por sua vez, modela a sua identidade a partir de crenças e doutrinas oficiais da Igreja, respeita a hierarquia, e precisa da Igreja para poder concretizar a sua identidade de católico. Já os católicos não praticantes são os que vivem a religião à margem dos significados simbólicos propostos pela Igreja e têm a sua própria interpretação como fonte legítima de explicação religiosa. Para Brandão (1998) é de se esperar que isso aconteça em um país no qual o catolicismo teve uma frouxa relação cotidiana entre os fieis e o clero religioso, bastando o rito do batismo para poder se incorporar a esta identidade.

Brandão (1988) coloca ainda que a identidade é uma estratégia simbólica de se lidar com o poder e só faz diferença na medida em que é compreendido o peso de seu significado em uma determinada cultura. Também nesse sentido, Bourdieu (2008) entende que o interesse da apresentação de si em determinada forma é proporcional às vantagens e aos lucros materiais e imateriais (simbólicos) que se pode esperar como retorno, e também dos aos custos econômicos e culturais que essa representação gera. A prática transfigura a estrutura que o indivíduo se insere, e, muitas vezes pode ser simplificada pela nominalidade declarada.

Ou seja, declarar-se católico é fazer-se incluído em determinado grupo, que, assim como qualquer outro grupo, cumpre uma função dentro da sociedade. Essa funcionalidade depende, sobretudo, do peso que esse grupo tem em determinada estrutura (Bourdieu, 1992). Portanto, se se faz relevante “dissimular” a participação nesse grupo, é porque o seu peso dentro da estrutura em questão é grande. Esse é justamente o ponto de Sofiati e Moreira (2018). Para esses autores, mesmo com a queda de aderentes ao catolicismo entre um Censo e outro, ainda há uma forte presença do catolicismo na cultura do país, nas inter-relações sociais e na vida cotidiana do aderente à religião (e mesmo dos não aderentes); são pontos que não dependem do número de adeptos da religião.

Apenas dados estatísticos não são suficientes para nos fazer entender a influência e o peso do catolicismo na sociedade brasileira. Para Sofiati e Moreira (2018) ainda há uma força muito grande do catolicismo em nossa composição cultural, uma influência que nos marca, principalmente a partir do catolicismo popular, justamente por este sofrer influência de religiões brasileiras de outras matrizes culturais que não a cristã, mas a indígena e a

africana. Ou seja, o catolicismo sincrético ainda tem muita força no desenho da nossa cultura.

Para Azevedo (2002) não havia outra possibilidade para o catolicismo no Brasil que não fosse a sua pluralidade e diversidade complexa, justamente por conta de como o cristianismo se desenvolveu no Brasil. Para este autor, mesmo que a maioria dos brasileiros se professe como católico, há uma grande quantidade de fieis no Brasil que não liga muito para a Igreja, e para ele isso representa não a morte, mas justamente a vivacidade do catolicismo. Ele nota que o catolicismo é desde há muito tempo vivido no Brasil com “muito santo e pouco sacramento, muita reza e pouca missa, muita devoção pouco pecado, muita capela pouca igreja” (AZEVEDO, 2002, p. 14), sendo, sobretudo, uma religião sincrética com a matriz indígena e africana.

Para Azevedo (2002) não há no catolicismo brasileiro muito peso sobre os conceitos de culpa ou salvação, céu ou inferno. Ele enxerga o catolicismo como uma religião contraditória: um país “muito religioso” regado por um anticlericalismo. O autor reconhece que se sobressaem no catolicismo brasileiro bonitas palavras e atos exteriores que não habitam a mente cotidiana dos cidadãos e que são transmitidos de geração em geração com uma força cada vez menor, caracterizando assim um catolicismo puramente nominal. O autor coloca, ainda, que os católicos ortodoxos no Brasil não são maioria: a grande massa de católicos é ignorante em matéria de religião, o seu conhecimento vem da transmissão da geração passada e há uma adaptação dessa fé passada, ao cotidiano atual. Para Azevedo (2002) a instrução religiosa de fato se dá entre as crianças que frequentaram a catequese e que aí aprendem a memorizar passagens bíblicas e algumas respostas à perguntas pré-determinadas até o dia da primeira eucaristia, cessando então seu interesse pelo conhecimento católico nesse dia.

Para todos, entretanto, existe a noção de catolicismo oficial que remete à maneira institucionalizada e, portanto, supostamente legítima de se viver a religião. Em oposição a esta existe o catolicismo popular, que é aos olhos dos ortodoxos uma maneira desqualificada de se viver a religião. O catolicismo, portanto, lida com uma variedade de identidades dentro da própria religião, variedade essa que se enxerga inclusive autônoma do catolicismo oficial, influenciando muito mais os indivíduos na construção da identidade católica do que a tradição oficial (BRANDÃO, 1988).

Teixeira (2005) segue na mesma linha de Brandão (1988) ao colocar que o catolicismo no Brasil não é homogêneo, que aqui se falam em “catolicismos” e não em um catolicismo apenas: há o erudito, o oficial, o rural, o santorial, o popular, o urbano, entre outros. As maneiras específicas de viver o catolicismo podem ser consideradas como um sistema religioso paralelo, autônomo em relação à instituição católica ou catolicismo oficial. Há um apego aos rituais de passagem, aos objetos simbólicos, aos santos e aos milagres. Dessa forma, o catolicismo oficial se encontra em declínio, o que não quer dizer que o catolicismo como um todo esteja declinando (TEIXEIRA, 2005; SOFIATI, MOREIRA, 2018).

As experiências pessoais agora contam muito mais para a adesão à religião do que outros aspectos, como a tradição familiar, e por isso há uma maior mobilidade dentro da própria religião e também entre outras religiões. A tendência é que o catolicismo oficial conviva com um catolicismo que assume uma configuração própria em crença, rituais e dogmas, fugindo do significado fechado da tradição oficial. O catolicismo atrai justamente porque permite ao indivíduo “ser” sem “participar”, ou ainda participar à sua maneira. Essa plasticidade de se viver o catolicismo deriva de um amplo espectro de se comunicar com o sagrado dentro do catolicismo (TEIXEIRA, 2005).

Para Camargo (1973), os próprios fiéis percebem a existência de níveis diversos de adesão à vida religiosa ao se autodeclararem como “católico não praticante” ou “católico praticante”. Em relação a essa categorização dentro da religião católica, Brandão (1992) nota que em relação à pergunta “qual a sua religião?”, a resposta, quando situada dentro da religião católica, envolve correntemente algum tipo de explicação: não praticante, praticante, participante, etc. Essas respostas nos mostram que ser católico significa, em primeiro lugar, excluir-se da participação em outra religião. Entretanto, em um segundo plano é uma anunciação da influência daquela religião na vida do indivíduo, é a delimitação dela dentro de sua identidade, por isso essa resposta costuma vir com algum tipo de explicação quando se diz respeito ao católico.

Essas categorias vêm sendo estudadas pela literatura há algum tempo, e por ser o foco deste trabalho o catolicismo nominal, apresentarei brevemente o pensamento de quatro autores que refletem acerca desse modo de se viver a religião, denominando de

diferentes formas um fenômeno que parece ser muito similar, percebido não só por estudiosos da sociologia da religião, mas também pela própria população.

Thales de Azevedo (1983) classifica como *catolicismo nominal* o catolicismo que para o indivíduo tem uma ligação muito superficial com a Igreja, uma vez que se considera independente dela. A sua ligação está, sobretudo, na tradição: em festas e celebrações, ritos que marcam passagens importantes da vida como o batismo, o casamento e o funeral. Ainda assim, essa identificação com a Igreja é muito superficial e altamente transitória. O termo *catolicismo nominal* inclusive foi proposto pela própria Igreja Católica para designar aqueles que estavam ligados a ela de forma fraca, mas que ainda assim se assumiam dessa forma quando questionados acerca da sua religião.

Hoornaert (1972) denomina de *catolicismo ostensivo* o catolicismo assumido para ser mostrado na vida pública, mas não necessariamente vivido de forma sincera. Ele entende que essa denominação e a ampla adesão ao catolicismo são consequência de uma alta imposição de formas a serem seguidas, sem que necessariamente essas formas tenham sido acompanhadas de explicação do conteúdo que as compõe, fazendo inclusive com que ser católico representasse uma questão de vida ou morte no Brasil colônia e império. O catolicismo, nesses períodos, é uma “religião obrigatória”, ou seja, essencial para manter e garantir a vida e, mais que isso, para garantir o sucesso e a inserção social do indivíduo. Por isso ostensivo, pois ele representa de fato uma prática que se buscava ostentar no espaço público, cumprindo a necessidade imposta de se “ser muito católico”.

Francisco Cartaxo Rolim (citado por SÜSS, 1979) divide em três níveis o que ele entende como sistema cultural católico, sendo o primeiro deles e, conseqüentemente o mais superficial, o nível ideológico, no qual Süss (1979) entende que caberia o catolicismo nominal de Azevedo. Nesse nível ele entende que declarar-se católico é um instrumento de prestígio social e político, sem influência na conduta e nas ações individuais, tornando-se assim um catolicismo puramente proclamatório. Na realidade, há maior interesse em se servir do catolicismo do que servir a ele, busca-se defender os próprios interesses através da religião.

Büting (citado por SÜSS, 1979), ao estudar as motivações como princípio da ação religiosa, mapeia como motivação primária o desejo do indivíduo de servir-se dos santos

para resolver seus problemas cotidianos. A ação religiosa aqui é motivada por um resultado que leve a um benefício concreto, colocando em uma posição de obrigação muito mais o santo que o próprio crente. O maior papel da Igreja, nesse sentido, é mediar a conexão do indivíduo com o além-mundo, com Deus. Não há necessariamente um desejo de se inteirar dos ritos e do conteúdo religioso, o mais importante é que a religião esteja a serviço dos interesses do indivíduo, e que possa para este dar contrapartidas concretas.

Existem outros autores ainda que abordam essa questão do catolicismo nominal e das diversas classificações identitárias do catolicismo, que falam do catolicismo popular e do sincrético, do ortodoxo e do praticante, mas o objetivo aqui não é esgotar este assunto e sim apresentá-lo para que faça sentido o objeto de nossa pesquisa. Todas essas formas de catolicismo existentes evidenciam que a força do catolicismo, assim como sua fraqueza, consiste em deixar as suas fronteiras fluidas, permitindo que muita gente entre, justamente porque não é cobrada uma forma específica de se viver a religião, podendo-se, inclusive, vivê-la concomitantemente a outra, ou seja, ser católico e budista ao mesmo tempo, ou católico e umbandista ao mesmo tempo (SOFIATI, MOREIRA, 2018). A esse fenômeno, Sofiati e Moreira (2018) denominam de duplicidade das adesões e é justamente esse mecanismo uma das evidências da força da cultura católica no país: a influência do catolicismo no Brasil ultrapassa os espaços nominalmente católicos. Por conta das fronteiras flexíveis do catolicismo nada precisa ser seguido à risca dentro dessa religião.

Por isso Sofiati e Moreira (2018) sugerem que pensemos a continuidade dentro da descontinuidade, a permanência diante das mudanças. Para tanto, os autores concluem que não se pode estudar a sociologia do catolicismo pensando apenas em uma sociologia da Igreja Católica, é preciso ir além, olhar para as multifaces do catolicismo em nossa sociedade. Para eles é preciso diferenciar instituição católica de cultura católica, e ainda de uma prática leiga, sócio religiosa. A partir dessa concepção de que são diversos os catolicismos e todos eles têm em algum grau uma referência a instituição católica, Sofiati e Moreira (2018) se perguntam de qual lado vem o decréscimo do catolicismo na sociedade brasileira. A hipótese desses autores é que ela se dê justamente entre o grupo de católicos não praticantes, uma vez que estes são os que parecem aderir concomitantemente a outras religiões, transitar entre o catolicismo e a descrença.

Justamente sobre os católicos não praticantes será este trabalho. Se nos dados quantitativos o catolicismo é a religião majoritária, em uma análise qualitativa dessa religião o que se observa é uma grande plasticidade de sua vivência: é uma religião que envolve muitas religiões, tem dentro de si um pluralismo não só de outras religiões, mas de vivência mesmo das próprias tradições oficiais. A ideia é justamente colocar uma lupa nessa categoria e estudá-la mais profundamente: como os indivíduos que se classificam nessa categoria se percebem ligados ao catolicismo, e em que aspectos se distanciam deste? Quais narrativas autobiográficas constroem para a constituição da sua identidade religiosa? O que entendem por um católico praticante, uma vez que estão se definindo como não praticantes em relação a estes? Como transitam na religião, de que forma a levam para suas vidas cotidianas? Essas são algumas questões que são colocadas neste trabalho.

A presente pesquisa tem como objetivo, portanto, compreender como se dá a construção da identidade de católicos não praticantes, como estes vivenciam e significam rituais, valores e práticas do catolicismo atualmente. Ao final deste trabalho, na conclusão, se montará um tipo ideal do católico não praticante a partir dessas informações colhidas nas entrevistas realizadas. A análise das entrevistas está dividida em três eixos: a socialização na infância do indivíduo, a vivência da religião em um mundo secularizado e a dispensa que esses indivíduos têm para com a autoridade religiosa. Cada um desses elementos será discutido detalhadamente nos capítulos a seguir e a partir de seus elementos mais relevantes construiremos esse tipo ideal. Neste trabalho, portanto, estaremos colocando uma lupa sobre essa categoria, compreende-la melhor é uma maneira de compreender melhor o catolicismo como um todo: a sua intensidade neste país, sua influência, sua significância e seus limites.

2. Metodologia

Nesta segunda parte da introdução, como colocado no início deste texto, tratarei da metodologia deste trabalho. Desta forma começarei mostrando como cheguei ao meu universo estudado, em seguida apresentarei o roteiro de entrevista utilizado, a seguir apresentarei brevemente cada pessoa entrevistada e, por fim, discorrerei um pouco sobre como se deu a análise que será lida nos próximos três capítulos.

2.1 Seleção da amostra

Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas 11 pessoas autodeclaradas como católicas não praticantes. Me limitei a 11 entrevistas uma vez que a partir daí as respostas já começaram a se repetir, entendendo que havia sido exaurido o conteúdo proposto, ao menos a partir das questões levantadas. O mecanismo base de identificação dessas pessoas foi um formulário elaborado no google forms e enviado à listas de e-mail de alunos de diversas pós-graduações da Universidade de Brasília em outubro de 2019. A pesquisadora foi presencialmente à 13 Programas de Pós-graduação desta Instituição e pediu que se enviasse o formulário da sua pesquisa de mestrado à lista de e-mail de alunos. Claro que nem todos os departamentos de pós-graduação acolheram o pedido, mas os que acolheram foram suficientes para produzir a amostra desta pesquisa.

O referido formulário era um meio para alcançar pessoas que se autodeclarassem como católicas não praticantes. Para tanto, no formulário era preciso assinalar qual era a sua religião. Podia-se escolher entre: Islâmico, Protestante, Católico (a), Católico (a) não praticante, Judaísta, Budista, Espírita e Umbandista. Também era obrigatório informar o nome, e-mail, região administrativa na qual se residia, idade e o gênero. Foram obtidas 139 respostas, das quais 15,1% foram “católico (a) não praticante”, ou seja, 21 pessoas. Foi a partir desse universo que foi montada organizada a amostra de entrevistados: aos que marcaram “católico(a) não praticante” eu entrei em contato via e-mail, explicando o objetivo da pesquisa e solicitando uma entrevista. Desses, 8 se prontificaram a ser entrevistados para a pesquisa.

Aos poucos as entrevistas foram sendo marcadas e realizadas, em sua maioria na UnB. É preciso ressaltar, entretanto, que três entrevistados não são alunos da UnB e não cursavam pós-graduação: Cristine, Augusta e Ezequiel (nomes fictícios, assim como todo ao outros da amostra) foram indicações de colegas que me disseram conhecer alguém que era católico não praticante. Como todos os outros oito entrevistados estavam cursando alguma pós-graduação na Universidade de Brasília, acredito que isso possa ter facilitado o aceite em participar da entrevista.

2.2 Instrumento de pesquisa

Apresento o roteiro da entrevista semiaberta para que o leitor possa ter uma ideia de como foi a condução da entrevista e a que perguntas estou me remetendo à medida que transcrevo as respostas dos entrevistados. A entrevista constou de dois blocos: um relativo à construção da identidade católica dos entrevistados, com 15 questões, e outro com 12 questões, abordando as suas práticas, valores e rituais, bem como os significados subjacentes a estes.

Bloco 1 - Construção da Identidade religiosa

1. Há quanto tempo você é católico (a)?
2. Como o catolicismo foi introduzido na sua vida? (Tirando os pais, o resto da família é católica?)
3. Fez catequese? Ficou algum ensinamento marcante? Poderia contar um pouco sobre essa experiência?
4. Realizou primeira comunhão?
5. Realizou crisma?
6. Como foi esse processo de catequese até a crisma para você? Foi relevante/importante? O que sentiu?
7. Quando/Como se deu conta de que era um “católico não praticante?” (há quanto tempo se identifica assim?)
8. Porque foi deixando de praticar a religião?
9. Já frequentou outras religiões? Quais? Como foi?
10. Você diferencia religião de religiosidade (ou espiritualidade)?
11. Independente do catolicismo, qual o espaço que a religião/religiosidade ocupa na sua vida hoje?
12. E em relação à religião católica, ela afeta a sua vida hoje? De que forma? Qual o espaço que ela ocupa?
13. Em que espaços a sua identidade católica vem à tona? Como você se comporta nesses lugares? (De alguma forma altera seus comportamentos?)
14. Tem filhos? Passaria a religião aos seus descendentes?
15. De alguma forma a religião católica ou ser católico já lhe foi útil? (materialmente, socialmente, emocionalmente).

Bloco 2 - Práticas católicas, valores e seus significados.

1. Você acredita em Deus? Como ele é pra você? (Tem um formato católico?)
2. Você vai a Igreja? Com que frequência? Em que situações e com quais objetivos? Quando vai, como é a sua experiência de ir?
3. Você tem o habito de rezar?
4. Você lê a Bíblia?
5. Cultua algum santo?
6. Frequenta festas católicas?
7. Tem padrinhos? Qual a sua relação com eles? Isso é importante pra você?

8. Quando alguém te fala que é católico, o que você entende por isso?
9. Quando você diz que é católico (a), o que espera que os outros entendam por isso?
10. Segue valores do catolicismo? Que valores seriam esses?
11. O que você não pratica do catolicismo?
12. Você acredita que a falta de prática te faça menos católico que os católicos praticantes? O que diferencia vocês? (O praticante do não praticante. O que é praticar a religião?)

2.3 Caracterização da amostra: apresentação dos entrevistados

Antes de apresentar individualmente cada entrevistado, apresento aqui um panorama geral do quadro de entrevistados. Para a realização do presente trabalho foram entrevistadas 11 pessoas, seis mulheres e cinco homens. Contamos com uma amostra bem variada em questão de idade: temos desde os 25 anos de idade até os 55, isso será interessante para avaliar se a vivência dessa categoria tem relação com a faixa etária. Podemos notar também, pelo local em que vivem atualmente, que esta amostra se caracteriza como classe média. Além disso, percebemos que a maioria dos entrevistados estudou em escola católica (7), que mais ou menos metade, é casado(a) (vive com cônjuge) e tem filhos (5 dos 11 para as duas questões), e que também quase a metade (5) é originário de outra cidade que não Brasília. Estes, portanto, são os marcadores sociais em que se baseará a presente pesquisa em que a categoria em questão é analisada.

É importante colocar ainda que todos os entrevistados receberam pseudônimos, apenas o nome da presente pesquisadora (Marina) é real durante a transcrição das falas das entrevistas. Para que nos capítulos de análise possamos expor as falas de cada entrevistado sem estar situando constantemente o contexto de cada indivíduo, apresentarei aqui brevemente a cada um. Começamos, então, pelas mulheres, passando em seguida aos homens.

Luciana tem 40 anos e nasceu em Caicó, no Rio Grande no Norte. Cresceu a primeira infância em São Miguel, mudou-se ainda na infância para Currais Novos e com 12 anos foi morar em Natal. Ela conta que cresceu em família católica, e que a cidade de Currais Novos, na qual passou a maior parte de sua infância, era uma cidade com tradições católicas fortes, sendo as festas católicas os grandes eventos da cidade. Durante a sua infância estudou em escola de freiras, aonde fez sua catequese e primeira comunhão, entretanto não chegou a se crismar, visto que ao alcançar a idade de realizar a crisma já não estudava mais na escola de freiras. Luciana mora em Brasília há nove anos, no Plano

Piloto, com seu marido (também católico não praticante) e mais dois filhos (o mais novo com 11 anos e o mais velho com 22 anos). Entretanto, ela não se casou na Igreja Católica, o que faz a sua avó dizer que ela vive “em pecado”. Seus dois filhos foram batizados, entretanto apenas o primeiro estudou em colégio de padres, assim como ela estudou na infância em um colégio de freiras. Não chegou a colocar os filhos na catequese, mas os ensinou a rezar desde pequeninhos. Hoje a religião em sua vida é esporádica, vivenciada, sobretudo, quando vai à Natal visitar a sua família. Em seus nove anos de Brasília, diz ter ido à missa apenas uma vez, e por isso se caracteriza como não praticante.

Amanda tem 25 anos e nasceu em Goiânia, onde viveu até antes de iniciar seus estudos na graduação em arquitetura na UnB. Amanda conta que toda a sua família é católica, apesar de identificar os seus pais também como católicos não praticantes. Amanda estudou em escola de padres da alfabetização até o fim do ensino médio. Ela relata que Goiânia é uma cidade muito tradicionalista, intensamente católica, e que as melhores escolas da região são as escolas religiosas. Na infância, ainda cedo, entre 10 e 12 anos fez a catequese e a primeira comunhão, mas não chegou a crismar, dizendo que com 15, 16 anos já não tinha tanto sentido a instituição. Atualmente mora em Brasília, no Plano Piloto, não é casada e nem tem filhos. A sua prática religiosa se dá ainda muito em função das suas visitas à família em Goiânia, mas diz não ter aqui mais nenhum hábito religioso, nem de rezar ou frequentar a missa. Toda sua conexão com a religião se resume à conexão com a sua família.

Carla tem 55 anos e nasceu em Esmeralda, Minas Gerais, uma cidade próxima a Belo Horizonte. Ela conta que em Esmeralda a vida religiosa se confundia com a própria vida social da cidade, lembrando-se das festas, das Igrejas, das procissões, e até dos bingos beneficentes. Toda a sua família era muito católica, apesar de identificar a sua mãe como praticante e responsável por iniciar os três filhos na religião, já o seu pai ela identifica como um tanto quanto distante da religião, sem prática religiosa. Ela nos conta que estudou em escola pública em uma época em que toda a escola pública era religiosa. Muito nova, portanto, foi introduzida aos ritos católicos por sua mãe, cumprindo-os a partir da idade permitida, o que em sua opinião foi muito cedo: a catequese fez com sete anos, logo em seguida fez a primeira comunhão e crismou-se com 15 anos. Foi por volta dessa idade (15, 16 anos) que se mudou de Esmeralda para Belo Horizonte, aonde passou a morar com uma

tia. Ela relata que a partir desse momento já se identificava com a categoria de não praticante; apesar de ter se crismado na mesma época, conta que o fez obrigada pela mãe. Hoje mora em Brasília, também no Plano Piloto, tem três filhos (todos já grandes, batizados e com a catequese e primeira comunhão realizadas) e apesar de ser divorciada, diz ter se casado na Igreja em uma cerimônia “de fato” religiosa. Seu ex-marido também é católico, mas muito mais que ela em sua visão, chegando a afirmar que ele é “beato”. Hoje a sua frequência na Igreja é esporádica, mas para ela a religião não deixa de ser fundamental para desenvolver-se espiritualmente, e por ter vivido toda uma vida no catolicismo, ainda se sente conectada a este.

Augusta tem 28 anos e é de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Vem de uma família católica tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, mas foi a sua mãe quem realmente a introduziu na religião católica, uma vez que nos conta que, pelo seu pai, provavelmente a sua presença na Igreja não seria tão constante. Augusta estudou durante toda a sua infância e juventude em colégio religioso e foi introduzida aos ritos muito cedo, tendo feito todos eles: catequese, primeira comunhão e crisma. Hoje segue vivendo em Santa Maria (no Rio Grande do Sul) e é mãe de primeira viagem. Seu bebê (Júnior) não havia completado sequer um ano de vida na época em que a entrevista foi realizada. Júnior foi batizado há pouco tempo, mas Augusta diz que não pretende impor a religião a ele, assim como foi imposta a ela. Seu companheiro, pai de Júnior, também é católico por batismo, mas hoje se diz pertencente à religião “odinismo”, mesmo tendo feito todos os ritos básicos do catolicismo, se diz extremamente desacreditado neste. Augusta conta que começou a se afastar e questionar a religião por volta dos 18 anos, quando já não sentiu mais vontade de frequentar o grupo da Igreja de jovens adultos. Entretanto, foi o falecimento de sua mãe que parece tê-la afastado mesmo da religião, mas que também é um dos fatores que a mantém conectada a esta no presente: mesmo que a sua participação seja esporádica, ela nos conta que a religião a remete muito a sua mãe.

Ana tem 35 anos e é natural de Brasília, vivendo hoje no Guará. Ela nos conta que os dois lados de sua família são católicos, apesar de seu pai ser espírita. Identifica, entretanto, a família como um todo como sendo católica não praticante. Ana estudou em escola católica e bem cedo cumpriu os ritos do catolicismo: com menos de 10 anos já havia feito catequese e a primeira comunhão, e crismou-se aos 15 anos. Hoje Ana tem duas filhas

pequenas, uma de dois anos e outra de cinco, a qual já se encontra no mesmo colégio católico em que Ana estudou. Apesar de colocar a filha mais velha em um colégio católico, diz que a decisão de estudar na catequese e fazer a primeira comunhão será da filha, que a escolha do colégio é muito mais em função do que ele passa e por ter tido uma experiência boa com ele, que também deseja para as suas filhas. Ana vive com suas filhas e seu marido, com quem se uniu também por meio de uma cerimônia religiosa. Ela conta que o marido transita entre ser ateu e cristão, e que isso não a incomoda, pois não faz nenhuma valoração positiva ou negativa da religiosidade das pessoas. Afirma que é a espiritualidade que a mantém conectada com a religião, que depois de engravidar a sua conexão com a religião aumentou muito, pois passou a ter que confiar mais naquilo em que não tem controle.

Cristine tem 26 anos e é de Brasília, vive no Cruzeiro com a sua mãe e sua irmã, não é casada e nem tem filhos. Ela diz ter vindo de uma família católica (principalmente suas avós), mas conta que os seus pais são também não praticantes, apesar de a família de sua mãe ser de uma cidade (Urucuia, MG) em que o catolicismo é muito forte, o que também influenciou na sua criação, uma vez que visitava muito a cidade. Cristine não estudou em escola católica, e nem fez a catequese (apesar de ter iniciado, logo abandonou) ou a primeira comunhão quando era pequena. Recentemente viu-se com a necessidade de ter os ritos básicos cumpridos, uma vez que foi convidada por sua prima (e também grande amiga), a ser madrinha de sua primeira filha. Para tanto, Cristine, que já vinha se reaproximando do catolicismo por meio do encontro de jovens Segue-me, participou, em Urucuia (MG), de um curso que concedia permissão para que ela fosse madrinha. Com a permissão em mãos, então ela realizou o batismo, mas diz que ainda não sabe se se crismará, pois ainda não se sente à vontade com a doutrina. Por isso ela participou de outro encontro de jovens chamado EMAUS, no qual se confessou a um padre pelo seu ato “fora da lei cristã”, como ela mesma denominou, uma vez que para batizar alguém é necessário ser crismado. Essa narrativa ainda será mais explorada ao longo dos outros capítulos, mas era necessário que ela ficasse aqui clara para o leitor. Cristine sempre viveu o catolicismo esporadicamente, mas ainda considera essa religião a qual ela se sente identifica, por conta dos valores e também porque acredita em Cristo.

João tem 31 anos e é de Brasília, hoje vive no Plano Piloto. João vem de uma família católica, mas identifica como religiosa apenas a sua tia-avó, ex-freira e há seis anos falecida. Os seus pais ele diz serem católicos não praticantes, como ele. Apesar de não ter uma família muito religiosa, o catolicismo foi introduzido em sua vida cedo por conta de ter estudado até terminar o ensino médio em colégio católico. Apesar disso, não fez a catequese, nem a primeira comunhão e nem a crisma. Esses ritos só vieram ressurgir em sua vida quando ficou noivo e para “fazer um agrado para a sogra”, muito religiosa. Assim, resolveu participar de um curso intensivo de três meses para completar os ritos antes da data do casamento. Sua esposa, entretanto, também se identifica como católica não praticante, de modo que hoje a sua participação nos eventos religiosos se dá muito mais em função da família de sua esposa. Eles ainda não têm filhos, e ele diz que quando tiverem a religião não será imposta, mas que nem que ele não queira, sabe que ela acabará sendo introduzida na vida de seu possível futuro filho, pelo batismo, por exemplo. Apesar de não concordar com a religião católica em alguns aspectos, ele ainda se identifica com os valores do catolicismo, acha que a religião é importante para se ter um apoio emocional e eventualmente em ocasiões formais vai à Igreja.

Ezequiel tem 28 anos e é de Brasília, hoje vive em Águas Claras. Ele veio de família católica, apesar de identificá-la também como não muito praticante. Ezequiel começou a catequese, mas não a terminou: sua mãe dizia que ele poderia se resolver religiosamente posteriormente sem problemas, “não tinha que forçar”. De modo que ele não chegou a fazer a primeira comunhão e nem a crisma. Hoje Ezequiel se encontra noivo, sua noiva é católica praticante, assim como a família dela. O casal ainda não tem filhos, e a cerimônia do casamento provavelmente se dará em cenário religioso, o que pode fazer com que ele retome os ritos, mas por hora não há esse interesse. Apesar de se identificar como não praticante por conta de não estar presente nos ritos semanais, para Ezequiel mais vale um católico que esteja cotidianamente colocando os valores do catolicismo em prática do que aquele que participa de todos os ritos, mas não absorveu os ensinamentos da religião. Por reconhecer que vive o catolicismo no seu dia a dia, ele se considera católico, e nos adverte que, por vezes é mais católico do que os católicos praticantes, que praticam a religião apenas na Igreja.

Marcos tem 39 anos e é do Rio de Janeiro, mas veio muito cedo para Brasília e mora hoje no Jardim Botânico no Lago Sul. O catolicismo entrou em sua vida por conta de sua família, que é católica por parte de pai e de mãe, e também por conta de ter estudado no colégio militar aqui em Brasília, que é um colégio católico. Aí mesmo no colégio cumpriu os ritos básicos do catolicismo com cerca de 12 ou 13 anos: fez catequese e a primeira comunhão, entretanto não se crismou. Marcos diz não gostar de ir à Igreja ou de assistir missas. Conta ainda que ia mais quando era novo, por conta da insistência de sua mãe, mas que sempre se considerou como não praticante. Marcos está hoje no seu segundo casamento, que só pode acontecer no civil por já ter se casado anteriormente na Igreja. Ele conta que a família de sua esposa é muito católica, sobretudo sua sogra, que é catequista. Sua esposa também é religiosa, católica praticante, apesar de não estar no mesmo nível que sua mãe, ainda assim é praticante e gostaria de ter se casado na Igreja. Ele e sua esposa atual não têm filhos, nem ele chegou a ter filhos no primeiro casamento, mas se vier a ter considera que alguns ritos seriam inevitáveis de serem passados, como o batismo. Por fim ele se considera católico pelo que é pregado na Igreja, mas não pelo modo que é pregado; ele dispensa as imposições, as regras e as proibições da Igreja Católica, mas acredita em Deus e naquilo que é pregado dentro desta.

Rodrigo tem 34 anos e é de Brasília, hoje mora no Plano Piloto. Ele vem de uma família católica, apesar de identificar em sua mãe uma estudiosa de várias religiões, e de o seu pai já o ter levado ao candomblé quando pequeno e ainda frequentar o espiritismo. Rodrigo não chegou a concluir os ritos de iniciação do catolicismo. Ele conta que iniciou cedo a catequese, quando tinha por volta de 11 ou 12 anos. Nesse período tentou fazê-la por duas vezes, mas em nenhuma chegou a concluir; conta que não tinha muita vontade e que ia muito mais por pressão familiar, principalmente de sua mãe. Hoje ele é casado com uma católica praticante com quem tem duas filhas pequenas. O casamento se deu também como cerimônia religiosa e, para tanto, foi necessário que ele fizesse um curso de noivos. Posteriormente teve que fazer um curso também para ser padrinho, mas nenhuma dessas cerimônias exigiu dele que fizesse catequese, primeira comunhão ou crismasse. Rodrigo acha que é importante e legal acreditar em alguma coisa e por isso passa a religião a suas filhas, rezando com elas sempre que as coloca para dormir e indo à Igreja pelo menos duas vezes por mês com toda a família. Apesar de ter as suas discordâncias para com o

catolicismo, Rodrigo considera que a religião tem ensinamentos importantes e a sua presença esporádica com a família o fazem católico, mesmo que não praticante.

Rafael tem 26 anos e é de Brasília, vive hoje em Águas Claras. Ele vem de uma família católica, sendo os pais seus introdutores na religião. Ele conta que foi obrigado por seus pais a fazer a catequese, da qual foi expulso por sua tia que era a professora. Já na adolescência houve uma segunda tentativa, mais uma vez por insistência da sua mãe, mas também não chegou a terminar. Rafael, portanto, não chegou a se crismar, nem a realizar a primeira comunhão. Ele tem noção, entretanto, que terá que retomar esses ritos quando for se casar, uma vez que sua namorada é católica e deseja casar-se na Igreja, mesmo que para ele essa cerimônia religiosa não tenha muito significado. Rafael admite que se sente muito apegado ao rótulo “católico”, ele entende que já não é mais católico, mas ainda assim não consegue abandonar essa classificação. Esta é ainda uma parte de sua identidade. Por menor que seja a sua frequência na Igreja, e mesmo dizendo que nunca gostou muito de ir à missa, diz que quando vai sente-se renovado, e sabe que a religião é útil em momentos difíceis, por isso considera que toda a religião é válida.

2.4 Procedimentos de análise

Feito esse perfil geral da nossa amostra, a análise das entrevistas será realizada, portanto, a partir de um diálogo com a teoria que referencia as grandes temáticas identificadas. É claro que, ao longo das entrevistas, dada a sua característica de semi-estruturadas, algumas questões foram tomando mais importância em detrimento de outras. É importante colocar ainda que nem todas as respostas foram transcritas integralmente aqui, uma vez que nem todas as falas se fizeram relevantes para o propósito deste trabalho, o que notei não apenas na realização das entrevistas, mas também ao transcrevê-las. Por isso, organizei tematicamente aquilo que foi dito por cada sujeito, de modo que evidencio em cada capítulo as falas do assunto que fazem referência ao tema que está sendo abordado.

As entrevistas nos possibilitaram desenhar um *tipo ideal* do católico não praticante. Ao final de cada capítulo de análise das entrevistas serão pontuadas essas características objetivamente, para que a construção desse tipo ideal vá fazendo sentido ao longo do trabalho. Segundo Freund (2010), para Weber o tipo ideal não se trata de um pensamento que corresponde exatamente à realidade, mas é um conceito que terá a capacidade de guiar

o nosso pensamento, a nossa compreensão do mundo. O intuito não é generalizar tudo ou todos que se identifiquem com o tipo ideal em questão, mas buscar agregar as características gerais de uma determinada categoria à partir de um determinado tempo histórico em um conceito, conceito esse que sirva de significante naquele tempo-espaço (FREUND, 2010).

A sua construção será sempre uma utopia, raramente será encontrada na realidade empírica, pois ele é a representação de uma realidade histórica singular, que por meio de um desenho utópico reforça os traços mais característicos de uma realidade, organizando assim uma significação que é confusa e caótica na existência (FREUND, 2010). Para Weber (FREUND, 2010) o tipo ideal é um instrumento de pesquisa e estudo, e ele deve ser descartado e refeito na medida em que não atender mais a investigação em questão, se tornando assim inútil, não falso, apenas não mais correspondente a um tempo sócio-histórico. Nenhum conceito histórico é eterno e, por isso, ele não pode ser definitivo. O tipo ideal é, portanto, uma aproximação da realidade, desenhado a partir de traços característicos significativos da singularidade, que nos proporcionarão uma medida da vida empírica, uma vez que contém em si os traços mais importantes de uma categoria unidos em um conceito (FREUND, 2010).

Para Camargo (1973) é um problema sociológico conhecer os graus de integração dos católicos para com a Igreja, pois a variação dessa participação mede o grau de integração do indivíduo com esse grupo. Sob o ponto de vista sociológico, o autor aponta que importa elaborar uma tipologia que corresponda às modalidades primordiais da religião católica no país. São tipologias que visam subdividir o complexo fenômeno do catolicismo brasileiro em aspectos que apresentem unidade quanto ao conteúdo e funções sociais. A questão é analisar o catolicismo não como doutrina ou crença, mas de entender como os indivíduos se comportam e se situam em relação à religião. O catolicismo no Brasil assume uma fisionomia variada a depender da classe social, dos antecedentes culturais e da experiência histórica. Para Camargo, portanto, as várias formas de catolicismo devem ser entendidas como tipos ideais.

Como Weber propõe (1992), o que será feito neste trabalho será recortar uma pequena parte da realidade para buscar o entendimento de seu significado cultural e suas relações causais, o que pode ser feito através da identificação de regularidades individuais

e por meio do estudo da história. Para Weber (1992), buscar leis que nos permitam o entendimento das causas é um meio de organizar este caos que é a realidade em que nos encontramos. A pesquisa científica social deve buscar significados culturais gerais de estruturas sócio econômicas da vida social humana e fazer uma ponte desta com as suas formas históricas de organização, prezando por uma análise qualitativa dos fatos.

As relações sociais que são responsáveis por manejar esses materiais que estão sob o domínio de uma cultura e, portanto, é preciso analisar essa cultura para entender os meios materiais e suas relações em circulação. Weber (1992) entende que para se fazer possível compreender essa cultura é preciso buscar compreender o significado dos objetos no presente por meio da formação histórica desses objetos, atribuir a fenômenos culturais causas históricas concretas a partir de um material teórico que permita essa observação.

Ao final deste trabalho, portanto, teremos desenhado um tipo ideal do indivíduo católicos não praticante e faremos uma conexão desse tipo ideal com a história do catolicismo apresentada no primeiro capítulo. Desta forma, se buscará tornar inteligível as causas e o significado de ser não praticante: como se desenvolveu e porque se tornou importante no presente, buscando a partir de estudo histórico e das particularidades individuais a formação do coletivo.

Capítulo 1 – Introdução do Catolicismo no Brasil

Neste primeiro capítulo busco apresentar brevemente a atuação da Igreja Católica no Brasil durante o período colonial, para que possamos pensar quais as marcas que a colonização deixou em nós do ponto de vista religioso, associando-as assim, com a presente categoria de católico(a) nominal não praticante. A partir da observação de Hoornaert (1978) de que o catolicismo foi uma “religião obrigatória”, uma questão de vida ou morte no novo mundo, busca-se aqui evidenciar esse processo de forma breve e objetiva.

Para entender o surgimento do catolicismo nominal, ou ostensivo na linguagem de Hoornaert (1978), ou seja, para entender o significado dessa categoria especificamente no Brasil, faz-se necessário estudar as condições de sua origem como um dos fatores que nos possibilita compreender a vivência e a relação que os indivíduos possuem com essa categoria religiosa atualmente. A imposição das formas mais do que a preocupação com o desenvolvimento do seu conteúdo, como consequência da própria submissão do catolicismo à coroa, se mostra como uma herança da vivência religiosa ainda hoje. Uma vez que a religião católica nesse período se mostrou, como colocado por Hoornaert, como a própria possibilidade de viver do indivíduo, ela se desenvolveu como um mecanismo de integração social. Este capítulo discutirá, portanto, o desenvolvimento do catolicismo no Brasil, evidenciando nesse processo o surgimento da identidade nominal por meio de suas particularidades históricas (PAIVA, 2003).

Catolicismo e colonização.

A história da Igreja Católica no Brasil converge com a história da expansão portuguesa e colonização do novo Mundo. Segundo Hoornaert (1983), a expansão marítima para conquista de novas terras para Portugal e Espanha começa com o direito de padroado concedido pela Igreja Católica aos reis dessas nações. A partir desse marco, virou um dever da Coroa portuguesa, e mesmo a própria causa da conquista implantar a religião católica em qualquer terra a que a Coroa conseguisse se expandir.

Dessa forma a Coroa Portuguesa ficou com poder sobre a atuação do clero português, que foi cada vez mais deixando de responder a Roma e passando a se submeter a coroa, perdendo assim a sua autonomia em função da monarquia portuguesa

(HOORNAERT, 1983; PAIVA, 2003). O caráter missionário da expansão marítima se limitou a atuação dos jesuítas, mesmo porque a maior parte do clero para cá enviada não era tão bem preparada quanto estes: não tinha a capacidade de interação e de integração com os indígenas que tiveram os jesuítas, sequer vinham com esse interesse de conversão tão bem colocado. O interesse supremo de conversão cristã era mal visto pela Coroa, pois assumiria assim um papel de importância maior que o da colonização. Aqueles que mais se esforçaram exclusivamente por esse feito, os jesuítas, foram completamente expulsos em 1759, por acabar dificultando os interesses econômicos da colonização ao, por exemplo, tentar impedir a escravidão indígena.

Hoornaert (1983) demonstra que o intuito missionário era apenas aparente, ao ligar os ciclos comerciais aos ciclos missionários: primeiro a conquista e ocupação do litoral brasileiro acompanhada dos jesuítas. Depois o interior, o sertão, por meio do rio São Francisco, acompanhou a vinda dos Capuchinhos, dos franciscanos e de mais jesuítas. Seguido a esse, o Maranhão, o norte do Brasil, que teve como responsável em grande parte os carmelitas e os franciscanos. A função dessas duas ordens foi, sobretudo, segurar e garantir a fronteira. Por fim, as Minas Gerais, com um movimento católico missionário que veio acompanhar o garimpo, no qual predominaram as confrarias, guiadas majoritariamente por eremitas. O clero nas Minas perde sua função missionária, cria seminários como forma de contrapor e controlar a religiosidade existente, considerada como periférica e marginal por ter como característica a superstição e o fanatismo. Mesmo através do seminário, tentando impor um novo modo de viver a religião, a descrição de quem aí passou a respeito da vida religiosa nesse período é de um culto sem rigor, do “uso do rosário sem a reza, das palavras bonitas sem conversão” (HOORNAERT, 1983).

Em todos esses ciclos, a introdução do catolicismo se cumpria perante aqueles que aí se encontravam de maneira forçosa e imposta, dispersando ao atingir o seu objetivo (como segurar a fronteira, povoar uma localidade, controlar o a riqueza surgida, entre outros) o modo imposto de se viver o catolicismo se abrandava, o extremo controle era deixado em função da conquista e exploração da próxima região do momento. Dessa forma, a tendência após a explosão do ciclo comercial era mesclar o catolicismo existente com uma forma tradicional de se viver, bem menos controlada por um clero, uma vez que este mesmo já não se fazia mais tão forte e presente na localidade em questão. Para

Hoornaert (1983) esta é uma característica marcante da missão aliada a colonização.

Calainho (2006) vai ao encontro dessa avaliação ao demonstrar que a quantidade de Familiares (indivíduos integrantes do Santo Ofício no Brasil) em cada região era proporcional ao lucro da empresa colonial naquela localidade: a partir da metade do século XVII, a hegemonia econômica da região da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro fez com que atuassem nessa área uma média de 1200 Familiares.

O regime de padroado é outro indicativo dessa união entre colonização e Igreja, entre exploração e missão, uma vez que colocava nas mãos dos monarcas católicos a responsabilidade de ordenar as Igrejas Católicas pelas terras que fossem conquistando, justamente por dar-lhes o poder de chefe da Igreja. Durante o período colonial não houve comunicação entre os bispos das igrejas no Brasil e das Igrejas em Roma. O padroado foi, portanto, um momento em que instrumentalizou a Igreja no Brasil, subordinando-a a expansão colonial. Dessa forma, foram construídos conventos em terras ainda desocupadas, e a fundação de novos conventos foi proibida aonde se considerasse desnecessário (ou seja, aonde a empresa colonial já estivesse bem estabelecida). Esses conventos viviam de trabalho escravo, não admitiam pessoas nascidas no Brasil e, por vezes, ainda funcionavam como bancos para os grandes proprietários de terras. (HOORNAERT, 1983).

Por fim, a sua maior influência cultural sobre o Brasil se deu por meio da ideia do paternalismo assistencialista: Deus, identificado com o rei, que por sua vez era identificado com o senhor local. Este último era aquele que protegia, amparava diante de qualquer dificuldade, sustentava financeiramente e resolvia qualquer problema que se colocasse. O senhor local, o rei e Deus tinham a mesma forma de agir no Brasil Colônia: por meio do assistencialismo (HOORNAERT, 1983).

A grande propriedade era, portanto, uma expressão em miniatura da estrutura colonial: o senhor de terras representava uma autoridade suprema dentro de uma localidade, que tudo podia e tudo fazia, era o princípio do patrimonialismo, e era também o princípio da superpotência de Deus. Para o entendimento de quem morava naquela localidade do que era um poder supremo, era fundamental aquela imagem. Dessa forma a figura do rei estava ligada com a figura do próprio Deus cristão, e se sustentava pela figura do senhor local, fechando assim o ciclo de dependência da monarquia para com a religião e

com o poder local (HOORNAERT, 1983). O que esses três tinham em comum era o poder supremo, característica que os dava a responsabilidade de cuidar de todos, mas não a obrigação, difundindo assim a ideia de paternalismo e assistencialismo no Brasil (HORNART, 1983).

Apesar de a Coroa não depender economicamente da Igreja, ainda havia um forte vínculo. A Igreja sustentava a legitimidade de todo o processo, sem ela não haveria a figura do rei e nem do senhor local, imposta a todos que aí viviam. Não haveria, portanto, obediência. A subordinação em micro escala era uma forma de fazer o poder vertical se fazer presente em todas as relações, desde a familiar até a clerical (VAINFAS, 1989). A grande família, com numerosos filhos, muitos escravos, alguns agregados e parentes, teve influência direta da Igreja e do domínio que esta procurava ter cotidianamente perante os indivíduos. Desta forma reproduzia-se em micro escala o grande Estado, fazendo com que o próprio patriarca identificasse sua origem na monarquia de direito divino (VAINFAS, 1989).

Por fim, da mesma forma que o processo de colonização dependia do Catolicismo, ainda que de forma simbólica, para legitimar o seu poder e as suas ações, havia uma outra estrutura sem a qual não poderia se sustentar que poderia vir a entrar em conflito com o catolicismo: a escravidão. O latifúndio dependia da escravidão, e em 1600 por volta de 30 mil africanos já compunham a mão de obra desses grandes latifúndios. Evangelizar e escravizar era incongruente para os missionários, e quanto mais distantes ficavam os clérigos dos objetivos dos colonizadores, mais eram afastados dos cargos (HOORNAERT, 1983). Evidencia-se aqui o quanto a Igreja se subordinou a Coroa em um processo que, supostamente, respondia a evangelização.

A religião Católica era o pretexto, e a colonização a prática. Vainfas (1989) ressalta esse pretexto por meio de pessoas centrais nele inseridas em todo o processo, como o Padre Antônio Vieira quando este diz que “os cristãos tem obrigação de crer, mas o português tem obrigação de crer e propagar”; Pero Vaz de Caminha ao expressar que “acrescentamento de nossa santa fé como principal obra a ser feita na terra descoberta”; ou ainda Dom João III ao comunicar-se com Tomé de Souza dizendo que “o principal motivo de povoar o Brasil foi converter toda a gente a santa fé católica”. Passemos agora a cultura

trazida e estabelecida para cá, e a influencia desta na religião e na vivencia da religiosidade brasileira.

Catolicismo, moral e culpa.

Para compreender como se deu a formação da moral no Brasil a partir da influencia portuguesa, alguns pontos serão abordados nesta sessão: que tipo de clero foi para cá enviado (1), qual o comportamento que correspondia à suposta moral portuguesa (2), como os indivíduos aqui residentes respondiam a essas imposições morais (3), e, por fim, como a moral católica lidava com a principal parceria da empresa colonialista: a escravidão (4). Se buscará passar por esses quatro pontos com o intuito de compreender o que de fato a Igreja Católica tinha a propor para esse nova sociedade levando em conta as suas limitações de ação que a subordinação a Coroa colocavam, e como essas propostas de fato repercutiram nessas terras que já viviam uma cultura própria.

O clero enviado

Hoornaert (1983) nota que o quadro de pessoas envidas pelo clero para cá tinha uma baixa formação, de modo que dificilmente havia uma compreensão comum do que seria evangelizar alguém. Além da baixa formação, a impossibilidade de se atualizar piorava todo o quadro, qualquer informação, dependia do envio de Portugal para cá, e como a intenção de evangelizar por parte da Coroa não era das maiores, como foi visto na seção anterior, muito dificilmente os clérigos seguiam estudando no Brasil.

Hoornaert (1983) explica que já em Portugal havia uma grande dificuldade de encontrar quem pra cá quisesse vir no século XVI, sobretudo clérigos, o que fez que muitos dos que vieram fossem clérigos que já em Portugal tinham problemas na conduta, vindo para o Brasil tão somente com o proposito de enriquecer rapidamente e voltar, sem se preocuparem com o real desenvolvimento espiritual e religioso daqui. Hoornaert (1983) nota que na prática eles atuavam como funcionários públicos, pagos para realizar ritos (casamentos, batismos), mas com a “própria santidade faltando em sua conduta cotidiana” (HOORNAERT, 1983). As normas morais estabelecidas pela Igreja pareciam não ser cumpridas nem sequer em Portugal por esses clérigos: já ai havia demasiada liberdade e promiscuidade. Os próprios jesuítas chegaram a denunciar clérigos por conduta inapropriada, principalmente com as índias e com as africanas. A formação eclesiástica era

comprometida não só pela atitude dos clérigos como também pelo número limitado de dioceses e prelados, e pela longa vacância de bispos nas localidades, que por vezes ficavam 80 anos sem a regência de nenhum clérigo (HOORNAERT, 1983).

Vainfas (1989) nos recorda acerca do pensamento do próprio Padre Antônio Vieira em relação a alguns clérigos para cá enviados: “católicos do credo e hereges dos mandamentos”. O autor nota que costumes sexuais desses clérigos se pareciam em grande medida aos costumes dos indígenas, uma vez que não só o celibato não era respeitado, mas os estupros às índias e às negras fazia com que tivessem várias parceiras sexuais, não se comprometendo fielmente com ninguém, e, por isso, os igualando aos indígenas nesse aspecto, demonstrando ser “incivilizados”.

Ainda assim, o que era colocado era que as pessoas que aqui estavam não haviam atingido o mesmo patamar civilizacional que eles. O outro representava, portanto o marginal, a barbárie, a aberração. Ser cristão significava adotar a cultura portuguesa, e o outro só poderia ser visto como um filho de Deus depois que tivesse adotado a visão de mundo do europeu colonizador como verdade, o consenso eclesiástico se baseava tão somente nisso (HOORNAERT, 1983).

Não foi só o clero que chegou com essa visão: todos aqueles que embarcam para cá, vem supostamente com uma missão religiosa, e por isso, devem partir desse entendimento religioso. A doutrinação religiosa era, portanto, necessária aos olhos do colonizador, e o outro só poderia vir a se tornar digno de humanidade quando se convertesse. O pressuposto da conversão, entretanto, era se sujeitar aos portugueses. A evangelização no fundo era uma grande desculpa para se justificar a opressão e a escravização dos povos que aqui se encontravam. Não é difícil entender, assim, porque os jesuítas foram expulsos em 1759. Entre outros motivos, o seu método de evangelização propunha a vivência, via no nativo um sujeito cultural tanto quanto o português, e isso inviabilizava a escravidão (HOORNAERT, 1983).

Uma estrutura forte do período colonial que reforçou a colonização por meio da religião foram os aldeamentos. Para os missionários, os aldeamentos tinham o intuito de cristianizar povos indígenas, foram estruturas criadas em forma de pequenas aldeias com o intuito de levar indígenas para morar aí. Essa estrutura, entretanto, não teve sucesso. Ainda

que os aldeamentos buscassem uma proximidade com os indígenas, ele não deixava de ser um instrumento de colonização. Assim, os aldeamentos acabaram se tornando estruturas de recepção e instalação dos portugueses. A convivência dos jesuítas nos aldeamentos foi a metodologia que mais chance teve de ter êxito, exceto pelo fato de que os indígenas rejeitavam o catolicismo a todo custo (HOORNAERT, 1983). Azzi (citado por HOORNAERT, 1983) coloca que a adesão ao catolicismo por alguns indígenas podia configurar o seu entendimento acerca da entrada na sociedade dos colonizadores, ou seja, como um próprio meio de promoção social, ou até um meio de fuga da escravidão, mas que dificilmente a adesão era sincera pela fé católica, pois era bem sabido que a sua mais imediata consequência era a escravidão.

Outra tentativa de aproximação com os indígenas foram as santas missões, que consistiam em visitas dos missionários (bispos) a alguma comunidade indígena, aonde permaneciam por volta de 12 dias e buscavam batizar e casar o máximo de pessoas que conseguissem, além de incentivar e ouvir confissões. As santas missões obtiveram mais êxito que os aldeamentos, mas se baseavam em um processo temporariamente rápido, introduzindo formas (casamento, batismo, confissão) sem de fato desenvolver o seu conteúdo. Após a visita os indígenas passavam a viver novamente de acordo com a sua tradição, ou mesclavam aquilo que haviam aprendido com a visita a uma tradição já existente. O êxito dessas santas missões era, portanto, apenas aparente.

Dessa forma, o modo colonizador de evangelizar se contrapõe com o modo missionário de evangelizar que de fato busca a expansão da religião. No primeiro caso pressupõe-se a sujeição do outro, que é visto como um selvagem. Já o segundo entende a diferença cultural e busca se introduzir nela para poder alcançar a comunicação com o outro. É a política pombalina que acaba com essa contradição ao decretar a substituição dos aldeamentos por vilas, a eliminação da língua geral (indígena), pela língua portuguesa, e a transformação do índio bravo no índio manso (HOORNAERT, 1983).

Para além dos jesuítas e das várias ordens que para cá vieram principalmente acompanhando os ciclos comerciais, como franciscanos, capuchinhos e carmelitas, outra parte do clero que se fez fundamental na imposição da moral portuguesa foram os Familiares, já aqui antes citados rapidamente. Os Familiares correspondiam a um grupo de funcionários inquisitoriais que vieram para o Brasil realizar o trabalho inquisitorial. Uma

vez que Tribunal da Santa Inquisição não veio para o Brasil, houveram aqui representantes da Inquisição. A função de um Familiar do Santo Ofício era investigar heresias, delatar e prender transgressores da moral, como os bígamos, os sodomitas, as feiticeiras, e os aderentes a outras opções religiosas. Para se tornar um Familiar era preciso comprovar o “sangue limpo”, ou seja, provar a ausência de mistura com outras etnias em sua ancestralidade (negros, judeus, mouros, mestiços) ser uma pessoa de bens, saber ler e escrever e não estar envolvido em crimes anteriormente em sua vida. Assim, a possibilidade de estar dentro dessa categoria dava ao indivíduo um status de respeitabilidade dentro da sociedade colonial. Além deste, outros benefícios e privilégios se estendiam a essa classe de pessoas, como a permissão do porte de armas e a isenção de impostos (CALAINHO, 2006).

O objetivo era fortalecer o catolicismo na contra reforma no Novo Mundo, buscando assim uma unidade entre as partes que a ele aderiam, não tolerando, portanto, a forma popular de vivê-lo. O concílio de Trento havia retificado os valores cristãos, e a Igreja católica respondia a partir dessa orientação para perseguir e punir fiéis. (CALAINHO, 2006). O processo missionário, entretanto, era incompatível com o colonialismo: enquanto este precisava afrouxar as normas sexuais para poder ampliar a sua expansão (exploração de riquezas a qualquer custo mesmo que esta gerasse miscigenação), o catolicismo prezava pela rigidez das normas (VANINFAS, 1989). O que nos introduz na próxima questão a ser levantada: quais eram esses valores cristãos que haviam sido retificados? Em que consistiam as heresias e a que atitudes corresponderiam as punições? Ou seja, como essa moral portuguesa foi transplantada para o Brasil?

A moral cristã portuguesa

Para começar a discussão, é preciso notar que a moral aqui imposta e desenvolvida não contou com um mecanismo comum à América Espanhola e a própria Europa: a Santa Inquisição. Essa foi uma estrutura da qual os indivíduos só ouviram falar, e quem sofreu dela, sofreu em Portugal. O que não quer dizer que a perseguição do Santo Ofício não se fizesse aqui presente de alguma forma (CALAINHO, 2006). Ela se desenvolveu principalmente por meio das visitas e dos familiares, que souberam desenvolver nos indivíduos o autocontrole. Esse autocontrole logo se tornou um controle mútuo e se converteu em vigilância mútua entre vizinhos, familiares, amigos e até mesmo entre casal.

Para isso foi necessário deixar bem claro na consciência dos indivíduos em que consistia um pecado e uma heresia.

A ignorância moral e religiosa do indígena se evidenciava, desde o ponto de vista colonizador, pela sua nudez, pela antropofagia, pela oferta das mulheres aos estrangeiros e pela sexualidade vivida de forma mais natural (sem casamentos). Era, portanto, a diferença cultural que representava uma ignorância moral, quanto maior a sua semelhança com o português, mais o indígena seria considerado um bom selvagem, quanto maior fosse a sua hospitalidade e sua ligação com a história bíblica, melhor era o indígena. Ou seja, quanto maior fosse a convergência com a cultura portuguesa, melhor era o índio. Do ponto de vista colonizador a conversão ao catolicismo seria a porta de entrada para a civilização, mas do ponto de vista do colonizado, aqueles que se convertiam traíam seu grupo, a sua cultura e a sua tradição (HOORNAERT, 1983).

Um dos principais caminhos para tornar o indígena a imagem e semelhança do europeu foi a introdução da monogamia através do casamento como único caminho pra a expressão da vida sexual de uma pessoa adulta. O sexo poderia existir desde que não competisse com a Igreja, se subjugando a esta, portanto, existindo por meio da sua permissão e das suas regras, essa era forma que a união se permitia existir (VAINFAS, 1989). A partir do casamento também a domesticação do indivíduo se tornava mais fácil, pois a própria célula familiar seria responsável pelo batismo, catequismo, confissão, em resumo, em passar os ritos católicos aos indivíduos. O casamento também foi caminho para impedir a miscigenação ao tentar implementar a monogamia.

Vaninfas (1989) observa que dentro do casamento existe um patriarcalismo conjugal e misógino: uma ordem que sobrevaloriza o casamento, mas que desvaloriza a mulher dentro dele. Partindo da história bíblica de Adão e Eva, a submissão e a inferioridade ficam marcadas no âmbito oficial da sociedade colonial. Dentro do casamento conjugal o sexo não é o foco, mas sim a união do casal. Dessa maneira, a vivência do sexo prazeroso deve acontecer com outra mulher que não a esposa. Assim, se criou um ideal de mulher que merecia respeito: era a mulher casada, esposa fiel, que obedecia ao marido, mãe, com conduta feminina (discreta, prudente, zelosa e recatada). Todas essas características que formavam uma moral para a mulher partiram de uma lógica patrimonialista, vinda da Igreja. A inferioridade da mulher era um pressuposto intelectual,

econômico, sexual, em relação ao mando da casa e mesmo a fidelidade era constantemente questionada.

Sodomia, fornicação e luxúria eram consideradas altamente condenáveis pela Igreja, e podiam ser consideradas sinônimos. A condenação à sodomia de alguma forma estava ligada a misoginia, pois o que não se conseguia conceber era a condição masculina de passividade, que igualava o homem à mulher dentro da relação sexual. A sodomia era considerada um ato imoral, um crime, e a sua perseguição na contra reforma foi agravada. Na colônia, para fazer jus a perseguição, aquele que delatasse um sodomita era gratificado com prêmios. A propaganda contra a sodomia cresceu de tal forma que havia hostilidade da população contra os sodomitas, hostilidade que logo se tornaria violência. Às mulheres não era concedido o crime de sodomia, pois para que este ato se concretizasse era necessário gozar, o que se pressupunha que não fosse possível para a mulher, apenas para o homem. Essa cultura se estendeu de Portugal ao Brasil, e a imoralidade passou a ser vista como a própria descrença do indivíduo, por isso sendo perseguida (VAINFAS, 1989).

A inquisição preocupava-se, portanto, em difundir uma moralidade que impusesse padrões sexuais, familiares e de gênero, atingindo majoritariamente os leigos com condutas populares. Para atingir a população e tentar criar nela um autocontrole e um mecanismo de vigiar coletivo, utilizou-se um sistema de intimidação dos fiéis principalmente por meio de imagens que mostravam a permanente ameaça aos horrores que Deus tinha preparado para aqueles que desviavam de seu caminho. Era a “pastoral do medo”: a danação eterna e o castigo divino na terra. Para se livrar do pecado, o único meio era a confissão (VAINFAS, 1989). A consciência da culpa foi, portanto, a principal metodologia utilizada pela Igreja para disseminar seus valores e sua moral.

Desde o Concílio de Trento, como uma consequência a Reforma Protestante, já estava havendo mesmo na Europa uma demonização de posturas, tais como a poligamia, o incesto, a infidelidade e a instabilidade de união, de modo que a condenação a esses comportamentos chegam ainda mais fortes no Brasil, fazendo com que os portugueses o identifiquem como uma colônia sexualmente intoxicada (VAINFAS 1989). Um dos principais desdobramentos da reforma tridentina foi estimular cerimônias que fizessem visíveis a fé, como procissões, romarias, festas, cultos ao ar livre, casamentos, funerais, batizados, entre outros. Esses símbolos exteriores se faziam mais importantes do que a

própria vivência interior da religião (HOORNAERT, 1983). No Brasil, essas cerimônias representavam simbolicamente a civilidade, o sucesso da transplantação da sociedade portuguesa para o novo mundo.

Com a contra reforma toda a inquisição foi recriada. Ela estava, em primeiro lugar, subordinada à monarquia, e buscava, sobretudo, castigar heresias, como a sodomia e a bigamia. Mas antes de qualquer coisa, o papel do Santo Ofício foi o de criar a culpa: mais importava que todos sentissem a fornicção fora do casamento como um pecado do que se mantivessem sem fornicção. A verdadeira transgressão estava na falta de crença em relação à doutrina, e não nos atos heréticos em si. Era a suspeita contra a fé o que se buscava punir. A falta de fé, portando, era punida, enquanto que a ignorância e a falta de instrução ainda podiam ser consertadas (VAINFAS, 1989).

Portanto, para evitar a perturbação da ordem, era preciso que as pessoas soubessem autocontrolar seus sentimentos. A bigamia, por exemplo, era entendida como um desprezo pelo sacramento. A sodomia era lida como uma recusa à fé. Ambos mereciam punições, mas os seus graus de gravidade eram diferentes, e deveriam ser punidos de acordo como tal, até para que ficasse claro em que consistiam os seus males. Nem todos os pecados eram heresias, o que de fato merecia castigo era a falta de crença (VANINFAS, 1989).

Por não haver aqui inquisição, eram os próprios bispos os responsáveis pelo processo de inquirir, substituindo assim o Santo Ofício. Este, por sua vez, enviava periodicamente ao Brasil visitantes, o que gerava um verdadeiro pânico na população. A visitação se dava em algumas etapas: primeiro era divulgada uma lista dos “pecados heréticos”, para que as próprias pessoas fizessem um autoexame de seus pecados. Em seguida era anunciado o “tempo da graça”, um período de 30 dias em que as pessoas poderiam se confessar ficando livre de castigos corporais ou econômicos. Esse “roteiro de culpa” era uma forma de ensinar e espalhar a doutrina entre todos de forma clara, o incentivo da confissão era ele próprio uma coerção de pensamento (VAINFAS, 1989).

À medida que a Igreja foi se desenvolvendo no Brasil, por meio da instalação de dioceses e prelazias, as visitas passaram a ser diocesanas, substituindo assim as inquisitoriais. Elas atendiam à denúncias que ocorriam pela própria população. Denunciar se tornou uma forma de indicar que se tinha entendido a regra, e de fazer-se mais crente

perante a Igreja, a acusação por vezes era uma forma de defesa. Quem mais costumava delatar era quem melhor estava estabelecido na sociedade, esses eram os que mais colaboravam com a inquisição. Assim a delação se fez um mecanismo de promoção individual perante a Igreja. O período da graça muitas vezes era usado para delatar outras pessoas. As delações se tornaram uma forma de se fazer justiça: com uma máquina estatal ausente e as punições vindo apenas pela Igreja, as denúncias nem sempre correspondiam ao crime, mas tinham a intenção de punir um determinado cidadão por alguma rivalidade ou desentendimento entre duas pessoas (VANINFAS, 1989).

O medo generalizado dos castigos e até das torturas, se espalhou de tal forma pela população que as confissões feitas por esta muitas vezes sequer equivaliam às heresias propostas pela Igreja. Chegava-se a confessar coisas completamente sem sentido, meros preconceitos morais, por puro medo, e vontade de receber a absolvição por qualquer coisa que fosse. A ausência de confissões antes desse sistema de vigilância evidencia o medo sobreposto ao entendimento da regra (VAINFAS, 1989).

A heresia se caracterizava pela falta de consciência do transgressor, diferente do crime, que era a ofensa consciente à doutrina católica. Para identificar a diferença era feito um exame de consciência no acusado, que consistia em solicitar que o mesmo rezasse o pai nosso, ave Maria e ainda dissesse os mandamentos da Igreja. Perguntava-se ainda acerca da consciência dos pecados como a fornicação, a bigamia e a sodomia (VAINFAS, 1989).

Por meio da decifração de sentimentos e desejos que deveriam ser confessados se desenvolvia o controle das consciências. Adultério, masturbação, sonhos eróticos, sodomia, toques íntimos e poluição noturna, tudo isso deveria ser confessado, e uma vez entendido o erro, o indivíduo deveria se autocontrolar. Mesmo a admiração pelo casamento tinha um limite: o celibato era muito mais importante e valorativo que o casamento. Enaltecer demais o casamento era uma forma de ser herege, pois o celibato era o que mais deveria ser estimado. Daí a origem herética da bigamia: os bígamos demonstravam um apego muito grande ao rito, ao status de casado, e este não deveria se mostrar melhor que o status de celibatário. Por fim, para ser absolvido era necessário demonstrar muito arrependimento sobre seu ato de ignorância, pois a culpa era a grande diferença entre um mero pecador e um grande herege. Uma vez aprendido o dogma, já não era mais permitido que o herege cometesse o erro outra vez (VAINFAS, 1989).

Para fazer despertar essa consciência herética também se fez fundamental a atuação dos Familiares. Na prática os Familiares eram oficiais leigos da inquisição. Ao trazerem para a sociedade a ideia de que estavam sendo vigiadas e investigadas, as próprias pessoas acabavam por denunciar umas as outras: parentes, amigos e vizinhos eram quem mais delatavam. Dessa forma, eles suscitavam o controle da consciência das pessoas, provocando não apenas denúncias por vizinhos, parentes e amigos, mas também confissões dos próprios indivíduos. O maior responsável por delatar era a própria população. A rede de familiares começa a se estruturar bem no Brasil a partir do século XVII, o mesmo século em que começaram a decair as visitas do Santo Ofício aqui. Aqueles a quem mais perseguem são os cristãos novos, os bigamos e os sodomitas. Apesar de efetivamente terem punido e torturado poucas pessoas, a sua figura foi importante na disseminação do medo, e é aí que foi mais eficaz (CALAINHO, 2006).

Implicações práticas das imposições morais.

No fim do século XVI o sentimento de culpa já estava bem disseminado, de modo que havia uma busca da população em se adaptar às regras impostas pela Igreja Católica. Como resultado a aproximação com a igreja ocorreu diferente do esperado, trazendo esta mais para o dia a dia. O sexo era então aceito pela população para homens solteiros com mulheres solteiras ou com mulheres que buscavam prazer nas relações e com prostitutas. Ainda haviam muitos filhos bastardos nascendo, o que era um indicativo de que o concubinato não foi impedido pelo casamento e pela monogamia (VAINFAS, 1989).

O concubinato acontecia em grande escala: entre divorciados que não podiam se casar outra vez, amantes, abandonos pelo cônjuge que não queriam ser acusados de bigamia ou mesmo por padres. Todo mundo sabia que uniões e desuniões aconteciam, mas isso só era algo ruim quando os visitantes apareciam, só deixava de ser fofoca para se tornar denúncia quando as pessoas eram pressionadas pela igreja (VAINFAS, 1989).

Por ser o casamento na Igreja muito caro e extremamente burocrático, poucas pessoas se animavam a casar oficialmente na Igreja. Importava muito mais uma aliança entre famílias que qualquer outra coisa. Nesse caso os ritos eram simplesmente uma desculpa para a união (mais uma vez aqui a colonização se sobrepõe à missão). Pela grande dificuldade que a própria igreja colocava nos casamentos, predominavam os

amancebamentos, por maior desclassificação que soasse era a única forma de viver uma vida conjugal baseada minimamente na ética moral estabelecida (VAINFAS, 1989).

O casamento era socialmente valorizado e por isso difundido muito além dos setores dominantes da Igreja. O apego ao casamento mostra uma busca por legitimidade social, como era o caso dos bigamos, que já tinham um cônjuge falecido, por exemplo, mas ainda assim queriam se casar novamente. Mesmo com todas as dificuldades burocráticas o número de casamentos não foi pequeno, pois era uma forma de a Igreja estender o seu controle, estando assim permitida a punir naquela célula familiar transgressões de qualquer ordem moral (VAINFAS, 1989).

A existência das visitas e dos Familiares demonstrava a ausência de um corpo eclesiástico aqui bem estabelecido, de forma que o leigo se tornou uma pessoa muito ativa dentro da religião, participando de confrarias, procissões e fazendo promessas a santos, por exemplo. A periódica ausência religiosa de um clero (estando a presença desta muito mais ligada aos ciclos comerciais, como vimos anteriormente), o despreparo do clero que para cá vinha, o medo e o pânico disseminado sem o real entendimento da culpa, todos esses fatores até aqui apresentados delinearão de uma forma muito própria de desenvolvimento do catolicismo, na qual a população criou proximidade e familiaridade com as suas estruturas (santos, missas, confissões), mesmo sem compreender exatamente do que tudo se tratava.

Na prática era vivido um catolicismo popular e sincrético, que não tinha tanto a ver com as ordens oficiais estabelecidas pela Igreja. Os ritos foram adaptados às necessidades dos indivíduos e as estruturas sociais vigentes cotidianas. Para Hoornaert (1978) nunca existiu um catolicismo oficial, em nenhuma parte do mundo se deu de forma completamente uniforme ou ligada às escrituras, aos ritos e aos mandamentos. Todo esforço de abafar o descontrole sexual da colônia não foi assim tão bem sucedido. Na prática era ausente quem implantasse aquele catolicismo oficial importado da Europa: faltavam padres, bispos, igrejas e bíblias.

Catolicismo e escravidão

Por fim, é preciso refletir acerca da defesa do catolicismo em relação a condição escravocrata do Brasil. Como já discutimos aqui, no período colonial o catolicismo estava

submetido à cora. Dessa forma, uma de suas funções era reforçar a estrutura hierárquica, o que acontecia por meio da centralização do poder em todas as esferas: local, nacional e espiritual, estrutura já comentada aqui anteriormente. No caso do poder espiritual, inclusive como forma de reforçar a hierarquia dentro do clero, toda ação espiritual individual precisava ser mediada por uma figura eclesiástica. Isso fez com que os problemas de consciência se tornassem problemas a serem resolvidos tão somente com o clérigo, já que ele era detentor do perdão e da mediação do indivíduo com Deus. Devendo obediência a coroa, uma das funções do próprio clero passou a ser a conciliação da riqueza com a escravidão, colocando a escravidão em um âmbito “do mundo”, do qual se deveria manter afastado (PAIVA, 2003).

Independente do que se fizesse na terra, a salvação da alma só viria depois da morte, e por intermediação do clero. Partindo dessa lógica, o que mais deveria importar ao católico era as práticas e os ritos impostos pela Igreja, ritos esses que passavam pela presença de um clérigo, como a confissão, o casamento, o batismo, o funeral, as missas, as procissões, entre outras cerimônias que se caracterizavam por se isentar religiosamente de criticar a vida social. Assim, a prática da vida religiosa no cotidiano não exigia preocupação de cunho social, estando as suas ações submetidas apenas ao exame institucional, gerando uma total ausência de tensão para com os problemas do mundo. Não competia ao fiel mudar o mundo a sua volta, sua preocupação religiosa se restringia ao seu salvamento, e portando a sua atitude perante os ritos e ordenamentos da Igreja (PAIVA, 2003).

A preocupação com o pobre convertia-se em caridade, e não em assistencialismo, mesmo por que a própria Coroa não acompanhou as conquistas de liberdades individuais, como o direito a vida, a liberdade de expressão, de reunião, de propriedade, entre outros (PAIVA, 2003). Se colocadas para a sociedade, essas representavam uma ameaça a própria centralização de poder da coroa e lógica hierárquica da sociedade, a tanto custo propagada como um sistema que atingia todas as esferas de poder (local, nacional e espiritual).

Ou seja, no Brasil a dependência financeira e política do clero para com a coroa era o principal fator de impedimento para que houvesse denúncias ou mesmo questionamentos de cunho social dentro da Igreja. Estava colocado um pacto no Brasil sobre o qual o único papel da religião era a consolidação da Coroa. Esse pacto se iniciava com a Coroa se

comprometendo a garantir a existência da escravidão. A contrapartida do senhor de terras era garantir que todos estivessem convertidos ao catolicismo, inclusive os escravizados, mesmo para que se mantivesse uma lógica hierárquica em todos os níveis de poder. Sem latifúndio não haveria expansão territorial, e este não poderia se manter sem a escravidão: o catolicismo era a cola que unia o latifúndio à escravidão, que ligava o rei ao senhor de terras, que fazia a sociedade relaxar em relação às desigualdades sociais, e que impunha sentido aos escravizados em relação a sua condição de vida.

Para os escravizados, o catolicismo convertia sofrimento em purificação, pois equiparava os escravizados a Cristo, filho de Deus, cujas características eram o sofrimento, a resignação, a submissão e a obediência. Os escravos eram a própria imagem de Cristo, o sofrimento na terra semelhante ao que Cristo passou era suficiente prova de seu garantido lugar no céu (PAIVA, 2003). Além disso, nos quilombos o catolicismo para o escravizado fugido representava uma oportunidade de união: entre tantas culturas diferentes vindas das mais distintas localidades da África, todos os indivíduos que se encontravam fugidos tinham passado necessariamente pelo catolicismo. Ter algum conhecimento em comum era a base para poder, inclusive, transformar esse conhecimento. Nesse sentido os santos conhecidos, as mesmas imagens difundidas, as rezas decoradas, tudo isso virava objeto de identificação entre todos (HOORNAERT, 1978).

De forma que dentro da escravidão a religiosidade católica teve vários sentidos: desde a legitimidade da monarquia e, portanto, da expansão territorial, passando pela conversão da população a essa religião e, portanto, criando uma característica nacional, sendo capaz ainda de adaptar essa característica a cada classe social, fazendo assim com que conflitos fossem apagados, e os abusados pelo sistema se resignassem ao comodismo perante aqueles que os abusavam.

Consciência Coletiva e normalização religiosa no período colonial.

Para Durkheim, a consciência coletiva tem ligação com a média das consciências individuais de uma sociedade. A normalidade se insere dentro dessa média de consciências coletivas, sendo determinado como patológico o que foge dessa percepção média (DURKHEIM, 1983). Mais tarde esse autor desenvolve o conceito de representação coletiva (DURKHEIM, 1996), a qual se liga com a ideia de consciência coletiva já antes

estabelecida. A comunicação e o entendimento, a nível de linguagem, representa um significado comum, sobre o qual as pessoas baseiam suas ações. O objetivo deste capítulo foi mostrar como a imposição do catolicismo, através de tantos mecanismos, como uma questão de vida ou morte no Brasil, foi crucial para a formação de uma consciência coletiva acerca da moral neste país. Como a representação coletiva de bem e mal, certo e errado, crime e heresia, se delineou a partir do processo de imposição da religião católica.

O significado original de tudo que foi imposto pode não ter ficado claro no período colonial, mas ele criou representações coletivas a partir do momento em que as pessoas sabiam discernir o que seria bom ou ruim para elas a partir da religião. Essas representações coletivas muitas vezes foi fruto da ressignificação de uma norma imposta, o fato é que houve um entendimento. Ou seja, o catolicismo foi capaz de gerar uma consciência coletiva, de criar laços de união, de construir a normalidade e a patologia dentro da sociedade, de construir uma cultura, tudo dentro de um processo de colonização, como já foi aqui discutido. Como coloca Hoornaert (1978), a autoafirmação da identidade religiosa, e a continua identificação a ela, mesmo como mecanismos de sobrevivência, demonstram o entendimento de um contexto e de uma regra, unindo assim esses indivíduos em laços culturais a partir dessas normas.

Justamente era o catolicismo o principal ponto de encontro cultural entre tantas diferenças no período colonial: era o encontro entre o senhor e o escravizado. Para os escravizados o catolicismo representava a interiorização da opressão por meio da paciência, do fatalismo e da conformidade. Já para aqueles que oprimiam, a religião garantia a legitimidade do progresso, a simples obediência aos ritos era suficiente para tirar-lhes qualquer culpa em relação a situação socioeconômica das outras pessoas, processo que foi explicado nas sessões anteriores (HOORNAERT, 1978).

A moral e consciência coletiva que unia em todas as partes os (nem sequer ainda) brasileiros teve a ver com a condenação da sodomia, da bigamia, da sexualidade fora da união, da misoginia em relação a mulher, da definição do gênero (masculino e feminino), a imposição da língua comum (o português), mas principalmente com a preocupação individual por si mesmo. Uma cultura individualista criada a partir da não possibilidade de se entrar em conflito, uma vez que este poderia ser fatal para o sistema colonialista: a união a todo custo, passando por cima de toda e qualquer desavença, uma consciência coletiva

que se baseava no patrimonialismo e no assistencialismo, adaptando estes a cada grupo social diferente.

São heranças e valores culturais que ainda se fazem presentes e que se desenvolveram a custa de muito medo e de muita culpa. São, no final das contas, a imagem e a semelhança do povo ibérico sendo transplantada para cá, mas fora do seu contexto ela é transformada e adaptada às necessidades locais, nunca deixando a sua parte mais concreta fugir a essa adaptação. Natural que assim tenha acontecido, por todo o despreparo e ausência de clero anteriormente comentado, pelo interesse único momentâneo em uma localidade, largando-a posteriormente às suas próprias tradições, pela exigência pública se ser muito católico, sem, entretanto, além da confissão, do medo e da culpa, ter como verificar toda essa adesão à religião. Todos esses elementos até aqui apresentados nos conduzirão as próximas páginas deste trabalho, fazendo-nos compreender melhor o sincretismo religioso e forte identidade católica de formas e ausente de conteúdos.

Este capítulo teve como objetivo mostrar como se sustenta a ideia de Hoornaert (1978), citado no início deste texto, sobre o catolicismo no Brasil ter sido uma questão de vida ou morte. Busquei demonstrar brevemente sua origem no Brasil, sua função social a nível macro e micro, e as suas normas morais que darão vida a uma consciência católica comum, formada na base do medo e da imposição, e não do entendimento e da aceitação. Este capítulo teve como objetivo introduzir o tema do catolicismo nominal, resultante do sincretismo religioso e da forma popular de se viver essa religião (recriação de conteúdos a partir de formas impostas que não foram completamente entendidas), mas, sobretudo, da autoafirmação individual perante a sociedade como membro integrante de uma ordem que se colocou como “normal” (ser católico), em contraposição a outras que eram consideradas “patológicas” (judeus, protestantes). A consciência dessa normalidade a partir da auto declaração identitária, mesmo com a ausência de crença ou entendimento, demonstra o conhecimento de um significado social que vai pra além do religioso. Nos próximos capítulos, discutiremos os efeitos sociais dessa auto declaração imposta pelo colonialismo, e buscaremos averiguar suas heranças culturais vigentes na sociedade.

Capítulo 2 – O catolicismo é a minha base

A análise das entrevistas está dividida em três capítulos: neste capítulo veremos como o contato do indivíduo com a religião católica na infância é um elemento fundamental para fazer com que este se identifique como católico, ou seja, para que emerja a identidade “católico” nele e fazer com que essa identidade permaneça em sua vida adulta, mesmo que aí já não exista mais crença total ou conexão com a religião. Veremos ainda como as memórias afetivas atuais reforçam a nossa teoria de que a socialização infantil dentro do catolicismo foi fundamental para a conexão com a identidade. Por fim, observaremos como nossos entrevistados se afastaram da religião católica, também contando para isso com uma discussão sobre a socialização, dessa vez em um momento mais avançado que a infância. Para tanto faremos uma breve discussão acerca do processo de socialização, passando por alguns autores como Berger e Luckmann (1985), Durkheim (2010,1999), Elias (1994), Bauman e May (2010) que nos ajudarão a compreender a relevância do processo de socialização, de modo que suas teorias nos sirvam como uma lanterna, ajudando-nos a observar e esclarecer as falas coletadas nas entrevistas.

Processo de Socialização

Começamos com a micro análise de Berger e Luckman (1985) acerca da construção social da realidade em quatro passos. Para esses autores, primeiro acontece o entendimento subjetivo (1); depois se exterioriza o entendimento subjetivo (através da linguagem, por exemplo) (2); então acontece a intersubjetivação do entendimento (3) (verificação se aquilo que eu entendi é congruente com o que o outro entendeu), havendo intersubjetivação, a realidade está criada; por fim há a internalização dessa realidade (4).

Esse processo acontece com as pessoas em várias situações e em vários lugares ao longo de suas vidas, mas em um primeiro momento, na sua infância, acontece com os seus pais: nesse momento o mundo da criança é o próprio mundo dos pais. Com o tempo a criança entenderá que o que é colocado pelos pais é também colocado por outras pessoas da mesma sociedade (é o “outro generalizado” de Mead) e que a sua subjetividade deve ser coerente com essa realidade objetiva da sociedade, ou seja, o que é real dentro do indivíduo deve corresponder ao que é real fora dele e vice e versa (BERGER; LUCKMANN, 1985).

A realidade mais palpável, portanto, é a da vida cotidiana. É aquela que acontece na casa, na rua, no ambiente familiar e de estudo. O cotidiano é o momento que capta a atenção plena do indivíduo para viver, pois é do que a sua vida mais depende de imediato, se tornando assim hábito de tanto se repetir, e que de tanto se fazer deixa de se pensar no motivo. É aquilo que ele costuma chamar de “natural”. A realidade cotidiana e os meus hábitos cotidianos são mais naturais na medida em que eles parecem independentes da noção que se tenha deles. Na realidade, eles são uma objetivação da minha realidade subjetiva cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Para Durkheim (1999) as formas individuais de se viver são a expressão de uma coletividade. A interação com a coletividade faz possível que se criem pré-noções das quais nos servimos no cotidiano, nas práticas recorrentes do dia a dia. Se enxergamos essas pré-noções como naturais é porque não nos damos conta do seu processo, da sua construção histórico-social, da sua formação, estando ainda dentro das suas coerções que não são mais sentidas por estarem agora internalizadas. As coerções se sentiriam apenas se formos contra elas, caso contrário elas são vistas como algo que faz parte de nós biologicamente, que não se pode evitar. Uma vez estabelecidas as pré-noções e sendo elas atuantes sobre nossas condutas, podemos dizer que existe uma consciência coletiva gerindo os comportamentos sociais. Não fazer parte dessa consciência coletiva é não estar inteirado das pré-noções e, portanto, desintegrado da sociedade em questão. Assim Durkheim define consciência coletiva:

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum” (Durkheim, 2010, p.50)

Para Durkheim (2010), portanto, a consciência coletiva é um mecanismo de integração social, uma vez que gerará significados comuns, o que por sua vez é a base da sobrevivência de qualquer grupo social. Dentro de um grupo social as coerções nunca cessam, estão sempre impondo um comportamento e estabelecendo papéis sociais, mas elas só são completamente eficientes para criar uma realidade de mundo na infância, enquanto ainda não haver tido confronto com outras construções de mundo (BERGER, LUCKMANN,1985). A visão de mundo apresentada pelos nossos pais (ou pelo grupo responsável por essa primeira socialização) não será, portanto, uma visão de mundo, mas será a própria realidade.

Para Durkheim (1999) o objetivo da educação é produzir um ser social e quem intermedia esse processo são pais e professores: tudo precisa ser aprendido por meio de interação para depois ter um efeito psíquico individual, uma manifestação privada que, em parte, estará sempre reproduzindo um modelo coletivo. Mesmo que uma maneira individual muito particular de fazer algo (rezar, por exemplo) se sobreponha à maneira coletiva de fazê-lo, isso não anula a contínua existência da forma coletiva, exterior a esse indivíduo. A consciência que temos de nós mesmo é, portanto, necessariamente derivada de interações com outros indivíduos. A nossa identidade, então, está sendo constantemente formulada e reformulada por nossas interações sociais. Sem os outros não conseguiríamos identificar quem somos nós (BAUMAN; MAY, 2010).

Durkheim (1999) coloca que as convenções sociais às quais somos expostos, a moral e os costumes, já existem antes da nossa existência, mas são perpetuados, através da nossa existência para as gerações seguintes, assim como uma geração anterior foi responsável por perpetuá-los para nós. A introjeção dessas convenções sociais em nós será responsável por fazer-nos entender como nos comportar em cada ambiente social, desenvolvendo, assim, papéis sociais. Esses papéis, por mais naturais que possam parecer são, na realidade, fruto de diversas coerções, responsáveis por manipular um entendimento de mundo. Nas palavras de Durkheim:

“Quando reparamos nos fatos tais como são, e como sempre foram, salta aos olhos que toda a educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente”. (DURKHEIM, 1999, p. 6)

Elias (1994) desenvolve uma concepção próxima à de Durkheim ao entender que todo indivíduo precisa de interações sociais com pessoas mais velhas para crescer e se tornar adulto. Essas interações se darão em uma estrutura já consolidada, com relações sociais já definidas e hábitos já consolidados. Crescer significa compreender essa estrutura. Para Elias (1994), assim como para Durkheim (1999), o contato com adultos é principal fonte dessas interações. Entretanto, para Elias não são as coerções que são responsáveis pela moldagem do indivíduo, e sim a vergonha. Ao processo de entender o que é certo ou errado, aceito ou repudiado, amado ou odiado em uma sociedade por meio do embaraço e da vergonha, Elias (1994) denomina processo civilizador. O processo civilizador proporcionará entendimento à criança, por meio da vivência de vergonhas, acerca do que consiste o correto naquela sociedade; a pessoa será considerada adulta quando for capaz de

se auto coagir, porque isso significa que ela alcançou o entendimento do que se pode ou não fazer naquela sociedade: ao se auto coagir não precisa que ninguém mais a coaja, tem as regras da sociedade internalizadas e por isso ela mesma se auto coage; é, portanto, uma pessoa adulta. Ela expressa agora individualmente, a sua sociedade.

Elias (1994) enfatiza ainda que a mente humana não funciona com a mesma naturalidade com que funciona a nossa barriga, por exemplo. Cada indivíduo que nasce, precisa, necessariamente, passar por um processo civilizador para se adequar à sociedade. A barriga, entretanto, não precisa interagir com ninguém para entender o que ela tem que fazer ou qual a sua função, ela simplesmente funciona organicamente. Para a mente humana funcionar o processo é muito mais complexo. Como já colocado aqui, esse processo civilizador se dará em uma estrutura específica já instalada no ambiente antes de nascermos eu ou você. As escolhas a serem feitas, portanto, são dependentes dos limites dessa estrutura na qual se foi inserido, estrutura essa que já conta com uma distribuição do poder, que se reflete em hábitos e costumes.

Para Berger e Luckmann (1985) uma vez estabelecida uma realidade (ou seja, entendida a estrutura na qual se está inserido), a conservação desta se dá, muitas vezes, de forma implícita, e não explícita. O batizado, por exemplo, como veremos neste e também no próximo capítulo, será um momento de expressar a uma comunidade que se é adepto de determinada religião. Isso, entretanto, não é dito, expressamente falado, é algo subentendido daquela cerimônia, ao que os autores vão chamar de pano de fundo, ou seja, algo tacitamente colocado como verdadeiro, que fará com que fique estabelecido o entendimento de que a pessoa participa daquela religião. Esse pano de fundo se dá em diversas situações: interagindo com a sogra ao falar de religião, utilizando uma aliança de acordo com costume católico, ao se andar carregando um terço, ou mesmo ao pedir à alguém mais velho a “benção”. Em todas essas situações a religião não é dita, falada, mas ela é expressa, subentendida. O que falamos, usamos ou mesmo lugares que frequentamos desenham um pano de fundo para entendimento geral dos outros de quem nós somos.

Para que esse pano de fundo possa existir, é preciso que uma determinada realidade cotidiana já esteja bem formada na nossa subjetividade, isso é o que nos permitirá criar esquemas tipificadores. Por exemplo, a aliança e o terço só podem representar algo a alguém que já interagiu com esse tipo de objetos e que subentende deles algum significado.

Se houver conhecimento e entendimento prévio, a interação face a face é dispensada, a realidade está objetivada e ela conduz a um entendimento comum (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Para nós importará nesse capítulo estudar a formação dessa subjetividade no âmbito religioso, formada a partir da socialização na infância, e que culminará em esquemas tipificadores (como os termos básicos religiosos do catolicismo) para o indivíduo, com os quais ele se sentirá identificado até depois da idade adulta, uma vez que se tornou familiarizado com eles na infância. Isso se fará importante posteriormente para o desenvolvimento da noção de espiritualidade (Capítulo 3), e também para compreendermos porque o indivíduo se mantém identitariamente pertencente ao grupo “católicos”. Ou seja, a interação na infância será responsável por integrar o indivíduo a uma instituição, a um grupo, e isso será feito por meio da educação e das interações sociais mais cotidianas da infância. Nesse capítulo, portanto, analisaremos esse processo.

Socialização infanto-juvenil no catolicismo

Começamos, então, com uma fala da entrevista de Ezequiel quando questionado sobre o porquê da sua identidade ligada à religião católica, e duas falas de Carla quando questionada sobre o espaço que o catolicismo tem em sua vida atualmente:

*“Uai, exatamente, pela minha base, porque se eu for escolher um lugar pra ir rezar, pra ter acesso a Deus, eu iria na religião católica, é **onde eu conheço os ritos**, é onde eu me sinto confortável em expressar meus pedidos né, sei lá, se tiver num momento mais complicado como eu vejo muitas pessoas fazendo, vão lá, choram, durante o ritual, então eu acho que é ali que eu me sinto confortável hoje”.* - Ezequiel

*“Como eu tenho de fato uma carga bastante forte do fundamento, o meu fundamento, a minha iniciação religiosa, é pra lá que eu vou, assim né, domingo, ai tô com vontade de rezar, às vezes eu sempre procuro uma Igreja católica, eu já fui nesses outros ambientes assim, em momentos específicos, como curiosidade, e eventualmente encontrei bons fluxos, boas energias, boa receptividade, **mas não o suficiente pra eu própria me desligar completamente da religião católica e aderir ao espiritismo**, por exemplo, completamente, ou até qualquer outra”.* - Carla

*“Então, eu acho que a contribuição da religião católica foi importante sem dúvida, **foi a minha fundamentação, meu principio**, mas hoje ela é bem assim espontânea e bem desconectada”.* - Carla

Essas três falas chamam atenção a um elemento que também é encontrado nos outros entrevistados: o conhecimento dos ritos. A familiaridade com uma determinada

estrutura ritualística, mesmo que o seu significado não seja profundamente compreendido, produz no indivíduo uma carga de conhecimento que o coloca em um lugar confortável e seguro religiosamente (familiar). É essa carga de conhecimento produzida na infância ao que os indivíduos chamarão de “minha base”, “minha criação”. Todas as outras religiões depois conhecidas, mesmo que superficialmente, serão conhecidas por meio de termos católicos, como “reza”, “missa” e “santo”, ou seja, esquemas tipificadores do catolicismo que fazem sentido dentro da subjetividade do indivíduo. Passemos então a análise de alguns ritos e da integração familiar, para que fique melhor demonstrado o que foi colocado até aqui.

Batismo

Dos 11 entrevistados, todos foram batizados. Quando perguntados desde quando são católicos ou como o catolicismo foi introduzido em suas vidas, aparecem respostas que remetem ao batismo como:

“Bom, desde o batismo né, a consideração do batismo me trouxe essa realidade”. - Cristine

“Desde que me entendo por gente, desde quando eu fui batizada né?!” - Luciana

“Desde que nasci. A religião católica... uma vez batizada católica, você será eternamente católico, e a menos que você solicite formalmente, acho que tem que ser pra o bispo, não saberia dizer, você será eternamente católico, pelo que eu me lembro das minhas aulas de catecismo, não há nada que te desqualifique como católico. O pior pecado que você venha a cometer, ainda assim você permanecerá católico. Então eu sou católica desde que fui batizada, e fui batizada bebezinha, mas fui crismada também, então permaneço católica de acordo com esses sacramentos”. Carla

“Oficialmente acho que desde que eu fui batizado, né, fui batizado bebê ainda, mas acredito que não oficial desde berço, desde que eu nasci, porque eu nasci numa família católica né”. - João

“Da família né, é a religião mais praticada aqui no país né, então assim, introduzido de forma natural, familiar, os pais casaram na Igreja, você nasce e é batizado na Igreja, enfim, e assim você vai virando né, vai seguindo o fluxo”. - Rodrigo

“Ah, católico desde que eu nasci, que eu fui batizado, quando eu era neném, então, 26 anos”. - Rafael

“Por ser a religião que eu fui criada, ter sido batizada no catolicismo”. - Augusta

Gostaria de chamar atenção para um aspecto dessas respostas: a consciência de que a religião foi conectada à eles muito mais do que eles se conectaram a religião. Um dos motivos da manutenção do vínculo identitário com a religião é o rito do batismo. Esse aspecto de ter sido conectado com a religião no final das contas não parece ser algo que incomoda. Mais pra frente veremos que apesar de esse ser um dos motivos da manutenção do vínculo, não há o entendimento de que o indivíduo tenha que ser religioso por causa disso, o que torna esse rito de outra importância que não religiosa. Veremos que isso também acontece com outros ritos. Por hora o importante é conectar a parte da identidade “não praticante” à noção de que se foi ligado à religião em um momento em que não havia sequer consciência desenvolvida.

Gostaria de enfatizar ainda as falas de Rafael e Rodrigo quando dizem, respectivamente: “introduzido de forma natural” e “católico desde que eu nasci”. Esse processo natural, sentido quase como orgânico, reflete na realidade o que Elias (1994) e Durkheim (1999) colocaram e que foi brevemente aqui exposto. Quando um entrevistado nos diz que a religião foi passada para ele “naturalmente”, ou de modo “natural”, temos consciência de que ele não se refere ao movimento orgânico que faz a barriga. Na realidade o que essa pessoa está querendo expressar é que dentro de uma estrutura específica instalada antes de ele mesmo nascer, aquela já havia sido uma decisão tomada para ele, justamente porque nessa estrutura previa a maior força de poder religioso era do catolicismo, considerado o termo da normalidade, o esperado, aquilo que geraria coerções e vergonhas em caso de desvio. O “natural”, portanto, é aquilo no qual não se pensa, é a única alternativa: assim como a barriga tem que executar suas funções orgânicas e isso é natural porque só funciona dessa forma, também a recepção do catolicismo é “natural” por ser a única opção viável dentro de uma estrutura.

Tão “natural” será essa passagem da religião católica que ela pode quase ser confundida com um gene hereditário. A força do social, daquilo que é aprendido e passado, pode ser comparada à de um instinto, uma vez que se faz sem pensar quando já se tem internalizado o hábito, o entendimento do mundo. Nas palavras de Elias:

“O que falta ao homem em termos de predeterminação hereditária, em seu trato com outros seres, é substituído por uma determinação social, uma moldagem sociogênica das funções psíquicas”. (ELIAS, 1994, p.38)

Catequese, primeira comunhão e crisma.

Dos 11 indivíduos entrevistados, somente quatro realizaram primeira comunhão e a crisma, sendo que um deles o fez para poder casar na Igreja e os outros três dizem ter feito “muito pequenas”. Três dos entrevistados fizeram a primeira comunhão, mas não chegaram a se crismar. Por fim, quatro entrevistados iniciaram os estudos na catequese quando pequenos, mas abandonaram e acabaram por não concluir, de modo que não tiveram uma primeira comunhão e nem foram crismados (uma dessas quatro pessoas fez adulta a primeira comunhão para poder ser madrinha, mas não se crismou ainda). Desses números podemos concluir que uma das características dos católicos não praticantes pode ser o não cumprimento completo dos ritos básicos do catolicismo na infância.

Analisaremos agora algumas falas dos entrevistados que remetem à vivência desses ritos. Quando perguntada sobre as lembranças e ensinamentos da catequese, Amanda diz:

*“Olha, da catequese especificamente eu confesso que não ficou muita experiência. Na época eu tinha acho que 10, 12 anos, **era legal, mas era muito mais porque tinha amigas minhas da escola que faziam junto**. Eu lembro que na época, eu acreditava naquilo, assim, né, então pra mim foi um momento importante, na época assim, de receber eucaristia e tal, foi importante, mas depois foi passando, tanto que depois meus pais colocaram pra fazer a crisma e eu já não quis”. - Amanda*

Nesta fala fica claro que a integração com o grupo de amigas é o que se sobrepõe na sua memória em relação à catequese, o que nos leva a pensar que esse foi um momento muito mais importante para a sua integração do que de fato para o ensino religioso. Ainda assim, o cumprimento dos ritos se coloca como importante, uma vez que a crença no que era passado era real naquele momento para a pessoa, o que tem a ver, como colocam Berger e Luckmann (1985), com ele ser real para todos aqueles com quem ela convivia. Observemos agora o depoimento de Ezequiel:

“Marina: Você se lembra de alguma coisa que aprendeu na catequese?”

*Ezequiel: Lembro, a gente lia as passagens, o professor dava aula sobre quem foi Jesus, o que ele fez, né, aquela didática básica de mostrar a fé, né, **a fé deles**.*

Marina: Mas algum ensinamento que você lembra, que tenha ficado marcado pra você?

Ezequiel: Olha, de primeira foram só aquelas coisas sobre amar o próximo, os 10 mandamentos, como a criança tinha que respeitar os adultos, tinha que pedir bênção, essas coisas, porque uma pessoa é batizada, eu acho que só nesse sentido, que eu lembro.

Marina: Você lembra se foi significativo, importante pra você na época que você tava fazendo?

Ezequiel: Não, não foi importante, eu acho que o peso que a minha mãe falou “ah vai lá fazer e você tem a escolha de fazer isso em outro momento”, não ficou tão significativo, ir, participar, tanto que eu não cheguei a terminar”.

Observemos agora a percepção de João quando questionado sobre a escola religiosa em que estudou:

João: Ah, acho que os valores, me ajudou muito na minha formação como ser humano, assim, você vê que as pessoas que estudam lá, as que não têm uma criação boa em casa, ou não têm uma influência boa de amigo acaba não ficando, justamente porque sente aquela coisa de que não tá à vontade, é algum incômodo, não fica, você vê assim, todas que não tinham uma criação boa ou vinham de outras escolas não se adaptavam, acabavam saindo, não ficavam.

Marina: Que tipo de valores que eram colocados pra vocês?

João: Ah, de união, de harmonia, de paz, você vê que é um lugar de paz, assim, né, que quando começava a ter aluno que dava muita confusão, briga, essas coisas, a escola chamava os pais e ela mesma não queria aquele aluno lá dentro, justamente pra não acabar influenciando os outros. Então tinha esse tipo de coisa. E a questão de sempre pregar né, apesar de não ser uma coisa tão doutrinadora igual era antigamente, mas eu acho que tinha, era enraizado né, até porque era administrado por freiras, tudo tinha freira envolvido, não tinha como. Acho que até a própria escolha dos professores tinha esse cuidado também, de trazer gente que tinha o aspecto da religião. Tanto que às vezes, quando o aluno brincava com alguma coisa, o pessoal ficava até assustado assim...”

Aqui se sobrepõe uma espécie de noção ética da vida que a escola, através da religião, foi capaz de passar para ele. Essa noção ética reaparecerá em outras entrevistas como um senso de valores passados através do catolicismo. Por agora importa notar que a escola religiosa foi parte do cotidiano dele por muitos anos, o que fez ele se sentir à vontade com a religião, mesmo não tendo feito catequese, primeira comunhão nem crisma, até esses ritos serem solicitados para o casamento. A sua aproximação e afastamento da religião se deram em função da aproximação e afastamento de relações com pessoas que tinham essa realidade permeada em suas vidas, ou seja, com o compartilhamento de significados, nos termos de Durkheim (1987), com integração a uma consciência coletiva.

Observemos agora a resposta de Luciana quando perguntada sobre a sua vivência em uma escola religiosa:

“No começo da adolescência eu mudei do interior da capital e aí fui pra um colégio não católico, um colégio normal, sem religião. E a diferença que eu percebi era com relação, comportamental. As freiras tinham uma educação mais rigorosa, tinha missa, tinha que tar na missa da escola toda semana, tinha o horário da missa, toda semana tinha confissão com o padre lá”. - Luciana

Por mais que a fala seja breve, é possível ver que o seu cotidiano foi marcado na infância na escola até um determinado momento pela vivência religiosa, principalmente suas regras. Já Rafael, quando perguntado sobre a catequese, nos conta:

*“Rafael: Ah, foi um pouco marcante, **mas eu não gostava não, eu ia obrigado, né (risos)**, meus pais me obrigavam a ir, eu odiava ficar lá, fui expulso da catequese uma vez (risos). Não gostava não, pra mim era um saco, não gostava. Ficava lá e **não lembro de ter aprendido nada que me marcou**, não lembro de nada da catequese.*

Marina: Porque que você foi expulso? Você lembra?

Rafael: Vixi... acho que eu escrevi uma cartinha, xingando um menino, falando palavrão, alguma coisa assim, e a professora pegou.

Marina: Entendi.

Rafael: Era minha tia a professora, ela que me expulsou da catequese.

Marina: Entendi. Mas então não ficou nada muito marcante, nada que você se lembre de... do processo... só que você não gostava?

Rafael: É... era uma aula expositiva mesmo, né, aí como eu já tinha aula na escola, eu não gostava, achava chato”.

Ainda sobre suas memórias em relação à catequese, ele nos diz:

*“Fui expulso, aí depois, quando eu era um pouco mais velho, já adolescente, **minha mãe me obrigou a entrar de novo na catequese**, só que era sábado, aí eu odiava mais ainda, e eu era o **mais velho da classe**, aí não durou muito tempo não, durou uns três meses e eu saí... Aí num crismei...” - Rafael*

Ser o ”mais velho da classe” é um elemento que marcou para pior nesse sentido sua experiência, justamente por ser um obstáculo na sua integração ao grupo. Além disso, ter como sua professora a própria tia pode ser um elemento que colocava ainda mais pressão em uma atividade que já lhe desagradava.

Marcos, quando perguntado sobre a experiência da catequese, de ter sido algo marcante ou não, nos diz:

“Marcante não... Eu lembro de não ser nada incômodo, mas também de não ser nada assim que me marcasse ou transformasse minha vida, não tem nada especial assim que me faz lembrar...” - Marcos

Ele nos conta sobre como, na infância, a pressão de sua mãe foi a principal razão de suas idas à Igreja:

*“Bom, na verdade eu nunca cheguei a praticar, né, **eu ia mais em razão de uma pressão da minha mãe** né, quando a gente é mais novo acaba tendo que fazer, né, não pode dizer não, então na verdade, nunca gostei de missa, assim”.- Marcos*

Em relação a Augusta, quando perguntada sobre a sua experiência na catequese, ela nos conta:

*“Augusta: **Eu sempre achei muita bobagem**, porque eu achava... a mãe sempre nos levava na missa, e o padre fala várias coisas e as pessoas respondem aquilo na missa, sabe, e eu achei que a gente ia aprender isso na catequese, que quando o padre falasse uma coisa o povo responde uma coisa, achei que a gente ia aprender isso. Não, a gente não aprende isso, a gente lê bíblia, partes da bíblia e olha vídeos de... eu não lembro muito bem, mas eu lembro que era muito isso, sabe, de fazer interpretação de partes da bíblia, mas não... **nada que mudou minha vida.***

Marina: Foi um pouco decepcionante?

Augusta: Sim, porque eu saí da catequese e ainda não sabia responder o que o padre dizia na missa”.

Ainda sobre a sua experiência na catequese, ela nos diz:

*“Não, na verdade eu fiz porque tinha que fazer, **a mãe nos inscrevia** e... pra mim era só um dia que eu tinha que ir lá, uma chatice, sabe. **Meus colegas faziam então, eu fazia com meus colegas de colégio e acabava sendo um pouco mais divertido**, sabe, porque eram todos os mesmo colegas que faziam, mas eu hoje, eu não vou obrigar o Júnior (seu filho) a fazer isso, por exemplo, sabe, porque não... não vejo por que, a pessoa tem uma primeira comunhão para poder comer o corpo de cristo, tipo... (confusão)” - Augusta*

Aqui ela comenta um pouco sobre a relação de sua mãe com o catolicismo:

*“**A mãe, ela sempre foi muito católica** né, não aceitava nenhuma outra religião, pra ela só o catolicismo, e Deus o livre dizer que é espírita, que é outra coisa... Umbanda, credo! Ser da umbanda é o demônio, é o diabo, e a gente foi criada nisso sabe, e é por isso que eu sempre digo, que a nossa criação foi do catolicismo... **ir na missa domingo, ir na missa de páscoa, sempre...** eu lembro que eu a Mari (irmã), a gente levava barbie pra missa e ficava brincando de barbie na missa... me lembro também uma vez que a gente tava brincando, no meio do*

corredor assim, sabe, de engatinhar, e o padre chamou a atenção “ai, se os pais puderem acalmar as crianças”, e era a gente que tava lá, nós e mais umas crianças, ou seja, desde que a gente era bem pequena a gente foi introduzida no catolicismo, e aprender a rezar, fazer as orações, sabe... isso foi sempre... uma coisa da mãe assim, porque o pai não é muito praticante, ele gosta do catolicismo, ele frequenta Igreja, ele vai ainda as vezes, mas, se dependesse dele, a gente não conviveria tanto na Igreja como a mãe nos levava”.- Augusta

No caso de Augusta apareceram aqui muitos motivos que resultaram na integração e consequente familiaridade com a Igreja: a pressão da mãe, a integração com os colegas e a familiaridade nos locais religiosos. Ainda assim prevalece a percepção de que tudo aquilo era “muita bobagem”, mostrando que mesmo sendo incentivada de várias formas para essa atividade, o envolvimento profundo com a religião não acontecia.

Já João, quando questionado sobre a catequese, nos conta:

“Engraçado porque na época todos os meus amigos fizeram, até tive vontade de fazer, era do lado de casa, porque eu morava na 406, então ia pra escola andando. Só que minha mãe enrolou, enrolou e acabei não fazendo, depois fui ficando velho, aí... porque na época era mais ou menos na mesma idade, ali todo mundo fazia, aí como meio que eu passei da idade, também não insisti e ficou por isso mesmo”. - João

O fator determinante para não ter entrado na catequese aqui não foi seu desejo ou a falta dele de aprender e se inserir na religião, isso foi secundário comparado à necessidade de se inserir e ser bem integrado a um grupo, o que na sua percepção não poderia acontecer, já que ele havia “passado da idade”, e por isso parece ter não insistido. Ainda sobre o ensino religioso, João comenta:

“É, a gente cantava só as musiquinhas das missas assim... acabava que essas músicas ficavam na cabeça e eu tenho essas músicas até hoje”. - João

Já Ana quando perguntada acerca de sua experiência na catequese, por ser muito pequena (cerca de 7 a 10 anos), diz que sequer se recorda de muita coisa:

“Eu lembro, lembro até de questionar algumas coisas, lembro mais da crisma, da catequese pra primeira comunhão, eu era bem pequena”. - Ana

Carla, quando perguntada sobre a sua experiência na catequese, tem alguns momentos marcantes a expor, mesmo tendo feito também muito pequena, como Ana:

*“Assim, é tão engraçado porque eu acho que ela (a catequese) não contribuiu pra a minha formação do ponto de vista católico porque acho que a idade muito temprana, sabe. Por exemplo, a noção de pecado pra uma criança de 7 anos, e que a igreja católica insiste na noção do pecado e tal, é muito abstrata, sabe... e ela é muito, porque, uma criança de 7 anos não tem maldade ainda formada, e essa noção, a gente tem noção de certo e errado, mas de coisas que não são vistas efetivamente como pecado né, então por exemplo, eu me lembro na hora de confessar, **porque você necessariamente confessava com o padre antes da primeira comunhão**, e eu fiquei pensando assim, o que é que eu faço de errado...? Eu me lembro disso, de ficar pensado... o que é que era errado e que era pecado? E eu fiquei assim... mas o que é que eu vou falar pra o padre que eu faço, o que é que será que eu faço que é pecado? Então assim, não me lembro o que eu falei, mas algo como, falar mentira de vez em quando... brigar com meus irmãos, umas coisas assim sabe, eu não me lembro exatamente o que eu falei, mas eu me lembro de ter tido alguma dificuldade de reconhecer o que na minha vida significava pecado. Então assim, pra uma criança de sete anos realmente é muito distante, né, do seu poder de consciência, de avaliação, de interiorizar o que aos olhos da igreja não está numa conduta adequada. Então eu tive dificuldade disso, e uma coisa assim que eu me lembro, a gente associava muito essa ideia do padre, não como uma pessoa que vai te ajudar, criança não tem essa percepção, então eu enxergava no padre, não uma pessoa que fosse me castigar, mas era uma pessoa distante assim, uma autoridade, então assim acho que isso também não é bacana em termos religião. Tem que ser alguém com quem você se sinta confortável, à vontade né, e para uma criança ter que dizer para um adulto o que ela faz de errado, nossa, vou ser punida né, então essa associação, talvez por isso, eu não sei, eu não me confesso com o padre, regularmente, uma das razões porque eu respondi na sua pesquisa que eu sou não praticante. Do que eu me lembro das minhas aulas de catecismo, tem alguns sacramentos que a Igreja católica define, sete ou oito, não sei... Mas alguns que são bem importantes, né, que são a missa, todos os domingos, a comunhão e a confissão regular... Existe a confissão comunitária na igreja católica, mas ela sempre recomenda a confissão com padre, né, supostamente esse é ordenado e autorizado a mediar o perdão de Deus, né, mas eu não sei se por conta dessa experiência de criança, eu não me sinto confortável, então se eu tenho que fazer um exame de consciência, eu faço sozinha. **Nesse aspecto sou bem luterana assim sabe, eu não sinto necessidade do padre pra intermediar minhas conversas com Deus**, então é um dos outros motivos que eu acho que não sou uma católica praticante”. - Carla*

Quando questionada sobre a crisma, Carla nos conta:

*“Fiz, é, aí fiz a crisma com 15 anos, eu não sei se hoje ainda é assim, mas esse protocolo... enfim, **foi muito pela minha mãe, a minha mãe é muito católica, e ela que fez a iniciação religiosa de todos nós, nós somos 3 irmãos e todos nos fomos iniciados na religião por ela**”. -Carla*

Essas falas de Carla são muito interessantes porque evidenciam que, mesmo sem muito entendimento do conteúdo que era colocado dentro da catequese, mesmo alegando

que a catequese “não contribuiu pra minha formação do ponto de vista católico”, ela consegue captar nesse momento o sentido de conceitos como: confissão, missa, pecado e comunhão. Esses foram os que apareceram nessas falas, mas com certeza outros termos como: santo, reza e Deus foram termos que surgiram nesse momento de sua vida e nesse lugar de convívio. Mesmo com o entendimento de que a catequese não teve nenhuma importância para a sua vivência religiosa, o que procuro assinalar aqui é que a sua socialização infantil ter acontecido também na Igreja, para além de muitos outros lugares, é o que permitiu que houvesse entendimento desses termos, é o que vai ligá-la a religião por toda a sua vida, mesmo que mais adiante esses termos sejam usados para dar sentido àquilo que se chama de “espiritualidade”, como veremos no capítulo 3.

Rodrigo, quando questionado sobre a catequese, conta que foi reprovado nesta, mas depois explica:

“Não, na verdade não me reprovaram, não foi assim, toma aqui sua nota, você reprovou. Não, assim foi indo e assim eu acho que eu sempre fui muito desligado, então não tava sabendo muito dos eventos... Então chegou no final, eles se formaram e eu cheguei pra aula, como se fosse uma aula e eles tavam se formando, então eu não sabia o que tava acontecendo, mais ou menos nesse sentido, então eu digo reprovado mas não é aquela reprovação formal...”. - Rodrigo

Quando perguntado se se recorda do conteúdo da catequese, ele fala:

“Rodrigo: Não, era muito pequeno... assim discutia questões bíblicas, da bíblia e tal, eu sempre fui muito questionador, então assim, não sei se é um ambiente muito bom pra você ser questionador, um ambiente religioso... mas eu não... não me lembro muito bem das discussões exatamente, até porque eu era pequeno, devia ter uns 12 anos... 11 anos, 10 anos por aí.

Marina: E a segunda vez que você tentou fazer foi a mesma coisa?

Rodrigo: Foi também assim, mas eu acabei não indo, aí não foi pra frente.

Marina: Mas você tinha quantos anos mais ou menos?

Rodrigo: Mesma idade... Foi uma mais ou menos seguida da outra, e aí já não queria fazer mais, até porque já tinha participado de várias aulas, e aí não me formei, e aí fiquei meio chateado, né... não vou.... não fui. Mas eu fui mais por pressão familiar, da minha mãe, não é porque eu queria ir, não.

Marina: Ela te colocou?

Rodrigo: É, ela me colocava, me convencida e me colocava, e aí eu tinha que ir de manhã, era perto de casa. De manhã... sábado, acho que era sábado, de manhã, aí criança né, acabava não acordando direito”.

Apresentados os depoimentos que têm relação com a socialização do indivíduo na infância, gostaria então de fazer algumas observações. Em primeiro lugar, um dos principais motivos para se ter participado da catequese, ou mesmo de se ter gostado de vivenciá-la (ou não) parece ter sido a integração, tanto com um grupo, que às vezes era o mesmo grupo da escola, e às vezes não, como com a família. Não se viu aqui de fato um interesse, ou mesmo um entendimento do conteúdo religioso, o que marca é o convívio entre colegas e a pressão familiar.

Durkheim (1999) nos ajuda a compreender esse processo, já exposto aqui no começo do capítulo, ao colocar que a sociedade só existe por conta de ligações entre os indivíduos. Nesse sentido, os espaços religiosos são uma forte parte dessa estrutura na qual já se nasce, a ponto de ser vista como “natural”, de modo que o seu entendimento é essencial para que se compreenda o significado dos termos católicos, que se tenha uma pré-noção deles, para que assim se sinta integrante da sociedade em que se nasceu. O intuito de dominar esses termos e, portanto, compreender os significados, é se integrar na sociedade na infância, ser aceito e assim fazer vínculos sociais. O que verificamos aqui é que essa integração acontece por meio do domínio e aprendizagem dos significados dos símbolos religiosos, ou seja, estes são um intermediador da integração e não a sua finalidade. Por isso é que fazer a catequese se tornava muito mais aceite quando era feita “com os colegas da escola”, ou simplesmente quando os pais obrigavam. O desenvolvimento da compreensão do nosso “eu” só pode se dar a partir de um “nós”, ou seja, precisamos de interações sociais constantes para compreender uma estrutura social já colocada antes de nós, e sermos aceitos nela (ELIAS, 1994; BAUMAN, MAY, 2010).

Um segundo ponto a ser evidenciado é que, por mais banal que seja essa vivência na percepção subjetiva do indivíduo em relação à religião, o que busco demonstrar a partir de todos esses depoimentos é que a religião ter feito parte da socialização dos indivíduos na infância proporcionou a estes uma noção mínima de significados religiosos católicos, suas simbologias e seus ritos. É uma espécie de conhecimento acumulado, como qualquer outro que passa por esse indivíduo nessa fase inicial da vida, algo que fará parte de seus elementos básicos de identificação do mundo. Alguns termos que apareceram nas falas

expostas ao longo deste trabalho são: bênção, batismo, mandamentos, pregar, freiras, valores, confissão, missa, Bíblia, padre, orações, reza, corpo de Cristo, pecado, sacramento, punição, castigo, crucifixo, procissão, Deus e semana santa.

Todo esse arcabouço de conhecimento foi introduzido na infância e uma vez dominado o seu significado, ou seja, estando dentro de uma consciência coletiva que os engloba, é impossível se desvincular da percepção que se tem deles. Mesmo que se venha a mudar de religião, a familiaridade, ou seja, o domínio sobre os termos católicos, acompanhará os indivíduos que foram socializados nesses termos na infância. Mudar de religião significa, inclusive, dominar uma nova terminologia religiosa. É por isso que essa familiaridade é tão importante para a manutenção da vivacidade da religião dentro do indivíduo.

Houve, em uma idade crucial para a construção do que é a realidade um convívio mínimo com uma doutrina em de espaços (catequese, Igreja, casa da vó) e com pessoas (mãe, padre, irmãos) que construíram um conhecimento religioso. Para Berger e Luckmann (1985), na socialização da infância o mundo da criança se resume ao mundo dos pais, o que é por eles colocado ou apresentado se torna a realidade em si, ou seja, não há distinção entre a sua realidade cotidiana e o resto do mundo. Dessa forma, nesse primeiro momento de socialização, através de pessoas ou ambientes, é possível fazer com que um indivíduo se torne familiarizado com certos termos e ações, colocando-o assim em um lugar seguro, neste caso, dentro do campo religioso.

Como já comentado no início deste capítulo, para Berger e Luckmann (1985) é o cotidiano que cria a realidade mais palpável do indivíduo, aquela que ele se acostumará de tal forma que chamará de “natural”, que se fará viva para o indivíduo independente da noção que este tenha dela, sem perceber que, na verdade, são noções que só existem porque foram construídas, e elas se criam como reais para o sujeito quanto mais cotidianas forem. Por exemplo, a ideia de líder religioso: a noção de papa só pode ser construída a partir da noção de padre. Sem alguém que controle uma comunidade por meio de uma interação face a face (padre), não se faz possível a ideia mais ampla de controle de uma religião (papa).

Portanto, a socialização na infância é capaz de apresentar e passar para o indivíduo um papel. Para Berger (1986) o papel é uma reposta tipificada a uma expectativa também tipificada, para o qual a sociedade já tem preparados scripts para todos os personagens. Berger (1986) enfatiza a ideia de que o script, o papel, as expectativas para com um determinado tipo social são aprendidas na infância principalmente. Elas nunca deixam de ser aprendidas, mas é na infância que a sua grande maioria é internalizada, para ser vivida posteriormente na idade adulta. Ser não praticante é uma forma de se manter no grupo de “católicos”, ou seja, o indivíduo tem noção que domina todos os ritos básicos do catolicismo, e por isso está ligado à religião, mas também está consciente de que não pretende seguir a conduta determinada institucionalmente imposta pela Igreja. Ou seja, ele sabe que foge do script aprendido.

Esse indivíduo pode, entretanto, voltar ao script esporadicamente, reforçando assim a ideia de que ele é de fato um católico, apesar de participar de uma subcategoria desse grupo. Essa participação esporádica reforça a sua identidade não só ao expressá-la perante um grupo (uma vez que a identidade pressupõe o reconhecimento social), mas ao participar de vivências que fabricam a própria realidade (a reza, o missa, etc). O reconhecimento social para com a identidade religiosa do indivíduo pode estar implicado em situações de pano de fundo, como, por exemplo, pedir a benção a alguém mais velho ou se tornar padrinho de alguém. Essas questões serão melhores discutidas no capítulo seguinte. Aqui se quis evidenciar que o papel só pode ser deixado e retomado porque ele foi aprendido na infância, e isso gera um forte vínculo do indivíduo com a religião católica.

Por fim, gostaria de colocar que foi a socialização temprana e a conseqüente integração na religião que fez possível que a religião fosse para o indivíduo uma alternativa. A escolha – não praticar o catolicismo – pressupôs um conhecimento básico do que se supunha ser o catolicismo. Chamaremos a esse conhecimento básico *autossuficiência religiosa*. Os ensinamentos básicos recebidos na socialização infantil e até na adolescência produziram no indivíduo um domínio tal sobre termos, símbolos e ritos, que ainda se sentem integrados a eles, ou seja, dispensam a necessidade de um intermediador que ainda explique a religião. Não importa de que tipo de socialização veio esse entendimento, se foi da família, se foi na escola ou se foi da catequese, o fato é que essa socialização inicial foi base fundamental da ligação identitária do indivíduo com o

catolicismo. Essa “base” foi o que gerou entendimento do significado dos termos católicos, sejam esses imateriais (conceitos, palavras) ou materiais (rituais, terços, imagens de santos, escapulários, crucifixos, entre outros).

Integração familiar e escolar

A fim de reiterar tudo que já foi dito até aqui, apresento a seguir algumas falas que reforçam a ideia de que o meio familiar, assim como a escola (no caso de pessoas que estudaram em escola religiosa) é um meio importante para a construção da identidade católica e para o acúmulo de conhecimento nessa área. É importante frisar aqui que todos os entrevistados indicaram conexão de suas famílias, tanto por parte de pai como por parte de mãe, com o catolicismo, para além de seu pai e sua mãe (apenas o pai de um dos entrevistados era espírita).

“Pelo batismo e pelas tradições que a minha avó tinha e que foi passando pela gente em relação ao catolicismo”. - Cristine

*“Fez parte dela assim, **natural**, cresci numa família católica, praticante, todo domingo vai pra missa, só tem sorvete se for pra missa”. - Luciana*

*“Ah... assim, eu acho que, tenho grandes amigos que eu fiz nessa época de escola, era divertido, **mas tinha coisas tipo crucifixo dentro da sala, todo dia antes de começar a aula tinha que rezar ave Maria e Pai Nosso...** A coisa própria de você ter a Igreja dentro da escola né, fisicamente falando né, e daí ter essas celebrações que envolvem muito, **as celebrações da escola elas passam pelo calendário católico** né, assim, então eu lembro que a gente tinha muito mais feriado do que as outras escolas (risos), porque, era tipo, dia do santo não sei o que, do santo não sei o que, do santo não sei o que, sempre era um feriado . (...) Como eu cresci com isso, acho que de algum modo sim, ele acaba estabelecendo relações sociais, você acaba, igual eu fiz parte desse grupo de jovens, e na escola, os próprios pais acho que facilita, acho que tem uma coisa de “ah ele é católico também, estudou na escola de padre comigo”, acho que dá uma...” - Amanda*

*“Eu gostava. Gostava, era bem interessante... e acho que, principalmente quando você é criança, você associa uma coisa meio lúdica do **cantar nas missas, por exemplo**, né. A minha turminha de escola, na época eu tava na quarta série, e a minha própria professora era nossa maestrina, sabe, então ela nos ensaiava depois as aulas, e a gente fazia o canto na missa de domingo de manhã. Então era sempre uma coisa assim gostosa, mas assim, coroei, essas coisas que as crianças participam, em missa, os eventos, semana santa como figurantes. Na cidade tem aquelas procissões com figurantes, encenação, então algumas vezes eu participei, e acompanhava a procissão, **tinha todo aquele ritual**, bem marcado, e eu gostava, gostava disso. (...) Ainda existe muito essa coisa das festas religiosas, das festas de padroeira, procissão, semana santa, tem muito,*

esses bingos beneficentes, a comunidade se envolve muito né, então eu fui formada nesse núcleo, então isso foi muito forte pra mim, o meu início de vida religiosa, por esse tipo de vivência, eu creio”. Carla

A participação em grupo de jovens, o sorvete que só virá se se for para a missa, os amigos feitos na escola religiosa, o contato com avós muito religiosos, a participação em festas católicas, o aprendizado e lembrança de músicas, todos esses são elementos da socialização infanto-juvenil aos quais se fizeram referência até aqui.

Memórias afetivas

Nesta seção demonstrarei como memórias do período infanto-juvenil reforçam a conexão atual do indivíduo com a religião católica, enfatizando, dessa forma, tudo que já foi dito até aqui acerca da importância da socialização infantil no meio religioso para a formação identitária do indivíduo, inclusive na sua idade adulta. A seguir leremos quatro falas que nos mostram a conexão do indivíduo com a religião nesse sentido.

Começemos por Carla. Quando questionada acerca da sua prática religiosa e sua ligação com o catolicismo no presente, nos fala:

*“Inclusive assim, a minha associação de prática religiosa tem muito a ver com essa imagem, essa vivência dessas Igrejas sabe, pra mim Igreja bacana é como aquelas históricas, sabe, **escurinhas, super silêncio**, eu não gosto dessa coisa, por exemplo, que a igreja católica inventou, né, enfim, daquela onda carismática, chama padres carismáticos, que era muita cantoria, muita bateção de palma e bateria dentro da igreja. Eu detestava isso, **porque pra mim, o momento daquele sacramento que era a missa ou de qualquer oração, é necessariamente pra ser num lugar muito silencioso sabe, com uma luz mais baixa né, pra exatamente permitir a reflexão, a concentração né, então, eu não curto, por exemplo, aqui em Brasília eu adoro ir à missa, quando eu vou, eu não vou sempre, mas ali no mosteiro de são bento, que ainda tem o orgãozinho, é uma coisa bem assim intimista, sabe, e eu acho assim, que aquele momento necessariamente tem que ter esse recato sabe, essa privacidade, esse momento muito seu, e as igrejas muito amplas, com muito cheias de gente... eu me desconcentro, eu não gosto, sabe. (...) É, mas eu acho que tem a ver com isso, porque as Igrejas que fizeram parte na minha vivência de início na religião, elas eram assim, então tinha aquela coisa, não podia falar alto, então a gente ficava caladinho...”** - Carla*

Ou seja, a vivência religiosa dela hoje tem a ver diretamente com a sua vivência religiosa da infância. Quando busca uma Igreja para praticar a religião, só se sente bem em espaços que sejam similaridade àqueles com os da infância, como ela mesma coloca, se não for um espaço “silencioso”, “escurinho” ela não frequentará.

Já Ana, quando perguntada sobre como foi estudar em uma escola católica, nos conta:

*“Ana: Olha, assim, lembrança pequena, eu gosto muito das músicas, lembrar de cantar sabe, a gente cantava música de São Francisco e Maria, então assim, foi como **isso fez parte do meu dia a dia quando eu era pequena**. E acho que fica sim, tanto que quando eu fui lá agora recentemente, que **minha filha mais velha começou a estudar lá tem dois anos**, isso me tocou, eu fiquei muito emocionada né, quando eu vi isso numa família, **muito mais do que ir a uma missa até, entende**, não sei se consegui te responder, mas assim, foi na escola pra mim. Quando eu era pequena eu estudei numa escola católica, quando eu era pequena eu lembro de ir à missa todo domingo.*

Marina: Como foi estudar num colégio religioso?

Ana: Pra mim foi ótimo, tanto que as minhas filhas estão lá hoje (risos). É a mesma escola...”

A memória para com o espaço religioso é tão boa que o resultado foi de perpetuação para as suas filhas. Ainda que o vínculo de Ana com a religião não seja forte na prática cotidiana, ou mesmo na crença dos dogmas, as vivências foram suficientemente boas e felizes para querer passar isso para suas filhas.

Augusta, quando perguntada sobre o espaço que a religião católica ainda tem em sua vida, nos conta:

*“Olha... não vou dizer que não tem nada, que ainda tem alguma coisa dentro de mim porque eu fui criada nisso sabe, mas... mas não, na minha vida assim, não costumo, não tem muito espaço, acho que **o que ainda tem dentro de mim são as lembranças da mãe sabe...** mas não, fora isso não...” - Augusta*

A mãe, já falecida, introdutora dela e suas duas irmãs na religião, tinha uma forte conexão com o catolicismo. Hoje a religião se apresenta como algo que tinha um forte sentido no passado para sua mãe, e por isso ele não se faz desimportante, mesmo com a falta de prática: é como se a religião fosse um vínculo, um meio de reconectá-la com a sua mãe.

Já Luciana, quando questionada se a catequese foi de alguma forma marcante, responde:

“Luciana: Eu tinha uns nove anos... 10 anos... Não assim, marcante não... Teve, teve sim, na véspera da primeira comunhão nós fomos passar

o dia no sítio de uma das freiras lá, aí foi muito bom, o encontro né, dos estudantes e com as freiras, foi bom...

Marina: Você fazia com as mesmas pessoas da escola?

*Luciana: Sim, era a turma da escola, era a turma da antiga quarta série. **Todo mundo no final da quarta série fazia primeira comunhão**”.*

Essa lembrança remete a um momento feliz de integração, algo que marcou fortemente sua trajetória infantil na escola religiosa.

Todas essas lembranças mencionadas são indicadores de que a identidade religiosa está ligada a uma vivência infantil dentro de uma socialização religiosa e que, muitas vezes, essas lembranças são marcadores, ponto de conexão com a religião no momento presente. Por mais que se digam “católico(a) não praticante” o termo “católico” pode ser sustentado, entre vários outros motivos, por memórias que emocionam e religam o indivíduo a um tempo, uma pessoa, um cheiro, uma sensação, uma música, uma situação, enfim, diversos aspectos com os quais a pessoa se identifica e que estão identificados com o catolicismo.

Afastamento da religião

Até aqui vimos, por meio de autores e de falas dos entrevistados que o ambiente tem muita influência na moldagem das funções psíquicas, e verificamos como isso ocorre na esfera religiosa, com os católicos não praticantes. Nesta seção gostaria de acrescentar alguns elementos a respeito do processo de socialização para que possamos pensar sobre o afastamento dessas pessoas do catolicismo.

Berger e Luckmann (1985) colocam que possivelmente, ainda mesmo na infância, o indivíduo começará a transitar entre outras realidades para além da sua casa: a rua onde mora, casa de seu colega, o que sai na manchete do jornal, o que é noticiado na televisão, a novela que se assiste à noite, ou mesmo o que se passa em outro país, entre outros. Esse contato com outros submundos que não só o de seus pais faz com que sejam processadas outras realidades em sua mente, fazendo assim com que o indivíduo se dê conta da localidade da realidade dos pais. É nesse momento, por exemplo, que se conhecem outras religiões e que se percebem essas como verdades tão concretas quanto as suas. Quanto maior for o contato com realidades de outros submundos, menos concreta e mais relativa será a realidade dos seus pais conhecida pelo indivíduo.

Para Berger (1986) cada ambiente é um ambiente de controle social que corresponde a uma ou mais instituições (a família, a religião, o trabalho). À medida que me desloco na sociedade, me integro a mais um sistema de controle ou me livro de outro. Sair do ambiente familiar, por exemplo, é uma libertação de um tipo de controle, que neste caso, está associada ao controle religioso também. Aqui não nos referimos apenas a sair de casa permanentemente, para ter a sua própria casa, mas sair de casa no sentido de passar mais tempo em outros espaços que não apenas o cotidiano dos pais e vizinhos.

À medida que muda o ambiente, ou seja, que mudam as interações sociais estabelecidas que estarão socializando o indivíduo, muda também o seu entendimento de mundo (ELIAS, 1994). É o que, de fato, parece acontecer com os entrevistados, que se afastaram ou aproximaram da religião na medida em que tenham menos ou mais laços de integração social nesse sentido. Quanto maior for a quantidade de pessoas ligadas à religião que se ligam a esse indivíduo, maior será a sua ligação com a religião. Na infância, portanto, se criado dentro de uma família católica, é esperado que o catolicismo “aflore” nessa criança de modo “natural”, ou como única realidade sócio religiosa possível. Na medida em que se afasta de sua família e outros ciclos sociais começam a ser inseridos em sua vida, a tendência é se afastar da religião e descobrir outras realidades.

Em um terceiro momento ainda, ao casar-se, momento de construir novos vínculos com pessoas importantes, pode ser que a religião volte a ser um fator significativo para manter uma boa integração com esse novo grupo, que inclui: sogras e sogros, cunhados e cunhadas, o(a) próprio(a) cônjuge, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas, enfim, toda uma rede nova. Por um motivo de integração, pode ser que a identidade religiosa do indivíduo seja retomada ou, pelo menos, que dela o indivíduo não se desfaça, por ser um elo de conexão com essas novas pessoas. Muitas vezes essa pode ser uma estratégia “natural”, que nem mesmo é percebida. Ela seria percebida como coerção apenas no sentido durkheimiano, se se fosse contra ela, ou seja, se se assumisse para essa nova família que não se tinha religião, que se acreditava que o catolicismo era uma “grande bobagem”, como colocou Augusta em relação à catequese, por exemplo. É ir contra que poderia gerar um problema. Se manter dentro da religião é, portanto, visto como “natural”.

O afloramento da identidade religiosa, ou a reconexão do indivíduo com esta, pode se dar justamente porque este se liga à pessoas que têm a religião como um aspecto

importante em suas vidas e essa é uma realidade importante de se compartilhar. A discordância dela pode tornar o outro (ou os outros) minimamente incoerentes para o indivíduo, assim como ele pode reacear ser considerado incoerente por aqueles a quem quer se ligar. Dessa forma, a sua concordância para com a religião pode aparecer apenas como pano de fundo: apenas não discordando dela, fazendo-se entender integrado naquele pensamento. Berger e Luckman (1985) notam que pesa muito com quem o indivíduo está falando: a opinião de um amigo pode ter muito mais peso que a de um desconhecido, entretanto se 10 desconhecidos têm a mesma opinião que diverge da opinião de seu amigo, pode ser que a confiança na opinião do amigo comece a se abalar.

Ou seja, compartilhar uma realidade pode ser importante, a depender do submundo em que você se encontra: não compartilhar a sua religião no ambiente de trabalho pode não ser nada problemático, entretanto, não compartilhar essa realidade com o cônjuge pode vir a ser um problema. Justamente por ser uma pessoa que tem mais importância na vida do indivíduo, é importante que algumas realidades sejam entendidas como verdades por ambos. Pode ser que essa questão nem mesmo seja um problema entre um casal, ou entre famílias, mas com certeza abster-se de dar opiniões sobre o assunto é mais seguro se não se deseja ser questionado sobre isso, e nessa situação abster-se pode equivaler a criar uma realidade de pano de fundo, de entendimento mínimo de que não se repudia, por exemplo, determinada religião.

Vamos então a algumas falas que dialogam com a discussão que estivemos fazendo até aqui nesta seção acerca do afastamento do indivíduo do catolicismo. Todas as respostas aqui transcritas se remetem ao questionamento do motivo de ir deixando de praticar a religião ou o momento que se identificou como “católico não praticante”.

*“Ah, quando eu era criança a gente sempre ia na Igreja, todo final de semana, **ai meus pais se separaram**, eu fui morar com a minha mãe, e minha mãe já não tinha essa frequência sabe, **ela já não ia à Igreja**, ai a gente parou de ir. E quando eu tinha uns 12, 13 anos, a gente parou de frequentar a Igreja. Ai não sei quando veio, mas... hoje é raro também eu ir a Igreja, eu vou de vez em quando, mas chamo de não praticante porque... **acho que tem uma dificuldade de abandonar esse rótulo**... não sou mais católico... eu acho que por isso vem católico não praticante, assim, sou católico, mas não frequento a Igreja, não sei como exatamente que veio isso na minha mente”. - Rafael.*

Aqui se evidencia um pouco do que foi discutido anteriormente: a frequência de idas à Igreja estava associada a sua mãe, que uma vez separada deixou de frequentar. Ou seja, parece que o que integrava a mãe a essa realidade era o casamento, que uma vez desfeito, desfez também a conexão com o religioso. Isso fez com que a socialização de Rafael nesse ambiente não fosse forte, intensa, mas existisse. Ele admite inclusive que sente dificuldade em abandonar o rótulo e que não é mais católico. Berger aponta que um dos motivos atuais de fragilidade da religião é que o seu controle se exerce demasiadamente por meio da família, que hoje é uma instituição frágil. Vejamos o que nos diz ainda Rafael sobre o assunto:

*“Ah, teve essa questão da separação, mas quando eu era criança e adolescente, eu não gostava de frequentar a Igreja, porque eu não prestava atenção, achava que era muito lento, eu não entendia nada, e aí quando eu tive a oportunidade de não frequentar mais, aí eu parei de frequentar. Dos últimos anos pra cá eu voltei a frequentar a Igreja, acho que ano passado, ano retrasado, eu voltei, tipo assim, pelo menos duas vezes no mês, e aí eu fui parando também, esse ano eu fui poucas vezes, mas o motivo, né? O motivo, assim, **quando criança porque eu não gostava, era chato**, e agora por falta de tempo... **não é falta de tempo, mas eu despriorizei, né... despriorizei**”. - Rafael*

Vejamos agora o que Amanda diz a respeito do assunto:

*“Especificamente não teve um momento marcante, um momento de um dia aconteceu isso e eu decidi. Mas eu acho que foi muito mais, **principalmente depois que eu entrei na faculdade e saí da casa dos meus pais né**, que foi ao mesmo tempo, que eu mudei de cidade, e eu voltava, que eu volto com alguma frequência, para visitá-los, e daí, assim “ah, vamo à missa” e não era uma coisa assim que me despertava, e eu vi que estando longe deles né, não estando mais morando com eles, eu não mantive as práticas. Então, foi mais nesse sentido assim, eu não vou à missa sozinha, eu não rezo o terço, essas coisas que são, digamos características da prática católica e eu não faço, então, acho que é mais nesse sentido...” - Amanda*

Nessa fala de Amanda fica claro como o seu vínculo religioso era na verdade um vínculo familiar. O afastamento desse núcleo de controle e a aproximação de outras realidades fez com que Amanda entendesse que na realidade, longe daquele grupo, aquela identidade e forma de entender o mundo desapareciam, o que não a impediu e não a impede de manter essa realidade como pano de fundo quando visita seus familiares. Vejamos mais um pouco do que ela nos conta sobre esse assunto:

*“Principalmente porque eu estudava em escola de padre tinha uma coisa assim muito, que foi muito divisor de águas assim, que até uns 15 anos eu ia num grupo de jovens que tinha lá, que era da escola e da Igreja né, que junto com a escola, a Igreja Católica. E eu ia... e até meu primeiro namoradinho foi lá desse grupo e tal, e era aquela coisa assim, todo mundo, e tinha uma coisa de fé assim né, e da prática católica, e tal, só que aí eu comecei a perceber que tinham várias pessoas do grupo (risos), principalmente às vezes as pessoas que falavam né, assim, que falavam lá na frente e tal, que sei lá, traíam o namorado...umas praticas bem hipócritas assim, entendeu? (risos) E assim, lógico, hoje eu entendo que é uma coisa muito amostral, assim né, não dá pra você julgar o todo por isso né, mas aí eu acho que começou por isso e aí eu fui percebendo... Até porque eu acho que a religião católica especificamente, ou a instituição católica, digamos assim, ela tá sempre muito na mídia assim, né, o Papa e tal, e com isso os dogmas também que ela impõe assim, e daí eu comecei a questionar, perceber que isso que eles falam do aborto, que eles falam de, ah mulher divorciada não pode comungar, e... sei lá, não pode casar duas vezes na Igreja, essas coisas que pra mim não fazem muito sentido, entendeu. E que não fazem muito sentido inclusive na minha criação, porque os meus pais também não são católicos praticantes assim (risos), eles se dizem católicos, e cumprem o rito um pouco mais do que eu acho que eu cumpro, no sentido assim, de passar pra os filhos, de batizar, fazer catequese, mas eles não vão à Igreja todo domingo, não concordam com tudo isso, então assim, também não era uma coisa que era já tão forte assim em mim, que tipo eu cresci acreditando. Não, era uma coisa do meio, assim e tal, e daí, **à medida que eu fui tendo outras experiências, acho que a faculdade e o início da graduação é muito marcante nisso**, porque você começa a conviver com outras pessoas né, porque quando você tá convivendo **ali na escola, é uma amostra muito homogênea da sociedade né assim**, é todo mundo assim, com família parecida né, tal e tal, aí à medida que você vai conhecendo outras pessoas você vê que a realidade não é igual pra todo mundo, e daí você começa a pensar tipo, “ah como que tem uma Igreja que impõe regras muito rígidas pra todo mundo quando as realidades são muito diferentes ne” acho que é mais por aí assim...” - Amanda*

Mais uma vez aqui se evidencia o conhecimento de outras realidades: o início da graduação, conhecer outras pessoas, tudo isso choca com um mundo muito bem estabelecido em que todos têm “família parecida” e no qual o catolicismo era colocado como realidade. Além disso, já aqui aparecem discordâncias para com os dogmas impostos, aspecto que será melhor trabalhado no próximo capítulo.

Vejamos agora o que diz Luciana, que assim como Amanda estudou em colégio religioso, sobre esse assunto:

*“Não, não crismei. Não sei por que! **Eu já não estudava mais em colégio religioso** e acho que a minha mãe não... não sei, não sei. Acabou que eu não me crismei. A minha irmã mais nova que eu quatro anos fez a crisma... por que será que eu não crismei? Não sei...” - Luciana.*

Apesar de não conseguir identificar o motivo pelo qual não se crismou, a única coisa que vem a sua cabeça na resposta parece ser que “já não estudava mais em colégio religioso”, evidenciando assim um afastamento da instituição no seu cotidiano e a conseqüente entrada em outros meios e ambientes sociais. Ainda sobre o assunto, respondendo acerca da sua frequência nas missas e da confissão semanal com o padre, ela nos diz:

***Luciana:** É, toda semana. Pra quem quisesse ir, né?! **E eu estava lá toda semana.** E quando eu mudei de escola, eu não tinha, não era tão rigorosa a educação, com relação a comportamento né, crianças mais danadinhas não eram punidas com tanta severidade, e aí existia mais liberdade, por não ter tanta punição, o que achei de diferente foi isso.*

***Marina:** Quando você se deu conta que você era uma católica não praticante? Quando, ou como?*

***Luciana:** Quando eu parei de ir pra missa todo domingo.*

***Marina:** Você ia todo domingo?*

***Luciana:** Todo domingo, aham, pra missa.*

***Marina:** E aí você se mudou pra uma cidade maior, foi?*

Luciana:** Quando eu saí da casa da minha mãe! Aí não tinha mais aquele ritual no final do dia do domingo... domingo de tardezinha todo mundo se arrumava pra ir pra missa, era.. é assim até hoje na casa da minha mãe. **Mas quando eu saí da casa da minha mãe, aí caiu assim, caiu em desuso...

***Marina:** Você não quis mais ir? Ou porque você parou de ir?*

***Luciana:** Porque eu parei de ir? (ela mesma parece confusa sobre isso) Apareceram outros compromissos... Primeiro falta tempo, depois, não... não, não é falta de tempo não... é falta de motivação mesmo, falta de vontade de ir pra missa.*

***Marina:** E aí quando você parou de ir foi então quando você se deu conta...*

***Luciana:** É, de repente um belo dia eu disse, nossa nunca mais eu fui pra missa, **tomara que vovó não saiba**, se não ela briga comigo (risos). E aí eu não vou mais, não...*

A motivação de Luciana para ir à missa, assim como a de Amanda, parece ser a conexão com a sua mãe, com a sua família. Não havendo mais essa conexão cotidiana, a religião cai em “desuso”. Mais uma vez aqui fica evidente a integração como principal motivo de uso da religião, esta sendo um meio de integração e não um fim em si mesmo. Vejamos agora o que conta João a respeito do assunto:

Marina: Depois que você saiu do colégio católico, você continuou dentro da religião?

João: Não, ai eu afastei bastante assim...

*Marina: Pelo que você falou parece que **você reaproximou por conta da família da sua esposa...***

*João: Foi, foi, é, **acabou sendo por conta disso**, porque mesmo com a minha tia lá que ia à missa também não tinha muito porque ela ficava mais com ela mesmo, assim. Agora reaproximei exatamente por isso, ter conhecido, tem o quê? Três anos que eu tô me relacionando com ela né, um ano de casado e aí acaba... **é que ela fala muito aí, de uma maneira ou de outra você acaba um pouco imerso naquilo.***

Nessa fala fica evidente a questão de a identidade aflorar na medida em que aumentam as conexões do indivíduo com pessoas que têm a religião como uma questão em suas vidas, ponto que foi comentado no início dessa seção. Sigamos vendo o que João nos diz a respeito desse assunto quando perguntado sobre o curso intensivo que fez na Igreja católica para obter os ritos básicos (para agradar a sua sogra, como veremos no próximo capítulo), por conta do seu casamento que ocorreu na Igreja:

*“Foi, foi, uma formalidade, encontros aos sábados de duas horas, durante 3 meses, e **você repara que lá, a maioria era porque foi convidado a ser padrinho**, então no curso não teve ninguém que fez porque eu quero continuar... um ou outro... quero continuar minha jornada cristã que eles diziam né, mas a maioria porque teve convite de padrinho e aí é obrigatório, você ter pra poder ser padrinho. Mas, em contrapartida muitos praticantes tavam num ambiente ali que não tavam sentido desconforto, tavam confortável”. - João*

Ou seja, em sua maioria, quem participa desse curso tem um interesse concreto para com a religião, provavelmente pessoas, assim como João, que tinham alguma familiaridade com o catolicismo, que foram socializados na religião católica, mas não terminaram de cumprir seus ritos básicos na infância. A reaproximação da religião de forma familiar demonstra domínio mínimo sobre seu conteúdo, e o motivo parece ser aquele já aqui discutido, nova integração com pessoas que têm a religião em consideração. No fim desse curso será criado um pano de fundo da realidade estabelecida, não necessariamente a crença com afinco dos indivíduos, nem uma prática cotidiana será estabelecida em suas vidas com relação à religião: tão somente haverá um entendimento geral (da inserção do sujeito na religião) para àqueles com quem essa pessoa se importa em compartilhar essa realidade.

Vejamos agora o que nos diz Carla a respeito desse assunto:

“Mas seguramente ali a crisma, não foi uma demanda minha, foi como eu te falei da minha mãe, “não minha filha, você fez 15 anos você precisa crismar”, e eu concordei. Já meus irmãos, por exemplo, não quiseram, e a minha mãe não obrigou, mas eu fui crismada, mas exatamente nessa época, eu já... completamente desligada da minha Igreja e aí já não morava mais na minha cidade, morava em BH”. - Carla

“Já morava em BH, foi exatamente nessa época que a gente se mudou pra lá, o contato com esse universo, universo de questionamento de tudo, questiona seus pais, a educação, vários princípios, e a religião vai no meio, então ali eu acho que foi o ponto que quebrou, o que eu vinha trazendo até então como uma prática religiosa permanente, assim, pelo menos a religião fazia parte do meu dia a dia de uma forma bem presente, e deixou de fazer”. - Carla

“Na hora que você começa a tomar consciência de si, consciência de mundo, você começa a raciocinar sobre as coisas e começa a questionar, é bem nessa fase de adolescência, e, mais tarde, isso eu acho que se agrava, sabe, na medida que você faz uma cadeira como filosofia por exemplo você tira o seu chão, completamente, tudo o que você acreditava é posto, né, uma grande interrogação, ou, a própria vivência né. (...) Sim, a partir desse momento eu já não ia mais à missa, não me envolvia com nada de Igreja, seguramente nessa fase eu já não participava muito”. - Carla

A mudança para Belo Horizonte parece ter sido essencial para a emergência de seus questionamentos, inclusive da religião, reforçado assim a teoria de Berger e Luckman (1985) acerca da questão da socialização em outros contextos, criando novas realidades e questionando antigas. Com 15 anos, então, em Belo Horizonte, longe de sua família cotidiana que Carla diz ser “completamente desligada” da sua Igreja, se dá uma quebra na sua prática permanente, de modo que a crisma imposta por sua mãe é o que faz ela se identificar como não praticante. Por fim, vejamos o que nos diz Augusta acerca desse processo de descrença:

*“Desde a minha adolescência, no caso assim sabe, porque quando eu era menor, e até a minha adolescência na verdade, até quando eu tinha uns 18 anos, eu participava de retiros, sabe, ia num grupo de jovens, eu fui num grupo de crianças da Igreja Católica, movimento de pré-adolescentes, depois a juventude, e não cheguei a fazer o de adultos. Acho que quando eu cheguei nessa fase de fazer o de adultos, eu pensei: “mas porque que eu tô indo passar o final de semana lá?” É legal, sabe, eu achava legal porque mesmo tendo toda essa coisa de ligação com o catolicismo, com a bíblia, com... enfim, **mas era um momento de reflexão mais da vida, sabe, e das minhas atitudes, e de como eu tava levando a vida**, então eu gostava de participar, só que num momento eu vi que não fazia mais sentido eu ir e ficar lá um final de semana, numa*

*coisa católica, pra eu estudar a bíblia, enfim, coisas que eles pregam que eu nem acredito, sabe.. então eu... porque até quando a mãe era viva também e nos guiava, até quando ela nos levava, ela nos levava na Igreja, a gente sempre vivenciava o catolicismo, então acho que depois disso, quando eu comecei a ter mais consciência do que é uma religião, de ter conhecimento do que as outras religiões dizem, sabe... **porque até então eu nem sabia que tinha outras religiões**, até então era só o catolicismo, sabe, **depois que eu comecei a abrir os olhos pra o mundo que eu vi que não é isso, não é só uma religião, um Deus**, enfim, que eu comecei a perceber que não sou católica, sabe, não acreditava no catolicismo 100%.(...)Vamos botar assim, uns 17 anos, 18 anos, que foi quando eu realmente, não fui mais na Igreja... porque até então eu ia na Igreja...mas foi quando eu me desliguei mesmo, sabe.(...) Foi pelo fato de a mãe não tar mais aqui, ela não nos incentiva mais a ir, e também porque eu parei de acreditar, conheci novas religiões, e abri os olhos, vi que existem outras religiões no mundo...”. - Augusta*

O afastamento da religião também se deu por conta de um corte de vínculo com sua mãe, mas nesse caso por motivo de falecimento. Começam então os questionamentos acerca dessa realidade que é o catolicismo, de sua participação na religião, nos retiros, nas missas, nos grupos de jovens. A religião passa a ser vista como uma “reflexão mais da vida”, até ser deixada completamente de lado. No próximo capítulo veremos como essa é a semente da “espiritualidade”.

Augusta, parece ter se afastado da religião por conta do rompimento físico de um vínculo, aspecto que outros entrevistados também trouxeram, mas por conta de um uma mudança de casa, cidade ou mesmo de escola, ou seja, de algum ambiente que proporcionava a esse indivíduo algum vínculo com a religião católica, reforçando assim o que Berger e Luckman (1985) colocaram sobre o assunto.

Concluindo...

Vimos nesse capítulo o quão marcante é a socialização primária dentro da religião católica para vincular o indivíduo a esta ainda na idade adulta por meio de um conhecimento básico de conceitos católicos, ritos e signos, que geram no indivíduo uma autossuficiência religiosa, ou seja, uma noção de que já dominam a religião e não precisam de continuidade nesta para legitimar a sua pertença. Ou seja, dispensam a autoridade religiosa com base em tudo aquilo que já sabem. Essa discussão será retomada no último capítulo, até aqui importou demonstrar o desenvolvimento desse processo. Ressaltemos, portanto, alguns pontos que apareceram ao longo do capítulo:

1. O batismo é o rito que faz com que as pessoas entendam que estão conectadas ao catolicismo (não exatamente que se conectaram a ele);
2. A mãe costuma ser a principal introdutora do indivíduo na religião;
3. Na infância, o catolicismo (catequese, missas, festas) é um espaço, sobretudo, de socialização e integração. A aprendizagem dos símbolos e signos se dá como consequência dessa vivência;
4. À familiaridade e entendimento mínimo de termos, símbolos e ritos, chamaremos de autossuficiência religiosa;
5. O catolicismo é visto como algo “natural” a partir dessa familiaridade;
6. Os sacramentos de iniciação no catolicismo (batismo, eucaristia e crisma) costumam estar incompletos no católico não praticante adulto;
7. Na idade adulta, o catolicismo se sustenta na vida dos não praticantes como uma pano de fundo: uma verdade subentendida;
8. As memórias afetivas são um forte elo de conexão do indivíduo com a religião no presente;
9. A participação esporádica não afasta o indivíduo da religião, ao contrário, reforça sua identidade católica.

A partir destes nove pontos expostos acima espero que o processo de socialização, que se buscou aqui evidenciar durante todo o capítulo, fique claro: ele começa pela introdução do indivíduo na religião desde o seu núcleo mais fundamental: a família. Por meio desta é identificada a religião pelo indivíduo como algo “natural”, quando, na realidade, vários foram os esforços para que aquele entendimento de mundo se concretizasse em sua mente. Os diversos processos de socialização dentro do catolicismo geram no indivíduo uma familiaridade para com os termos deste, fazendo assim com que se esses termos católicos se tornem elementos de identificação de mundo, ou seja, conceitos que se fazem parâmetro até mesmo para o conhecimento e entendimento de outras religiões.

Por mais que a iniciação em todos os ritos não costume ser completa (há o abandono da catequese ou a recusa em se crismar), a familiaridade para com os termos permanece por toda a vida e o motivo racional de associação com a Igreja fica sendo o batismo, e não essa familiaridade com os termos e ritos, uma vez que estes já se tornaram

“naturais” para o indivíduo. Dessa forma a religião é reforçada no indivíduo por meio de memórias e participações esporádicas em ritos, que confirmam para a sociedade a adesão do indivíduo àquela verdade, ao que chamamos de “pano de fundo”. No capítulo seguinte falaremos mais sobre essa participação esporádica e como ela influencia a religião e o indivíduo. Até aqui importou demonstrar o caminho que se percorre até que se identifique como não praticante, mas pertencente à religião católica. Passemos então às práticas e aos significados que elas possuem para os indivíduos em um mundo secularizado.

Capítulo 3 - Católicos não praticantes: os católicos secularizados.

Neste capítulo se buscará evidenciar uma segunda característica que nos ajudará a produzir um tipo ideal dos católicos não praticantes. Analisaremos a seguir alguns motivos mais pelo quais os católicos não praticantes permanecem associados à tipologia "católico", ainda que não haja prática da religião ou mesmo crença em alguns de seus aspectos fundamentais e discordâncias profundas em relação aos seus principais dogmas, como suas falas evidenciarão. Neste capítulo mostrarei a existência da consciência de uma espiritualidade à parte da religião: ao invés da prática religiosa ausente, esses indivíduos dizem ter uma prática espiritual constante. Buscarei aqui, portanto, mostrar como essa maneira de vivenciar a religião evidencia uma conduta própria de um mundo secularizado. Iniciarei o capítulo explorando um pouco a noção de secularização, para que se faça possível passar para a análise das falas dos entrevistados dentro dessa perspectiva. Contextualizemos a seguir, brevemente, esse processo.

Para Bruce (2016), a mudança de percepção de domínio do mundo na modernidade tem a ver com alguns eventos históricos, quais sejam: as revoluções científicas, a reforma protestante (1517), a Revolução Industrial (1740-1770) e a Revolução Francesa (1789). Para abordar o tema da secularização, Bruce (2016) foca na ciência, no desenvolvimento tecnológico. O autor entende que a religião foi sendo colocada de lado na medida em que a tecnologia se colocou como principal alternativa para a resolução dos problemas iminentes, fazendo com que as pessoas pudessem deixar de recorrer ao sobrenatural para resolver seus problemas. Isso vai gerar o que Berger (1985) chama de “crise da credibilidade”, um dos efeitos da secularidade na própria religião: o início da dúvida perante os dogmas religiosos, a possibilidade de desacreditar sem, necessariamente, deixar de crer. Além de transformar a economia de uma forma considerável, a tecnologia mudou a organização social da vida das pessoas: transformou a urbanização, implementou a burocratização e a venda em massa.

Todos esses processos serão percussores da crise de credibilidade, pois eles atingiram a própria percepção de mundo das pessoas. A religião, portanto, não poderia deixar de ser influenciada por esses processos, uma vez que ela é, sobretudo, prática cotidiana (PETERS, 2019): A Igreja Católica que já vinha tendo que competir com outras religiões protestantes, tem agora que competir também com essas outras visões de mundo

que estão se impondo na modernidade, é o que Berger (1985) chamará de dupla competição. A secularização, portanto, não é um processo que permeia apenas os espaços sociais não religiosos, ela tem influência dentro das próprias religiões: as religiões e instituições religiosas também reagem e vivem a secularização dentro delas mesmas (BRUCE, 2011). Visto que elas têm que responder, necessariamente, a essa dupla competição, não podem ignorar que estão competindo com novas realidades, e têm de tratar os seus adeptos como verdadeiros clientes, identificando suas vontades e se adaptando a essas novas realidades.

A pluralidade de realidades dentro da dupla competição diz respeito à multiplicidade de religiões (1) e a multiplicidade de instituições a que os indivíduos tem que responder (2). Sempre que falarmos aqui em pluralidade estaremos, portanto, nos referindo a esses dois aspectos. A multiplicidade de religiões se faz possível em vista da decadência da hegemonia religiosa, no caso do ocidente, da Igreja Católica. A identidade religiosa das pessoas as identifica dentro de uma fé, ou seja, numa crença de determinada construção da realidade. Até o momento em que havia hegemonia católica no pensamento religioso eurocêntrico, não havia competição para significar o mundo, mas agora essa significação é vista como uma escolha e as religiões não podem se colocar no mundo sem levar em conta o que se quer delas. A competição entre as religiões tem o mesmo propósito: conquistar mais membros. Por esse já não ser mais um problema do Estado, as religiões respondem, tanto quanto as indústrias, a uma situação mercadológica de competição e concorrência (BERGER, 1985). Em um mundo de realidades plurais é possível criar consciência sobre a relatividade da sua própria visão de mundo (PIERUCCI, 1997), e essa consciência é a consciência secularizada.

Estar em um mundo secularizado, ou seja, em um mundo que não depende da religião como organizador social (PETERS, 2019), permite ao indivíduo transitar entre as religiões, comprar experiências místicas e soluções espirituais sem que isso tenha maiores consequências para nenhum outro campo da sua vida para além do pessoal (PIERUCCI, 1997). Para Pierucci (1997), a religião se torna, portanto, individualizada, e também se tornarão os serviços oferecidos pela Igreja. Um bom termômetro da secularização pode ser a quantidade de religiões que existem ao mesmo tempo em um

mesmo espaço, esse é um sintoma de que menos instituições dependem do funcionamento de um mesmo organismo religioso (PIERUCCI, 1997).

A secularização pode ser entendida, portanto, como declínio do domínio religioso nos mais diversos âmbitos sociais: medicina, educação, cultura, artes, direito, cidade, lazer, filosofia, literatura, entre outros (RANQUETAT, 2009; PIERUCCI, 1997; BERGER, 1985). Entretanto, a secularização não deve ser entendida apenas como o declínio da religião nos âmbitos sociais. Segundo Peters (2019), Berger entende que a secularização é, sobretudo, a coexistência da religiosidade e do secular, ou seja, a adaptação da religião ao discurso e às instituições modernas: não se trata de seu desaparecimento, e sim de sua adaptação.

Toda a competição entre as religiões tem como consequência a tolerância à divergência e a diversidade. Acontece também de essa diversidade debilitar a fé, uma vez que há auto percepção da existência de várias fés, há percepção de várias verdades e de que, portanto, pode ser que a sua fé escolhida não seja a “certa” (a verdadeira realidade), ou ainda que nenhuma seja a “certa”, ou ainda que todas sejam a “certa” (BRUCE, 2011). Essa percepção de relatividade tira da religião, portanto, a certeza em tudo o que é colocado por uma religião, abre a porta das interpretações pessoais de acontecimentos bíblicos, por exemplo, seleciona os dogmas que entende serem bons e corretos para se seguir e exclui aqueles que não fazem sentido no mundo secular, entre outros. Ou seja, se essa religião não traz em si a realidade, pode ser que nem mesmo tudo que ela prega seja correto, evidenciando assim uma crise da credibilidade. Daí surge a capacidade do indivíduo de escolher sobre os seus aspectos que permearão sua vida ou não, sendo que aqueles que se escolher que permeiem não podem interferir no meu trabalho, no meu lazer ou no momento de fazer uma cirurgia, sendo, portanto, pessoal (PETERS, 2019).

Para além das outras religiões, como aqui já colocado, a religião compete também com outras instituições que são também responsáveis pela promoção de bem estar nos indivíduos e que, portanto, também são agentes de construções da realidade (BERGER, 1985). Na medida em que declina o compromisso do indivíduo com a religião na sua vida cotidiana e outros tipos de órgãos, instituições ou mecanismos sociais se tornam obrigatórios para o indivíduo, se evidencia a secularização do mundo (PIERUCCI, 1997). Pode ser que seja o dinheiro, o corpo, o trabalho, a sexualidade, a instrução escolar ou

acadêmica, a política entre outros: na medida em que se devota a vida a outro aspecto que se acredita que seja responsável pelo bem estar, a religião compete com esse outro aspecto, se fazendo necessário que ela também possa oferecer esse bem estar ao indivíduo. A Igreja compete de forma secular no mundo porque os indivíduos já não objetivam (somente) o bem do seu espírito, a salvação da alma e, portanto, não procurarão a religião com tanta facilidade. É a religião que tem que se adequar a essas demandas seculares se quiser aderência de mais adeptos (BERGER, 1985).

A pluralidade faz com que a religião responda, portanto, a uma demanda secular individualista, na qual ela faz sentido por se tornar uma realidade puramente subjetiva (uma vez que é uma escolha para as pessoas), que visa, sobretudo, a um bem estar psicológico e não a uma realidade sobrenatural (a crença em uma mitologia ou num cosmos diferente desse em que a pessoa se encontra) (BERGER, 1985). A secularização implica que a consciência das pessoas seja, sobretudo, de orientação empírica, seja racional (BRUCE, 2011), remetendo a fé aos pensamentos mais íntimos das pessoas, uma vez que se sabe que as instituições políticas têm poder sobre as instituições religiosas, que o poder dessas últimas decaiu como organizador e significador social e que isso é um processo irreversível (PIERUCCI, 1997; PETERS, 2019; BRUCE, 2011).

O indivíduo moderno pode ser muito religioso e agir em outras instâncias da vida “como se Deus não existisse” (PETERS, 2019). Isso é a secularização atuando na religião: ela ainda existe nas crenças privadas dos indivíduos, mas estes têm a noção de que suas crenças privadas não têm influência em nenhum outro meio que não seja a sua vida privada íntima. Rezar, por exemplo, para ser promovido, não vai implicar necessariamente para esse indivíduo a concretização de uma promoção, e ele não pode brigar com ninguém em seu trabalho exigindo a promoção porque rezou muito para aquilo. Secularizar a consciência é fazer o indivíduo entender que a sua fé tem impacto apenas a nível psicológico, não interfere como um fator em nenhum outro espaço. Atuando concomitantemente em um espaço secular, a crença religiosa se torna abstrata, ela não é mais levada ao pé da letra, aumentando assim as suas possibilidades de interpretação (da bíblia, da missa) (PETERS, 2019). A sua maior função é, portanto, garantir o bem estar psicológico do indivíduo, basta que a religião esteja funcionando para ele para que se legitime como verdade para próprio sujeito (BRUCE, 2016).

Feita essa breve reflexão acerca da secularização e de suas implicações para a religião e para a subjetividade, passemos agora às falas dos entrevistados que nos ajudarão a evidenciar esse processo. Todas as falas a seguir derivam da percepção que os entrevistados têm da diferença que existe (se é que ela existe para o sujeito) entre religião e espiritualidade. Em seguida foi-se perguntado individualmente o que era religião e o que era espiritualidade e o espaço que cada um desses aspectos ocupava em suas vidas. O intuito aqui é desmembrar o significado de espiritualidade para essas pessoas: quais as práticas que configuram espiritualidade para esses indivíduos? Como as vivem? Em que intensidade? Quais ritos e práticas são dispensáveis na visão dos católicos não praticantes para se desenvolver a espiritualidade? Como e por que a espiritualidade se faz independente da religião? Qual seria então o papel religião em suas vidas? São algumas das questões que se buscará compreender por meios dos depoimentos dos entrevistados. Além disso, buscarei evidenciar, com a exposição e análise dessas falas, a forma secular da vivência religiosa.

Religião X Espiritualidade

Exponho a seguir o depoimento de alguns entrevistados quando questionados acerca da diferença entre religião e espiritualidade (ou religiosidade):

“Isso de separar religiosidade de religião, me considero católico por aquilo que eles pregam, mas não pela forma que eles pregam, não gosto desse negócio de missa, de você ter uma regra pra seguir, que é uma regra que é interpretada por eles né, pelos padres, pelos ministros, pelo papa, enfim...” - Marcos

“Acho que religião é uma doutrina em que você se encaixa né, e religiosidade ou espiritualidade você não precisa necessariamente se encaixar em lugar nenhum, é uma coisa que você sente, e aí você leva com você mesmo”. - Rafael

“Eu acho que são coisas diferentes sim... Religião é uma, não vou dizer uma seita, como que eu posso dizer? É um código padrão, como budismo, religião budismo, o catolicismo, religião espiritismo, enfim, são religiões. Religiosidade, acho que é a capacidade da pessoa de acreditar nisso né, em questões religiosas, mas não necessariamente religião. Eu acho que tá ligado religiosidade com espiritualidade, então é pessoal de cada um né”. - Rodrigo

“Eu acho que é a questão que eu tinha comentado da doutrina, por exemplo, eu tenho espiritualidade, eu acredito, eu tenho fé em um Deus onde o amor é o centro, mas a Igreja católica ela tem uma doutrina”. - Cristine

*“Religião é ir pra missa, e seguir o calendário católico, no caso a religião, e ter fé né, **espiritualidade é você saber que existe alguma coisa maior, que lhe ajuda, lhe conduz, a ser uma pessoa melhor, cuidar do próximo, fazer o bem...**” - Luciana.*

“Acho que são coisas diferentes sim, porque eu acredito muito na questão da essência né, que as coisas têm essência, energia...”- João.

*“Então eu acho que **religião é isso, você tenta criar regras dentro da sua fé, ao invés de deixar você livre pra, ó, as opções são essas, você pode pensar e refletir e ter suas próprias conclusões, a espiritualidade é aquilo que você realmente acredita, você acredita no horoscopo? Vou seguir aquilo, acredita num deus, vou seguir isso. A religião acho que ela tenta te doutrinar um pouquinho mais naquilo que ela prega**”. - João*

*“Isso, exatamente, dentro de uma cartilha, um livro sagrado, como eles chamam, e aí se você quer seguir, você tem que ser isso, e aí acho que a espiritualidade é um pouquinho diferente, **é uma coisa mais introspectiva, minha opinião né**”. - João*

*“Porque eu acho que **a religião pressupõe essas obrigações entre aspas, ou esses compromissos, e a religiosidade ou espiritualidade é uma coisa muito intimista, muito sua né, a mim sugere conduta, percepção de si, do outro e do seu Deus, é uma relação muito particular que você desenvolve. Eventualmente você tem pessoas muito espiritualizadas não vinculadas a uma religião**”. - Carla*

Todas essas falas evidenciam aspectos que vêm sendo discutidos aqui. Quando Marcos fala que se considera católico pelo que é pregado, mas não pela forma com que se prega, vem à tona ideia de Berger (PETERS, 2019) de que a secularidade muda muito mais o “como” do que o “que” da crença, evidenciando assim o declínio da instituição, mas não necessariamente da religião. Já Rodrigo ao enfatizar que a espiritualidade “é pessoal de cada um” e apresentar diversas religiões como possíveis detentoras da verdade, nos mostra como a noção de pluralidade religiosa influencia no seu entendimento de religião particularizada, como aqui foi discutido anteriormente; mesmo que isso não esteja consciente para ele, a pluralidade religiosa é o que faz possível a espiritualidade ser pessoal. Como no caso de João, Bruce (2016) também entende que a religião pode ser vista inclusive como horóscopo, como yoga ou meditação. A espiritualidade se remete a processos que fazem bem ao indivíduo e o ajudam a alcançar um equilíbrio psíquico, muitas vezes não estando ligada nem minimamente ao cristianismo.

No geral, todos os entrevistados têm a noção de que a religião está necessariamente ligada a uma doutrina e, conseqüentemente, a regras. Já a espiritualidade ou religiosidade é vista tão somente como algo privado, independente da religião. Se faz necessário explicar

aqui, entretanto, que a noção de espiritualidade não pode ser desenvolvida de modo independente de uma socialização prévia em qualquer religião. Ao ver as duas como independentes, os entrevistados colocam a espiritualidade como algo intrínseco ao indivíduo e a religião como algo a que se escolhe aderir. Aqui pretendo frisar que o processo só pode se dar de modo contrário: é preciso estar socializado em termos religiosos para que se entenda o que é espiritualidade, só então é possível identificar-se com ela. Ou seja, o que se chama de espiritualidade já é uma demanda secularizada da religião, é a privatização do seu bem estar legitimada pelo próprio indivíduo.

Para Bruce (2011) a espiritualidade é o que permite que cada indivíduo escolha a sua verdade dentro da religião, visão que nossos entrevistados contemplam em seu ponto de vista. Esse autor entende que isso não evidencia o fim ou o declínio total da religião, mas sim a permanência da religião na sociedade por meio de uma mudança em sua natureza, ou seja, nos seus valores principais, nas suas orientações mais pertinentes, que são escolhidos por seus adeptos. Na prática é uma adaptação ao mundo secular, todo esse processo evidencia a secularização da própria religião. Esse processo ficará mais evidente quando os entrevistados apresentarem o seu ponto de vista apenas sobre espiritualidade. A seguir veremos o que eles pensam apenas sobre religião.

Religião

A seguir exporei as opiniões dos entrevistados acerca do que é religião e de como a religião católica afeta as suas vidas, se é que afeta de alguma forma:

*“Não... Não afeta minha vida hoje não... Como eu te falei, eu acho que muitas coisas que são pregadas talvez na maioria das Igrejas, muitas coisas eu não me identifico, não concordo, e sempre quando eu vou a Igreja, sempre tem o sermão do padre né... **Diz muitas coisas que eu sou contra e... Mas tudo bem, eu não deixo que isso me afete, sabe... Não me afeta na verdade, acho que nada, quando eu casar eu vou ter que crismar né, eu preciso crismar pra casar... A minha namorada quer casar na Igreja, então... Vou ter que, acho que esse é um efeito da Igreja na minha vida, eu vou ter que cumprir esse papel para poder casar na Igreja, mas pra mim também não tem muito significado, mesmo o casamento na Igreja, não tem muito significado pra mim assim não**”.* - Rafael

*“Porque eu acho que você ser católico, significa você estar dentro daquilo que reza o catolicismo, né, **então se eu já não acredito em muita coisa, se eu já não sou tão praticante assim, eu já tô... Só dai já tem um distanciamento né, mas se você me perguntar se eu acho isso bom ou***

ruim, eu não me sinto nem um pouco mal com isso, né, eu não acho que a pessoa que é praticante, que acredita em tudo aquilo ela tem mais valor”. - Rodrigo

*“Porque eu acho que devia ser outra coisa né, acho que **a religião tem uma função maior, não deveria se limitar a você ficar sentado em casa rezando**, acho que ela teria uma função melhor se você fosse pra rua e mostrasse o que os ensinamentos do catolicismo podem ajudar no cotidiano: ir lá, distribuir alimentos pra as pessoas, ou, dar cursos pra pessoas carentes né, nesse sentido são poucas pessoas que aderem, e também poucos fieis né, que vejo aderindo a esse movimento, isso que pra mim seria o mais valido né”. - Ezequiel*

*“Nunca parei pra pensar nisso, mas eu acho que tem uma diferença da religiosidade, mais relacionado aquilo que você acredita em relação a sua fé, aos deuses que você acredita, aos santos que você acredita... **E a religião tá ligada a uma instituição formal, a uma regra estabelecida**, as regras do catolicismo, são ordenadas pelo papa, do espiritismo que deve ter lá suas lideranças ou, e as suas praticas ne, os evangélicos também, então a religião tá relacionada a uma, a um conjunto de regras que é definido por uma instituição, por uma...né? **E a religiosidade tem mais a ver com aquilo que você acredita individualmente né...**” - Marcos*

*“Ah, tipo, comportamentos, você pode casar ou não pode casar, se você se pode ser homossexual se não pode ser, se você pode separar ou não pode, tem que comer tal coisa, não pode comer tal coisa em tal época, enfim. Essa força suprema e tal, Deus, **pra essa força não faz diferença isso, não é isso que vai definir se você é uma pessoa boa, se você vai ter um bom caminho na sua vida ou não**”. - Marcos*

*“**A religião é uma coisa legal, todo mundo deve ter, mas é uma coisa muito mais sua**, porque às vezes tem muita coisa aí, o que eu falo pra todo mundo que me pergunta sobre isso. **Você pega um pouquinho de cada uma você consegue achar a ideal pra você**, porque às vezes as pessoas acabam se prendendo a alguns aspectos que ela não acredita, mas ela se força a acreditar porque ela tem que seguir aquela religião. Acho que isso vale não só pra o catolicismo, mas pra todo esse tipo de coisa, que é por isso que me faz não ser praticante. **Mas assim quando eu entro na Igreja eu sinto uma calma...** principalmente assim, quando você tem traumas, por exemplo morte de um ente querido, você acaba tendo um conforto lá, porque é uma energia mesmo boa”. - João*

*“Quando eu falo que não sou praticante, tem certas coisas que eu acredito e **tem certas coisas que não é nem que eu não acredito é que eu não concordo talvez**, que não precisa ser uma coisa tão taxativa assim, tão arbitrária digamos assim. Né igual quando a gente no casamento, até pra exemplificar, a gente foi ver lá os salmos que tem que escolher, aí teve um, que nem minha esposa que ela é não praticante, alguns trechos que falava da mulher fecunda, que não sei o que, questão de mostrar em certo ponto que a mulher é submissa ao homem, que a gente não concorda, então, uma das coisas que fala assim, tá, não é assim que funciona né, aí por isso que a gente vê que é não praticante, **não tem***

nada contra, não acha que é uma coisa errada, mas não seguimos né”.
- João

Vários aspectos interessantes aparecem nessas falas. Rafael nos afirma que a religião não afeta muito a sua vida hoje, ao mesmo tempo ele está noivo e vai casar na Igreja por ser um forte desejo de sua noiva, que é católica praticante. Com certeza a religião impacta a sua vida na medida em que proporcionará a união e integração desse casal. Além disso, ele nos diz que o padre sempre fala “coisas que eu sou contra e... Mas tudo bem, eu não deixo que isso me afete, sabe”, evidenciando como a sua ligação com a religião é independente da instituição, é particular, reforçando, portanto, a ideia de secularização dentro da própria religião.

Já Rodrigo deixa claro que “não acredita em muita coisa” e não se sente “nem um pouco mal com isso”. Marcos evidencia a sua discordância com relação a regras e comportamentos impostos pela Igreja, como poder se separar ou não, poder casar de novo ou não, ser homossexual, entre outros. Em sua visão isso não faz diferença para Deus, só o que importa é se você é uma “pessoa boa”, e não é a instituição Igreja que vai definir isso. O que aparece aqui é uma noção muito particularizada, que não deriva dos dogmas. Já para João, o ideal para uma religião seria pegar “um pouquinho de cada uma você consegue achar o ideal para você”, e que, inclusive, algumas coisas da religião católica não é nem que ele não acredite, mas é que ele não concorda. Para Ezequiel o mal da religião é a sua limitação ao cumprimento dos seus ritos, assunto que será mais discutido ainda nesse capítulo.

No geral, nesta pergunta os entrevistados, ao falarem de religião, evidenciam alguma discordância ou incômodo com esta, discordâncias essas que, como colocado por eles, não os afetam: a instituição não alcança esses indivíduos. Na medida em que há discordância, há afastamento: característica de uma consciência secularizada. É o declínio da instituição se evidencia aqui, em detrimento da religião que não necessariamente perde força. Como apontado por Pierucci (1997), há uma adequação às demandas seculares, sendo que se adequar às demandas seculares pode significar não intervir no modo como essas pessoas entendem a religião e vivem suas discordâncias.

Espiritualidade

A seguir exporei alguns depoimentos dos entrevistados quando questionados a respeito da espiritualidade em sua prática cotidiana, qual seria o impacto da espiritualidade em suas vidas, e se de fato existiam práticas espirituais, quais seriam elas. Iniciarei com um grande depoimento, o qual comentarei em seguida, pois ele tem um traço importante que se repete nos outros entrevistados, mas não de uma forma tão explícita:

*“Rodrigo: Por exemplo, quando a gente tá em situações ruins a gente se apega né, e aí aquela coisa, por mais que... você pode não acreditar, e eu não tô dizendo aqui que eu não acredite, mas dizer que acredita 100%? É difícil né, é difícil alguém dizer que acredita 100%, e assim, pego até coisas bíblicas pra dizer isso né, apóstolos de Jesus... “acredita que você anda na água?” Tem uma passagem dessas né? E não sei se é Marco, agora não lembro quem é, que falava né, “Se o senhor pode, Jesus, eu também posso”, “Sim, você pode” “E ele vai e começa e logo cai”, ou seja, você tá falando de um apóstolo né, de um santo né, então assim, pra mim isso demonstra que, que o próprio Jesus quando tá na cruz também se pergunta “Pai porque me abandonastes, me abandonastes?”. **Então assim, isso pra mim demonstra que fé não é uma coisa absoluta, ah você tem ou não tem, você tem infinitos níveis de fé, né.** E a gente assim nesses momentos de maior desespero ou... Principalmente com filho (risos) Com filho a gente tem... Filho tem problema de saúde, tem alguma gripe, tem algum não sei o que, aí tosse, aí você já fica com aquilo de milhões de doenças que podem acontecer, pô aí você começa a pensar nesse tipo de coisa né, nesses desesperos, enfim... Tem... Tem um momento também que eu passei assim, que eu nunca tinha passado na minha vida, que eu passei assim com a minha filha mais nova, naquela época que tá com muita cólica e tal, e chora muito, né...”*

Marina: Bebezinha...

*Rodrigo: Bebezinha... Bem bebezinha (...) Então fui botar e aí ela começou a chorar, chorar, chorar, chorar, chorou muito assim no meu colo, e não acontecia nada, e eu fui começando a ficar estressado com aquilo né, estressado e ela tá chorando, estressado e ela tá chorando, e aí comecei, me veio, uma passagem que eu acho muito forte, uma oração que eu acho muito forte, eu não sei muito bem qual é o salmo que fala de você estar trilhando um caminho cercado de inimigos, se Deus estiver com você nada...você estará protegido né? E aí eu comecei a falar isso da minha forma, da forma que eu sei falar, que eu nem sei o salmo certinho né, depois de um tempo eu fui até olhar pra ver como é que é... **então tá até aí uma prova de que eu não sou praticante, mas eu conhecia e eu entendia o espírito daquilo né,** e eu comecei a recitar isso com ela, falar, e ela chorando... E assim, eu senti um negócio muito forte, que eu nunca senti na minha vida, nunca tinha sentido. Até por ser não praticante, às vezes a pessoa que é mas praticante sente, conversa com Deus né, e eu sempre ficava meio calado, questionando “puxa, Deus conversa com você nessa facilidade né”. Nem acreditava muito nisso né, não que a pessoa estivesse mentindo, **mas que a pessoa acredita em tal nível que ela começa a criar uma situação, entendeu?** De ilusão. E aí eu comecei a citar e aconteceu uma coisa muito forte, eu **comecei a sentir***

uma energia muito forte, uma presença, uma coisa pesada assim, até a luz assim começou a... E deu uma diminuída assim sabe? Como se sentisse alguma presença... E eu não sei o que eu era, porque aí não sei “ai Jesus” não sei, ninguém falou que era Jesus, mas eu senti uma presença muito forte quando eu tava rezado esse salmo. E senti inclusive de luz externa, que eu não tava com a luz acesa, eu senti a luz externa meio que...

Marina: Abaixando?

*Rodrigo: É meio que dando uma... Sabe quando a energia, dá um pico de energia e fica aquele tremido, foi isso que eu senti mais ou menos, mas não tava acontecendo nada de energia. E o mais interessante é que, como eu sou questionador, que foi que eu pensei? Foi que eu estava... só que no mesmo momento minha filha parou de chorar, e ela tava desesperada chorando, e ela simplesmente se calou assim, naquele momento, ficou calada, e aí depois daquilo eu senti assim, e aí foi embora, foi muito rápido, questão de... 20, 30 segundos, sabe? E ela parou, e depois eu comecei a racionalizar né, “ah não, é porque eu queria... porque eu rezei e eu acho que aconteceu alguma coisa, enfim” Aí você começa a racionalizar, questionar aquela questão, aí pensei, “**pô minha filha sentiu também**”, **uma criança que não sabe nem falar, que não sabe o que é religião, provavelmente nem tava escutando que eu tava rezando e ela sentiu também, alguma coisa aconteceu e ela sentiu, então esse foi o meu, a minha sensação ali, de que ela sentiu também, só que eu não sei o que que era aquilo, né. E... eu acho que é isso assim, foi a primeira vez na minha vida que eu senti alguma coisa assim, e aí não foi em Igreja... Ai eu ficava racionalizando “pô, mas... aparecer uma coisa desse nível, no momento ali que a criança tá com cólica, isso pode com qualquer criança e acontece todo dia né”. Então assim, eu também ficava assim tentando ponderar com relação a isso, mas os fatos são, eu senti uma coisa estranha e não foi só eu que senti. Minha filha também sentiu, e ela parou de chorar, e naquele momento eu senti uma paz assim enorme. Então assim, foi o único momento que eu senti alguma coisa na minha vida toda, foi esse momento”.***

Esse episódio nos evidencia como para Rodrigo, a sua crença na espiritualidade, e mesmo a conexão da espiritualidade com a religião está necessariamente ligada a um acontecimento pessoal. Ou seja, o que legitima a religião, nesse caso e, consequentemente, comprova para ele a sua existência e a de uma espiritualidade é um acontecimento individual, poderíamos até mesmo dizer “personalizado”.

Bruce (2011) nota que a espiritualidade tem a ver com momentos de acesso ao sobrenatural, uma conexão com aquilo que se acredita serem as entidades supernaturais. Esse momento é um momento de conexão do sobrenatural em um mundo secularizado, é quando se busca um bem estar psicológico por meio de rezas, meditações ou até, no caso do Brasil, conversas com santos. No caso de Rodrigo, o seu o pedaço secularizado de

mundo era o desespero de sua filha chorando. Ao conseguir acesso, nesse espaço secularizado, a uma entidade de alguma forma sobrenatural (católica, uma vez que ele acredita que isso aconteceu por falar para a filha uma passagem bíblica), por mais que tenha sido apenas por um momento, a sua crença na espiritualidade ganha muito mais força e se legitima por muito mais tempo.

O sobrenatural deu uma prova de sua existência e isso repercutirá em sua consciência em momentos de se comunicar com o sagrado e fazer uma ponte com o mundo secular por muito mais tempo do que aquele momento. A intenção aqui não é analisar se o evento relatado foi real ou não, tem ou não implicação sobrenatural, mas mostrar que a sua consciência espiritual se reforça nesse momento, pois se reforça a prova do sobrenatural no mundo secular, atendendo à demandas seculares particulares, ao invés de ele precisar atender o sobrenatural, é atendido por este. Para além desse aspecto que caracteriza a espiritualidade, ou seja, conexões esporádicas com o sobrenatural, gostaria de evidenciar a sua noção dos “níveis de fé”. Como foi discutido, a fé evidencia uma escolha (uma vez que existem muitas religiões e todas podem ser verdadeiras) em uma religião. A consciência de uma fé rasa pode ser uma das características dos católicos não praticantes. Observemos os próximos relatos, que derivam também de outras perguntas, são respostas que também evidenciam a categoria espiritualidade:

“Pra mim a religiosidade não é algo compartilhado, é meu, é íntimo mesmo, eu rezo de noite, rezo de manhã cedo... E nos meus atos né, e também claro, no que eu tento passar pra as minhas filhas, mas não com esse rótulo de religião porque, apesar de colocar em escola católica, eu quero dar espaço pra elas escolherem também o que elas quiserem, sabem que existem outras religiões né, já conversei isso com elas, com a mais velha, a mais nova ainda não”. - Ana

*“Eu acho que o motivo foi que eu tava muito afastado da minha fé, da fé, da religião, espiritualidade, eu meio que deixei isso fora da minha vida, e eu acho que não é bom pra o ser humano se afastar da espiritualidade, seja em qualquer igreja, eu **acho que faz bem você frequentar qualquer Igreja, ou templo, sei lá, qualquer religião**, justamente por, ter aquilo de separar um dia pra pensar nisso, um dia na semana, pra tar com outras pessoas ali, fazendo aquela coisa especial, ou seja, qualquer religião. Acho que tem uma troca de energia também sabe... Eu, até hoje, por exemplo, eu não vou a Igreja, toda a semana, nem todo mês, **mas quando eu vou eu saio de lá renovado, é uma sensação muito boa**. Apesar disso eu não pratico com muita frequência, mas eu achava isso importante, e voltei por causa disso”. - Rafael*

“A catequese eu fiz durante um tempo, mas eu não cheguei a fazer o rito de formação. E também porque minha mãe não fazia assim tanta questão, ela dizia que **religiosidade você podia trabalhar depois, não tinha que forçar**, igual ela dizia que foi forçado pra ela, ir de branquinho pra Igreja e tudo mais, todo domingo né, aí a gente frequentava esporadicamente, mas foi a família mesmo, que a maioria era bem católica”. - Ezequiel

Ezequiel: *É, eu gostei da maneira como ela passou (a mãe dele), nesse sentido de não forçar a ir, mas acho que no sentido da religiosidade. Bom é uma perspectiva né, que eu entendo, **eu acho que toda pessoa tem que ter alguma religiosidade, até pra se sentir mais tranquila na vida né, não colocar a culpa só em cima dela, nesse sentido, procurar compreender que existe algo maior. Mas, eu tentaria passar a religiosidade, não necessariamente o catolicismo, até porque eu gosto de outras matrizes religiosas, eu compreendo que todo mundo tem um credo, não excluiria essa opção para o meu filho, não importaria o catolicismo.***

Marina: *E você entende que você chegou a se resolver religiosamente? Com alguma crença?*

Ezequiel: *Não, não acho que eu estou resolvido, estou muito mais tranquilo do que a tempos atrás, mas resolvido não, **eu acredito em algumas coisas do catolicismo, outras eu contesto veementemente porque não acho crível, não consigo mesmo, engolir, mas eu acho que eu tô ali num caminho entre o catolicismo, talvez um pouquinho do espiritismo, alguma coisa assim (risos)***”.

“Já a minha conversa interior... Como você estuda religiões né, você deve saber, a Igreja Católica tem as rezas, pai nosso, ave Maria, eu me afastei um pouco desse universo, mas, tipo **uma conversa com a consciência ou com Deus, eu ainda mantenho**. Ainda agradeço, peço ajuda, mas eu não rezo com frequência mais não”. - Luciana

“Isso, mais familiar. Porque eu acredito que o mais íntimo meu seja mais espiritualismo né, da minha fé”. - Cristine

“A espiritualidade? **Ah, pra mim é quase uma base que me sustenta, assim, em questão de eu me alinhar comigo mesma, entende?**”-Cristine.

Carla: *Eu sempre tive preocupação de eles (os filhos) quererem se desenvolver espiritualmente de alguma forma, né, **eu acho que tem momentos na vida que não tem nada que supre, você precisa de uma conexão com algo acima de isso aqui**, e não tem pai nem mãe, nem vó nem tio, amigo, namorada, ninguém vai conseguir suprir a falta, e daí que eu acho que você acreditar num Deus, ou em algo maior do que a gente é importante, e escolha uma religião para fomentar isso, pra desenvolver isso, que eu acho que tudo isso faz parte e ajuda, mas quis dar a eles a oportunidade de escolha, então nenhuma deles quis ser crismado.*

Marina: *Independente do catolicismo, qual o espaço que a espiritualidade tem na sua vida?*

*Carla: Tem muito espaço, com certeza, eu tô sempre buscando nutrir, porque eu acho fundamental né, por exemplo, os meus filhos, dou e eles liberdade de escolha, de religião, de filosofia, do que quer que seja, mas eu vivo dizendo, **vocês precisam desenvolver a espiritualidade, que é a consciência ou a crença de que nós não somos só matéria**, a gente tem uma parte né, que é espírito a alma, como queiram chamar, enfim, deem o nome que quiser, e que isso é uma coisa que perpassa a nossa existência terrena, então a gente precisa trabalhar isso de alguma forma, que é na verdade nossa fonte de conhecimento maior, eu acho”.*

Carla traduz a espiritualidade como “a consciência ou crença de que nós não somos só matéria”. É interessante essa conceitualização, pois todos os outros entrevistados, assim como Carla, identificam que independente da religião é importante desenvolver a espiritualidade, mas não chegam a defini-la. No geral, todos concordam que ela é uma coisa mais “íntima” e faz bem em qualquer religião que seja, pois mexe com a sua “energia”. A noção de independência para com a religião é tão grande que não se vê nenhum problema trabalhá-las separadamente, como diz Ezequiel se referenciando a sua mãe: “religiosidade você podia trabalhar depois, não tinha que forçar”. Mais uma vez, o que se evidencia aqui é a vivência secular da religião: percebe-se a religião como algo impositivo, e a espiritualidade como algo livre, e a principal liberdade que se tem aqui, ainda que isso não fique evidente para os entrevistados, é a liberdade de uma autoridade. A dispensa da autoridade será trabalhada melhor no capítulo seguinte, mas é importante que lembremos que o seu declínio perpassa a noção de vivência independente da espiritualidade em relação à religião.

Bruce (2011) aponta três características constituintes da espiritualidade: a crença em uma força ou entidade supernatural (não necessariamente em Deus); o acesso a algo interior, que já se encontra no indivíduo; e a evolução pessoal do indivíduo, ou seja, a capacidade dele se tornar uma pessoa melhor. São características que aparecem nas respostas dos entrevistados, mesmo que não de uma forma tão direta como está colocado pelo autor.

Para Bruce (2011) a aderência à espiritualidade concomitante a uma rejeição da religião (na realidade, o que se rejeita aqui são as regras e as doutrinas que representam a religião na visão dos entrevistados) evidencia o declínio da forma institucional da religião, não da religião em si. A vivacidade da espiritualidade é sinal muito maior da vivacidade

religiosa do que de seu declínio, é a sua vivência da maneira que é possível em um mundo secularizado.

Em relação à rejeição da religião, seus dogmas e regras, Berger (1985) entende que qualquer conteúdo religioso externalizado é interpretado como opinião ou sentimento, mesmo os mais tradicionais não podem se colocar como uma realidade inquestionável: não há nenhum motivo plausível para isso, para encarar um ponto de vista como mais real que os outros. À essa falta de respaldo de plausibilidade Berger (1985) chama de “crise na teologia”, ela implica no questionamento dos dogmas e nas definições tradicionais da realidade mesmo sem nenhum conhecimento ou mesmo interesse por teologia: as emoções subjetivas substituem os dogmas objetivos como critério para legitimar o pensamento religioso. Diante dessa crise a única opção da Igreja é se reorganizar de modo a tornar os seus conteúdos mais relevantes para os seus possíveis adeptos modernos. Isso se evidencia nas falas de Rafael, de Ezequiel e também de Rodrigo, nas quais se observa uma particularização do entendimento religioso: vale muito mais o que eles entendem do que o que é colocado pela instituição da Igreja Católica.

Para Carvalho e Irffi (2019) a secularização da religião no indivíduo se evidencia quando as práticas religiosas deste se tornam algo particular, ou seja, não vinculadas a Instituições e seus ritos. Esses autores determinam como critérios para classificar o comportamento secular a desfiliação, a descrença e a falta de prática religiosa. Na descrença se reflete um abandono das doutrinas e, conseqüentemente, um enfraquecimento da instituição religiosa, uma vez que a expectativa ideal desta é de que aqueles que aderem à religião sejam um reflexo dela em algum nível, culminando assim no enfraquecimento da instituição, evidenciando a crise da credibilidade e um aumento da secularização dentro da própria religião.

Para concluir esta sessão, gostaria de definir espiritualidade a partir dos depoimentos aqui expostos e das análises que vêm sendo feitas já nos capítulos anteriores. A espiritualidade para os católicos não praticantes implica na aplicação secular dos ensinamentos básicos do catolicismo visando um bem estar físico-psíquico no presente, aprendidos em uma primeira socialização católica (em algum grau) responsável por deixar os indivíduos familiarizados com termos básicos dessa religião (como rezas, santos, Deus, ensinamentos bíblicos, entre outros).

Ritos

Além da manutenção da espiritualidade, existe outro elemento que parece dar apoio e sustentação para a identificação do indivíduo com a religião: a frequência esporádica em ritos do catolicismo, sobretudo rituais de passagem.

Para Bruce (2011) o mundo secular ainda não conseguiu desenvolver cerimônias que confirmem a alguns ritos de passagem a solenidade e seriedade da cerimônia religiosa. Embora haja substitutos seculares para algumas cerimônias que já foram somente religiosas, como o casamento e o funeral, esses substitutos não alcançam a celebração e a solenidade religiosa. É importante lembrar que algumas cerimônias religiosas ainda não têm um substituto secular, como o batismo, que por ser comumente feito muito cedo, acaba sendo um rito de passagem de apresentação do bebê ao mundo e às pessoas que já lhe querem bem, fazendo com que a escolha dos padrinhos reitere a afirmação desse bem querer em um mundo que ainda sequer o conhece. É um rito que marca, sobretudo, o nascimento.

Bruce (2011) aponta ainda que esses rituais básicos (batismo, casamento e funeral) são os ritos que mais comumente fazem as pessoas ir à Igreja, o que reafirma a secularização da religião, uma vez que são justamente ritos que não requerem muito comprometimento com aqueles que estão passando por ele e que, de alguma forma, mantêm a identificação do indivíduo com a religião. Ou seja, quando um rito religioso é usado como um rito de passagem, como a celebração de um momento na vida, ele está sendo usado muito mais de uma forma secular do que de uma forma religiosa. De modo que esses ritos são importantes para a Igreja uma vez que eles geram interação de seus adeptos com a instituição, mesmo que esse envolvimento seja periférico, ele ajuda a dar força para a instituição.

A maior parte dos depoimentos que trata sobre os ritos praticados é extenso, de modo que nesta sessão haverá comentários separados de cada depoimento. A principal questão que nos envolveu ao falar de ritos foi perguntar se passariam a religião aos seus filhos e, em seguida questioná-las acerca do batismo: para os que já tinham filhos, se haviam batizado, para os que ainda não tinham, se pretendiam batizar. No geral os entrevistados disseram que não passariam ou não passavam a religião aos seus filhos (os

deixavam livres), mas que os batizariam sim, ou que haviam sim batizado. Outros ritos e formas de participação religiosa também aparecem nesta sessão, mas essa questão do batismo evidenciou melhor a questão da secularização dentro da própria religião na medida em que os entrevistados disseram que não passariam a religião aos filhos, mas os batizariam. Isso quer dizer que, no entendimento dos entrevistados, o batismo não necessariamente tem a ver com passar a religião. Com o que então ele teria a ver? O significado se tornou pessoal, evidenciando mais uma vez o secularismo. Vamos às falas para que se evidencie melhor essa questão que estou trazendo:

*“Augusta: Eu batizei o Júnior (seu filho) na Igreja né, por... Não sei por quê... Por... não sei. Até hoje eu não sei por que, **a minha ideia era não batizar ele e deixar que ele escolhesse né, daí muita gente veio falar que, ai que tem que batizar, porque é bom, porque vai acalmar ele, vai espantar os maus espíritos, umas coisas assim que vieram me dizer e ai pensei, tá, vou batizar né, ai fui lá, paguei, acho um absurdo, tem que pagar o valor que é pago...**”*

Marina: E quem foram essas pessoas que ficaram te falando isso?

*Augusta: As pessoas mais velhas, principalmente assim sabe... Tios, até mesmo, o meu próprio pai mesmo: “ah, tem que batizar”; e parentes do Sávio (namorado), do pai dele no caso (...) Até a própria mãe do padrinho dele, ela é bem católica sabe, atualmente ela não é mais tanto como foi antigamente, tipo, o padrinho dele disse, mas ela também ficava “ai, quando vai ser o batizado? Quando vai ser o batizado?” Acho que por causa do filho dela ser o padrinho né, ela queria sempre que a gente fizesse logo, **dai por um monte de pressão, eu resolvi batizar ele, mas não pretendo assim, ah...impor pra ele o catolicismo, eu quero que ele seja bem livre pra escolher a religião que ele quer (...)** O Sávio (namorado) não leva muito a sério essas coisas de religião, mesmo ele tendo feito catequese e crisma, mas ele não... Ele não acredita no catolicismo, então não pretendo impor pra ele (Júnior) o catolicismo, eu quero que ele escolha, se ele quiser, ir pra umbanda, ir pra o espiritismo, pra o budismo, pra... ele que vai escolher (...) Mas daí, depois que ele nasceu, junta esse monte de pessoas “Mas aí, não vai batizar, tem que batizar” daí... Pela pressão de todo mundo. Eu acho até que, por vir, da nossa infância assim, por eu ser criada no catolicismo, sabe, acho que isso pesou também, sabe (...) Porque quando as pessoas vinham perguntar... “não vai batizar ele, não vai batizar ele?” eu tive essa pressão realmente, e não soube me impor assim, dizer “não, ele não vai ser batizado na Igreja porque eu vou deixar ele escolher a religião dele, eu não quero que ele seja batizado no catolicismo se depois ele não vai nunca nem... vivenciar isso né” mas eu não soube me impor primeiro ponto nisso. E segundo que eu achei que, como a gente já tinha convidado os padrinhos, que a forma de oficializar isso seria numa Igreja, com o certificado, de padrinho, **que é só um papel impresso, na verdade não é mais que isso.** Então, na verdade quem sabe eu poderia ter feito uma outra cerimonia, diferente da Igreja católica, pra batizar*

*ele dentro daquilo que a gente acredita, e não do que a Igreja impõe pra a gente. Que até na missa do batizado dele o padre disse que depois do batizado, as crianças iam tar livres da depressão, tipo... Que tem a ver a Igreja católica com a depressão? Até parece que quem é católico não tem depressão, sabe, **então tem muita coisa ali bem... alheia, longe daquilo que a gente acredita, mas a gente batizou ele como forma de oficializar os padrinhos e... e também pra pararem de perguntar assim “ah, e o batizado, e o batizado?”**”*

No caso de Augusta se evidencia uma pressão social para o batismo, à qual ela entende que cedeu, e também à necessidade de oficializar os padrinhos; por mais que ela entenda que para isso o que foi feito foi um certificado que “é só um papel impresso”, a legitimidade da autenticidade dos padrinhos residia em sua escolha, dispensava a autoridade desse papel, o que quer que ele significasse. A pressão para o batismo reitera um movimento de integração social, de inserir aquele novo indivíduo a um grupo, mesmo que para ela e para seu companheiro esse grupo não fizesse a menor diferença em suas vidas.

Na prática o momento do batismo é um momento de assumir uma realidade perante uma comunidade, fazer-se entender que se é aderente de uma realidade social construída que é o catolicismo. A falta de crença, a desconfiança no que proposto e a discordância com alguns dogmas pode ser uma algo muito evidente para essa pessoa, mas na hora de batizar o filho, o que perpassa a cerimônia é uma profunda concordância e adesão para com toda a instituição, criando assim um pano de fundo de realidade para aquelas pessoas. Nada precisa ser dito, naquele momento o que está sendo mostrado pelo pano de fundo é o que fica subentendido, e é o que oficialmente vai se perpetuar socialmente.

O rito do batismo em seu filho, como ficou aqui evidente, tinha pouco ou nenhum significado para Augusta, ao contrário do que seria para sua mãe, que foi quem a inseriu na religião, e segundo o relato já aqui apresentado de Augusta, extremamente católica. Para Bruce (2011) o declínio da religião tem a ver com a perda de importância desta na geração sequente a uma geração que se importava com a religião. Ou seja, na medida em que coisas que importavam aos nossos pais não importam mais a nós, elas serão vividas cada vez com menos força, intensidade e significado. Dentro dessa linha de raciocínio é provável que Júnior não venha a batizar os seus filhos.

Sigamos agora para o depoimento de João:

Marina: Você já tem filhos?

João: Não, não, ainda não.

Marina: Se você tiver, você pretende passar a religião pra eles?

João: Eu vou dar esse espaço, mas acho que num... Do filho eu vou deixar ele livre pra tudo, pra ele escolher o que ele quiser. Pela minha família ele vai ter essa opção, de querer ir ou não, ou acabar indo.

Marina: Por exemplo, você pensaria em batizar ele?

João: Não, batizar sim, batizar sim. Agora levar a missa assim, não tenho essa pretensão, não. Mas se por acaso ele crescer e quiser virar padre eu não vou impedir né, mas assim, a iniciativa não vai ser minha.

Marina: Nem do batismo?

João: Nem do batismo, só vou batizar assim por questão mais...

Marina: Social?

João: É, exatamente, esse aí não vai, nem que não quisesse, não vai ter como. Mas aí eu não vejo nenhum problema de não batizar também não, eu não acho que batizar você tá implantando o catolicismo nele. Ele pode batizar e depois ir até pra outra religião, sei lá, candomblé, não tem problema né, igual o que eu fiz a crisma, seria uma formalidade, não pra introduzir uma religião só porque ele tá sendo batizado, não acho que seria por isso não, pra mim né”.

Assim como foi para Augusta, já existe em João a consciência de que haverá uma grande pressão social para o batismo, da qual ele não vê como possibilidade a isenção, mesmo porque a sua sogra é uma católica altamente praticante. Ainda que batize um futuro filho que venha a ter, ele não acredita que ao “batizar você tá implantando o catolicismo nele”. Mais uma vez aqui se evidencia como o significado é subjetivo, será dado pelo próprio (possível futuro) pai, independente do que diga qualquer autoridade religiosa, o seu veredito já está dispensado. O batismo aqui de novo aparece como um movimento integrador, tanto da criança com a religião, como dos pais com as suas respectivas famílias. Isento de significado religioso, por mais que isso não esteja dito explicitamente, esse rito se torna secular na sua vivência particular.

Assim como Augusta, a sua intenção é deixar o filho “livre pra ele escolher o que ele quiser”. É interessante notar como, para os entrevistados isso parece ser uma decisão completamente deles, e não uma consequência do mundo pluralizado em que se vive. Mesmo que a obrigatoriedade não parta dos pais, a criança não estará isenta da noção plural de religiões, de forma que a sua consciência secular se desenvolverá de qualquer

forma, e não porque os pais decidiram deixar a criança “livre”; essa não é uma decisão, essa é uma consequência do mundo em que a criança nasceu ou nascerá.

Ainda sobre os ritos praticados por João, ele nos conta sobre como concluiu os ritos básicos do catolicismo iniciados na infância e por que:

“Apesar disso eu não tinha feito a primeira comunhão, fui fazer primeira comunhão e crisma no ano passado porque eu casei. Não era obrigatório né, porque na Igreja geralmente tem que ter um ou outro, mas a minha noiva era; mais pra fazer um agrado pra sogra eu fiz, porque foi um curso, três meses aos sábados eu fiz, mas assim, por uma formalidade, não por uma questão de fé, religiosidade”. - João

“Foi, foi, uma formalidade, encontros aos sábados de duas horas, durante três meses, e você repara que lá, a maioria era porque foi convidado a ser padrinho, então no curso não teve ninguém que fez porque eu quero continuar... um ou outro... Quero continuar minha jornada cristã que eles diziam né, mas a maioria porque teve convite de padrinho e aí é obrigatório, você ter pra poder ser padrinho. Mas, em contrapartida, muitos praticantes tavam num ambiente ali que não tavam sentido desconforto, tavam confortável”- João.

Mais uma vez a questão da integração se evidencia no seu depoimento, integração com a sogra, gerando uma situação de bem estar. Como ele coloca, ele não seria obrigado a cumprir os ritos para se casar, mas o fez “mais pra fazer um agrado pra sogra”. Ele observa no decorrer do curso que a maioria das pessoas que se encontrava ali tinha um objetivo estabelecido para o cumprimento de algum rito, cumprindo uma formalidade para poder viver o que desejava, seja ser padrinho/madrinha, seja por conta de um casamento, estavam (como ele) cumprindo uma formalidade para poder participar de um rito. Na prática, nem o curso como formalidade para obter os ritos fundamentais, nem o rito para o qual estava se preparando tinham a ver com um significado religioso, evidenciando assim, mais uma vez, a secularização dentro desses processos religiosos.

Os indivíduos marcam a religião com a sua secularização porque já não se submetem às demandas da Igreja. Cabe à Igreja acatar essas demandas seculares para poder continuar integrada e com alguma força institucional. Não fosse assim não haveria um curso de três meses com o objetivo de contemplar os participantes com todos os ritos necessários (ritos básicos que deveriam ter sido cumpridos na primeira infância) para permitir às pessoas participarem de um próximo rito que elas desejam (batizado, casamento). Esse curso evidencia a resposta da Igreja ao objetivo secular das pessoas de

participar de uma cerimônia. Ela se adequa a essa nova necessidade secular ofertando um curso de três meses, quase como um “supletivo” da religião.

Passemos agora para Marcos, ainda sem filhos, mas casado com uma católica praticante de família católica praticante, seu segundo casamento (civil, uma vez que o primeiro foi na Igreja Católica). Vejamos o que ele diz acerca do rito do casamento e do batismo:

“Marina: Você chegou a casar na Igreja?”

“Marcos: Sim, eu casei, mas me separei, eu tô com outra esposa, que não pude casar na Igreja, mas com a primeira esposa eu casei na Igreja.”

“Marina: Mas ela teria gostado de casar? A segunda esposa?”

“Marcos: Sim, com certeza.”

“Marina: E essa primeira vez, foi importante pra você? Foi mais a esposa que quis...?”

“Marcos: Foi a esposa, minha ex-esposa era muito católica, pra mim não faria muita diferença, era mais por conta dela”.

Com relação ao batizado, Marcos, que ainda não tem filhos, nos fala que não passaria a religião aos seus possíveis futuros filhos, mas os batizaria:

“Marcos: Eu penso em deixar os meus filhos conscientes das possibilidades que existem, não de que eles tenham que seguir uma né, eu gostaria que eles conhecessem o que as diversas religiões pregam né, pra que eles tenham condições de decidir o que eles querem seguir, ou se não querem seguir nenhuma né...”

“Marina: Você nem batizaria, por exemplo?”

“Marcos: Não, eu batizaria, mas mais em função da minha esposa né, porque ela é católica praticante né. Mas tenho afilhado de 18 anos que até hoje não é batizado, eu e o pai dele escolhemos (...) Mas padrinho de coração, consideração né, e a gente escolheu quando ele era pequeno não batizar porque a gente pensava isso, achava que ele poderia escolher a religião que ele queria, a mãe dele na época também concordava e depois ele cresceu e não fez questão de ser batizado e não mudou nada na vida dele. Pra os meus filhos eu pensaria da mesma forma, mas a minha esposa provavelmente gostaria de batizar, eu também não sou contra, entende, só não faço questão”.

Aqui se evidencia uma apropriação do rito, uma transmissão desse para a lógica secular: “padrinho de coração” de “consideração”. O que a Igreja prevê como batismo e como padrinhos é completamente irrelevante neste caso. Foi decidido entre os pais e os

padrinhos como se daria a oficialização, a decisão foi tomada pelos indivíduos, não por nenhuma autoridade religiosa. Para que fique evidente a ausência de problemas sobre isso, Marcos ainda nos diz que “depois ele cresceu e não fez questão de ser batizado e não mudou nada na vida dele”. Na realidade essa ausência de mudança na vida de seu afilhado em relação ao batismo reflete o mundo secularizado, que não conta com consequências religiosas para os espaços públicos, este responde a outras instituições.

Quanto ao batismo de um possível filho, é inegável que ele aconteça, mais uma vez se evidencia uma questão de integração para com sua esposa e, provavelmente, a família desta. Mesmo que, em seu pensamento privado, esse rito religioso esteja esvaziado de significado e possa se dar de modo secularizado sem problemas, também não haverá problema se ele vier a acontecer na Igreja. De qualquer uma das duas formas o rito existirá, assim como existiu para seu “afilhado de coração”, o que nos sinaliza que o rito é importante para essa categoria de católicos, mesmo que seja a nível apenas de integração.

Leiamos agora o depoimento de Cristine, que conhece bem o significado do batismo dentro da Igreja, até por ter se tornado madrinha recentemente.

Cristine tinha sido apenas batizada antes de ter sido convidada por sua prima para ser madrinha de sua filha. Ela nos conta que se viu diante de um problema, uma vez que, para poder ser a madrinha de alguém, é necessário ser crismado, e ela não tinha esse rito, nem mesmo a primeira comunhão. Essa situação a fez buscar outra solução, algo parecido com o que João fez para casar, isto é, buscou um caminho que lhe possibilitasse ganhar a permissão do batismo mesmo sem a crisma:

*“Cristine: Não, eu não fiz catequese, eu fiz a primeira eucaristia, que seria assim a catequese num encontro católico né, mas eu não fiz aquela... Eu não sei se chama ritual, mas eu não participei do rito da passagem do catolicismo. **Eu fiz num curso, intensivo vamos dizer assim.** Eu até comecei a fazer a catequese quando eu era pequena, por influência da minha avó pra a minha mãe, vamos dizer assim (...) A intenção dele não é essa, mas se você não tem a catequese ele é uma, vamos dizer um caminho... e... eu não sei se eu posso falar o nome... Mas, eu fiz o curso do EMAUS, que chama, eu só não posso dar detalhes desse curso né, o que acontece lá, mas ele é um intensivo assim, pra você, vamos dizer, abraçar novamente a fé, seria algo desse tipo (...) Lá eu fiz a primeira eucaristia que seria a primeira comunhão, lá eu fiz. Ah... Agora vamos dizer, eu teria que fazer a crisma, se eu tivesse esse interesse né (risos).*

Marina: Mas você não vai fazer?

Cristine: Até o momento eu não me sinto à vontade **por questões de doutrina.**

Marina: E o EMAUS foi mais por conta da sua afilhada?

Cristine: Sim, da minha afilhada, que eu me senti um pouco burlando as leis vamos dizer assim, e eu quis me redimir conhecendo melhor o catolicismo que eu não conhecia tão bem.

Marina: Ah, por isso que você fez esse?

Cristine: É, apesar de eu já ter batizado a minha afilhada, eu me senti na obrigação de conhecer melhor e eu também fui me confessar pelo meu ato fora da lei cristã católica (risos).

Marina: Mas é fora da lei por que, se você é batizada?

Cristine: Não, porque você tem que ser crismada.

Marina: E até hoje você não crismou?

Cristine: Não, até hoje eu não crismei. E eu acho que por entender hoje o que é a crisma eu tenho que pensar bem se eu vou ou não fazer esse sacramento.

Marina: E o Segue-me por que você fez, porque estava com vontade também?

Cristine: Foi, foi, porque ele é mais jovial, mais interativo assim, eu achei uma forma de também conhecer melhor. Eu fiz primeiro o Segue-me, depois o EMAUS. Foi uma forma de eu conhecer mais o cristianismo e, como eles pensam de fato, que eu nunca tinha tido esse contato né, como eu não fiz a catequese, eu...

Marina: E você acha que você ainda faria?

Cristine: Porque a catequese eu já fiz no EMAUS né, falta só a crisma. Porque a crisma é a confirmação. Porque normalmente o batismo, como você é criança, você não tem o seu querer, né, então a crisma ela vem pra você confirmar que é aquilo mesmo que você quer e acredita”.

Cristine nos mostra que tem total consciência dos significados religiosos de cada rito, tanto que a crisma ainda é uma incerteza para ela, pois seria o momento de se confirmar no catolicismo. Esta é uma situação que demonstra bem como o batismo se tornou uma cerimônia secular: sendo a crisma o pré-requisito para se tornar madrinha de alguém, Cristine conseguiu, sem esse rito, através de um curso, a permissão para batizar sua afilhada. Ela nos conta como fez isso de forma intencional, porque de fato ainda não tem certeza se deseja se crismar, não sabe se quer se confirmar na religião, mas isso também não a impede de iniciar outras pessoas na religião, porque o significado é

transformado pelas pessoas que estão participando desse rito. Isso é a secularização da religião. Observemos a suas respostas quando perguntada se batizaria o seu futuro possível filho. Cristine nos explica em que consiste o batismo e porque ele tem que ser feito ainda bebê:

“Marina: Mas você passaria a religião católica pra os seus descendentes?”

“Cristine: Essa é uma questão... Um pouco complicada, porque pelo meu ver o catolicismo, ele vem pelo batismo, e o batismo tem que ser quando você é criança.”

“Marina: Não tem né? É um costume?”

*“Cristine: É um costume... Tem! Porque se você não é batizado você não é visto por Deus, vamos dizer assim, você vive em pecado, então você precisa ser batizado pra você ser de Deus, vamos dizer assim, então se você não é, por isso que o batismo é quando você é bebê. Que é pra você não viver em pecado. Eu vou dar um exemplo, que isso sempre chamou minha atenção em questão do batismo: se um bebê nasce e morre, vamos dizer com dois meses sem ser batizado, ele vai pra o inferno, entendeu? Porque ele é um pagão, então por isso que o batismo é quando são bebês né?! Então... Eu fico em dúvida sobre essa questão. Vamos dizer assim, eu vou batizar pra o meu bebê não ser pagão, ou eu vou deixar... Porque na minha vivência eu fui batizada, eu acho que por esse motivo, e a minha mãe me deu a escolha de não fazer a catequese, vamos dizer assim, ela me colocou lá, e quando eu não quis, ela me tirou. E tipo assim, eu fui crescendo, os cursos que eu fiz do catolicismo, que eu fiz, foi pela minha vontade, mas eu fui batizada. **Eu acho que eu batizaria os meus filhos, e depois, que eles não serão mais pagãos, eles podem escolher a vida deles** (risos). Tipo eu não prenderia ao ponto de fazer catequese, você tem que crismar, se eles não quiserem, vai ser uma escolha deles, mas eu acho que o batismo sim. E eu acho que é isso, tá, enraizado na gente (risos). Eu acho que foi da forma que a minha mãe me criou, eu faria a mesma coisa”.*

Aqui é demonstrado brevemente uma crença total nos dogmas da Igreja: o medo do inferno, de não ser visto por Deus como principal motivo para que o batismo aconteça. Ao mesmo tempo em que se “burlam” as regras do catolicismo, evidencia-se os seus dogmas para justificar uma ação, mesmo que os dogmas sejam um dos motivos de seu afastamento da religião. É uma situação complexa, no fundo o que prevalece é a vontade de participar da cerimônia de batismo da sua afilhada, mesmo que isso implique em contradições, evidenciando assim, mais uma vez, um aspecto secular na sua conduta: o que conta não são as regras do catolicismo, mas a sua vontade (de ser madrinha) imperando sobre a

instituição (que diz que apenas pessoas que já se crismaram podem ser padrinhos). A seguir ela nos fala um pouco sobre o papel do padrinho e da madrinha para a Igreja:

“Ai como eu vou falar? Porque pra ser a madrinha de uma criança, você é a madrinha pra você iniciar ela no cristianismo, você é como se fosse a mãe da Igreja dela, e não seria eu essa pessoa, mas eu acho que tanto pra mim quanto pra minha prima é um laço afetivo pra essa criança que a gente ama, e que não são os mesmo ideais que a Igreja teria pra madrinha, então eu com certeza me apropriei desse sacramento e da religião pra poder ser a madrinha da minha sobrinha”. - Cristine

Quando perguntada sobre a relação dela com a sua madrinha, ela nos diz:

“Então com a minha madrinha essa relação não é religiosa, é mais afetiva como eu sou pra a minha afilhada, eu acho que é mais essa relação”. - Cristine

Mais uma vez aqui ela demonstra (o único caso de todos entrevistados) consciência sobre o significado religioso dos ritos, mas, na prática, prevalece a sua vontade e o seu entendimento sobre eles. Parece que, assim como colocou Rodrigo, o apadrinhamento é uma coisa “de coração”, oficializado por uma cerimônia da Igreja Católica. A esta sobrou, portanto, somente esse papel: oficializar uma decisão dos pais e dos escolhidos ao apadrinhamento, qualquer que seja o significado que eles estejam dando para esse rito, uma vez que o que pensam sobre isso não precisa chegar aos ouvidos da Igreja, aqui ela é apenas um meio, e não um fim em si mesmo.

Vejamos agora como Rodrigo se dá com os ritos do catolicismo. Rodrigo é casado e é pai de duas meninas, de modo que aqui as respostas não ficaram apenas nas hipóteses. Quando questionado acerca da cerimônia religiosa do casamento, Rodrigo nos conta:

“Marina: A sua esposa também queria casar na Igreja?”

“Rodrigo: Sim, muito mais do que eu.”

“Marina: Entendi. Mas e a vontade foi mais dela do que sua de casar na Igreja ou você também fazia questão?”

“Rodrigo: Fazia questão também, mas eu acho que era mais uma coisa de padrão mesmo sabe? Não sei... “ah casar? Você vai casar na Igreja, então assim” é normal, e novamente, você sempre tem essa imaginação né? Vou casar? Então vou casar na Igreja e tal. Mais por esse motivo”.

A sua vontade de casar na Igreja já fazia parte de uma imaginação “normal”, que provavelmente veio do seu envolvimento quando criança com uma comunidade católica.

Ainda sim a vontade comum de sua esposa é até “muito maior”, evidencia um movimento de integração por meio da religião. Sobre o batismo e a sua falta de ritos básicos para cumprir esse ritual, leiamos o seguinte diálogo:

“Marina: Ah... eu achei que pra esses ritos você tinha que ter a primeira comunhão...”

*“Rodrigo: Eu também achei, mas não precisou. Eu não sei se antigamente tinha e aí **deram uma afrouxada né**, mas o fato é de que eu não fiz primeira comunhão, e eu batizei, tenho uma afilhada, e também me casei na Igreja”.*

Assim como no caso de Cristine, a Igreja aparece como um meio e não como um fim. Ter ou não ter os ritos para ele não faz tanta diferença, o que importa é que provavelmente a Igreja deu uma “afrouxada” e ele conseguiu participar de todas as cerimônias que desejava.

Quando questionado acerca da emergência de sua identidade religiosa em diversos espaços sociais e das suas atuais práticas, com o intuito de entender de que forma ele se conecta a rótulo “católico”, Rodrigo nos conta:

*“Rodrigo: E eu acho que só assim, no meio familiar assim, eu acho que as pessoas, novamente, **seguem o fluxo né**, então todo mundo entende que você é católico, é uma coisa meio que subentendida pra todo mundo.*

“Marina: E você tem o hábito de rezar? Você já tinha falado que sim, né?!”

“Rodrigo: Sim, eu rezo com as minhas filhas e tal, antes das minhas filhas eu rezava também, não com tanta frequência, mas rezava.

“Marina: Você diria que todos os dias?”

*“Rodrigo: Não, todos os dias não, mas hoje em dia eu devo rezar aí umas cinco vezes por semana junto com as minhas filhas, **mas quando eu vou dormir que não sou eu que põe elas pra dormir, eu não rezo. Eu só rezo quando tô com elas, entendeu?**”*

“Marina: E por que isso?”

*“Rodrigo: Por quê? Não sei... eu não sei... eu não tenho muito essa habito de rezar, nunca tive, eu sempre rezei, mas não com essa coisa assim, muito regrada, todo dia, certinho. Então assim, **eu rezo com elas mais como uma forma de educá-las na religião, do que pra mim, entendeu?**”*

Nessa fala de Rodrigo se evidencia uma questão comentada no começo desse capítulo: a noção de que a espiritualidade só pode se desenvolver a partir de alguma noção

religiosa. Na realidade o que Rodrigo está fazendo com as filhas é socializá-las nos termos religiosos, dentro do catolicismo. Mesmo que os entrevistados digam que deixarão seus filhos “livres” para escolherem a religião que quiserem, para uma criança poder se desenvolver “espiritualmente” é preciso ensiná-la a pensar em termos religiosos, para que, mesmo que ela venha a seguir outra religião, ela já tenha uma base espiritual. O que se evidencia aqui, portanto, é socialização de termos religiosos.

Para Bruce (2011) há um esforço para se socializar as crianças nesses princípios básicos da religião (embora em uma visão “espiritualizada” esse esforço seja tão somente uma forma de ensinar a criança a pensar por ela mesma), uma vez que a socialização em um grupo religioso é fundamental para que a noção de espiritualidade surja, reiterando o que já havíamos dito de a espiritualidade não é algo intrínseco do ser humano, como se parece supor, mas uma noção desenvolvida, extremamente complexa.

Por fim o questiono acerca do batizado, buscando entender como se deu esse processo com as suas filhas:

Marina: E você chegou a passar a religião pra os seus filhos? Batizou eles? Como é isso?

*Rodrigo: Sim, as duas foram batizadas, e eu rezo, por exemplo, rezo antes de dormir, é uma coisa que eu sempre tento implementar lá em casa, de rezar... Pra tentar passar isso pra elas, entendeu? **Primeiro que eu sei que é importante pra minha esposa, faço isso também por ela, e pelas crianças, que eu acho que é importante ter uma base religiosa né, acreditar.***

Marina: Ter algum tipo de fé?

Rodrigo: É.

Marina: Entendi. Você que quis batizar? Como que foi?

*Rodrigo: **Novamente, um movimento natural, a gente nem pensou em não batizar, entendeu, uma coisa natural...** “Vou batizar? Não vou batizar?” Não teve esse tipo de discussão...”*

Tanto aqui se evidencia um processo integrador com as filhas e com a esposa, quanto outra vez aparece o intuito de socialização religiosa. Rodrigo não é apegado ao catolicismo como sua esposa, para ele o importante é “ter uma base religiosa né, acreditar”, rezar com as suas filhas é o que proporcionará a elas esse aprendizado.

Observemos agora a perspectiva de Ana, também mãe de duas meninas e casada, com relação ao rito do casamento, quando questionada sobre a importância que teve para ela se casar em uma Igreja católica:

“Porque embora eu me considere católica não praticante, eu me considero católica. Isso pra mim é importante né, assim, tem um valor espiritual pra mim muito maior do que simplesmente fazer um casamento no civil, então”. - Ana

Ana também batizou suas filhas e, assim como Rodrigo, espera deixá-las livres para, posteriormente, escolherem a sua religião:

“Ana: É... Sim, eu passo, mas eu deixo aberto pra elas escolherem o que elas quiserem né, essa é a minha intenção.

Marina: Mas quando estiver numa idade boa você gostaria? (Que fizessem catequese)

*Ana: Não sei... Eu acho que é uma decisão dela, eu levaria a ideia, a possibilidade e deixaria ela escolher, **provavelmente, acho que ela escolheria fazer, porque a Igreja católica já faz parte do dia a dia dela na escola, né, então acho que seria algo que ela gostaria de fazer**”.*

Uma vez que a socialização primária já se faz forte para suas filhas por estudarem em uma escola católica, a probabilidade é de que continuem. Aqui se reforça a ideia que apareceu nos outros entrevistados: deixar que a escolha da religião seja livre. O papel dos pais parece ser apenas o de uma socialização primária na religião, assim como foi feito com eles. O casamento aparece não só como um rito importante de passagem, mas também como uma expressão da própria fé.

Vejamos agora a visão sobre o batismo de Amanda (sem filhos), Luciana (com dois filhos) e Carla (com três filhos) sobre o batismo:

“Amanda: Acho que não... Eu acho que não, eu acho que talvez... Eu acho que, por exemplo, quando eu tiver filho, se eu tiver, acho que vai ter uma pressão familiar assim, por exemplo, pra pelo menos batizar o filho no catolicismo, entendeu? Mas eu acho que assim, depois, passar os ensinamentos, assim, acho que não.

Marina: Mas você batizaria?

*Amanda: É, eu acho que **mais pelo rito familiar do que por eu acreditar no batismo e tal**”.*

Luciana nos dá uma perspectiva mais tradicionalista sobre o batismo, sendo ela e sua família de uma família do interior do Rio Grande do Norte:

“Marina: E porque que vocês quiseram?”

“Luciana: Batizar? A nossa família mora atualmente em Natal. É costume lá, aonde a nossa família mora, quando alguém tem neném, ou quando alguém engravida, já existe uma caça a quem, eu que vou ser o padrinho do seu filho, aí é mais tradição né, costume”.

Já Carla tinha comentado mais sobre a espiritualidade do que sobre o batismo, e nos diz apenas que os seus três filhos foram batizados e fizeram a primeira comunhão, mas foi com eles só até aí para que pudessem seguir livremente.

Por fim, apresento a visão de Ezequiel sobre os ritos. Ezequiel não tem filhos e se encontra noivo, como aqui já exposto anteriormente. A sua visão sobre o batismo vai ao encontro à dos outros entrevistados: batizar, mas deixar seu possível futuro filho “livre”. No caso dele, essa ideia se manifesta por conta da sua mãe, uma vez que foi assim que ela fez com ele e ele: “faria como a minha mãe fez comigo”. Como sua resposta foi muito sucinta, gostaria de apresentar aqui outro aspecto em relação aos ritos por ele identificado e que ainda não havia aparecido. Quando Ezequiel conta sobre as suas idas em missas e situações de celebração de ritos religiosos, ele diz:

*“Sinceramente? (risos) Eu tenho experiências ruins, o pessoal às vezes exagera, não foi uma vez que eu já participei de missa e o pessoal sai falando mal das pessoas sabe, você acabou de ir lá, meio que se purificar, pedir perdão, pedir ajuda, e você já sai com outro pensamento da cabeça. Então... Você não pediu mesmo, **você só tava lá por rito, tava lá por costume**, você não tava lá pedindo algo que realmente interferisse na sua vida, te mudasse. Você vai lá na igreja, reza e começa a falar mal das pessoas assim que passa na porta da igreja... nossa... por isso que eu criei uma ojeriza, um afastamento, meio que um nojinho, por causa das pessoas, porque algumas pessoas realmente só vão mesmo por rito, não conseguem introjetar o que seria a ideia principal da religião que tão frequentando, né”. - Ezequiel*

*“Pois é... Eu falo às vezes até como um tom de piada, mas é sempre uma crítica né, que o que estraga a Igreja são as pessoas, né, que você tem que ir todo arrumadinho, aí, **você tem que entrar nos ritos para você expressar sua religiosidade, e são ritos que realmente eu acho desnecessários**. Ah, pô, a pessoa tá precisando de Deus e ela não pode ir de chinelo porque senão o pessoal vai ficar olhando, ou sei lá, julgando, então acho que, eu sempre critico né, acho que isso não devia fazer parte do rito religioso, aí, acho que é nesse sentido, assim que eu vejo”. - Ezequiel*

Para Ezequiel, portanto, o rito não deveria ser o único mecanismo de expressão da espiritualidade, mesmo porque existe uma burocracia para a participação desses ritos na sua perspectiva (de vestimenta, de horários). Na sua visão a religião deveria ser algo fluido

e contínuo no cotidiano, motivo pelo qual ele se considerará mais católico do que os católicos praticantes.

No geral os entrevistados batizariam os seus filhos, mas não passariam a religião, evidenciando assim a secularidade desse rito. Na prática essa atitude é responsável pela perpetuação do laço de um indivíduo com a identidade religiosa, que se desenvolve não só por esse momento, mas em uma socialização familiar que fará com que esse indivíduo crie uma ideia de espiritualidade. Esse vínculo frouxo com a religião é o que fará com que ele se identifique a ela esporadicamente, é o que aparecerá nos censos. As falas desses entrevistados vão nos dando ferramentas para pensar o real impacto da religião católica no Brasil:

sendo a religião esmagadoramente mais forte ainda neste país, conta com diversas categorias, sendo uma dessas a dos católicos não praticantes, que parecem muito mais ter sido conectados à religião católica na infância, principalmente por conta do batismo, do que estarem conectados de fato com ela.

Ligação com a religião

Nesta seção analisaremos as práticas religiosas cotidianas mais gerais dos indivíduos. Para tanto, eles foram questionados sobre: se leem a Bíblia, se cultuam algum santo, se rezam, com que frequência vão à Igreja e com qual intuito quando vão. Quanto aos dois primeiros aspectos (culto de santos e leitura da Bíblia), houve uma generalizada negação, embora Ana aponte que gosta de São Francisco, e Luciana nos diga, em relação aos santos, que “na hora do aperreio eu chamo todos, todos, todos que eu lembro”. Não há, entretanto, uma devoção contínua a algum santo entre os nossos entrevistados. Carla inclusive nos informa de que essa é uma das coisas da Igreja católica que não “curte”, quase numa visão luterana ela nos diz: “Não gosto de imagens e não gosto daquela coisa, aquele apego com santos, sabe, eu não tenho isso”. Sendo a leitura da bíblia e a devoção a algum santo uma prática ausente da vida de todos, analisemos a seguir a frequência das rezas e das idas à Igreja. Primeiramente observemos algumas falas que se destacam em relação à frequência na Igreja:

“Ah, uma vez por ano no máximo, em algum acontecimento especial, uma missa de sétimo dia, o batizado de alguém, um casamento, alguma coisa nesse sentido, mas ir somente pra assistir a missa, não”. - Marcos

“Ela é muito mais religiosa do que eu (a esposa). Hoje quem mantém essa força religiosa, vamos dizer, dentro de casa, é ela, essa figura maior é ela. É ela que leva a gente pra Igreja, eu e minhas filhas, né... E eu acabo indo porque eu acho que é importante, tanto por ela, por ela acreditar, e **eu acho que é bom você acreditar em alguma coisa, né**, quanto porque eu acho que é bom pra a criança também, né. Então assim, **o meu esforço é só de ir e tal, e acho legal**. Acho legal fazer isso. (A sua frequência de idas a Igreja é de duas vezes mensais)”. - Rodrigo

“Bom, as minhas práticas elas eram bem, assim, não eram cotidianas, era assim, um batizado, uma missa de sétimo dia, um casamento, então eu acho que assim, eu sou católica desde sempre, **mas eu vou esporadicamente**. Acho que eu nunca parei pra ir todo domingo numa missa”. - Cristine

“Eu tenho uma prática, quando é objetivos pessoais assim, que eu quero, sei lá, pedir alguma coisa, agradecer alguma coisa, **é uma prática muito pessoal assim, eu consigo mesma**. Eu vou a Igreja, ao espaço físico Igreja realmente **quando tem alguma ocasião**: ou é com os meus pais, quando tem alguma ocasião, ou quando é missa de sétimo dia, batismo, nessas situações”. - Amanda

“Só quando eu **vou visitar a minha mãe**, que aí pra... pra fazer companhia a ela, ficar ao lado dela e aí quando ela vai pra missa e eu tô, lá eu vou junto, é esse o espaço”. - Luciana

“Ai, não sei te dizer uma frequência certa assim... Mas digamos uma vez por ano... Olhe lá, porque é um lugar que me faz lembrar muito a mãe sabe, então é um lugar que eu chego na Igreja ali perto de casa, e **sinto o cheiro dela...** Mas eu não vou muito na missa, as vezes eu só vou, sento na Igreja quando ela tá aberta, fico lá... E vou embora, sabe, porque é um lugar que me faz bem, eu gosto de ir lá, mas justamente, **por lembrar da mãe, não por ter uma ligação com Jesus, enfim, não, sabe**”. - Augusta

“Nem sei te dizer uma frequência assim... mas sei lá, é raro assim, ultimamente eu não tenho ido muito frequentemente não, mas sei lá, posso falar uma vez a cada dois meses... por aí”. - Carla

“Pouca frequência (risos). Olha, eu ia mais antes das minhas filhas nascerem, apesar da religiosidade ter um papel muito maior hoje na minha vida, eu ia mais. Hoje, eu vou ser bem sincera, eu vou mais se tem um batizado, um casamento, uma missa diferente **que precise ir**, aí eu vou, mas tem muito tempo que eu não vou de livre e espontânea vontade”. - Ana

“Pra mim, olha, eu acredito que existe, primeiro eu acredito em Deus, eu rezo, todos os dias rezo, até com as minhas filhas, mas pra mim essa questão da fé, né, dessa crença em algo maior, **não tem a ver com necessariamente bater ponto na Igreja**. Não que eu não goste, tem momentos que eu realmente procuro à Igreja e o meu lugar favorito não é qualquer missa que eu gosto muito de ir, não que isso não tenha seu valor, tem, mas pra mim, não é como uma obrigação. Mas que tudo que eu faço na minha vida, em certo grau, acho que tem isso por trás, esses

valores básicos do cristianismo, de um modo geral, de praticar o bem com o outro, de não fazer com o outro o que não gostaria que fosse feito com você, de ser solidário... Acho que esses valores...” - Ana

João nos dá um depoimento um pouco mais extenso a respeito dessa questão:

*“E eu já tenho uma sogra que é extremamente religiosa, muito católica, muito mesmo assim, hoje ela é ministra lá da Igreja dela, ela vive em função disso, hoje ela aposentou, ela vive em função disso, os horários dela são em função das missas que ela tem que acompanhar, então, apesar de eu ser não ser praticante, é uma coisa que tá sempre dentro do meu convívio, da minha vida, porque ela manda coisa, ela fala, ela mostra, às vezes ela fala pra a gente ir, **de vez em quando a gente vai fazer um agrado**, mas... Assim, continuo tendo a minha posição bem firme em relação a isso”.- João*

*“João: Ah, uma vez por semestre e olhe lá assim. **Mas não muito pra missa, às vezes ocasiões né**, essas coisas, vez ou outra pra missa. Bota uma, duas vezes no ano e olhe lá. **E nunca por iniciativa própria, deixar isso bem claro (risos), sempre porque ela (a sogra) tá indo, ou pede pra ir algum dia não sei o que**, porque você sabe que todo dia é dia de algum santo, né. Então geralmente por isso e não porque ”ah, vamo lá pra rezar, não”.*

Marina: Seriam mais situações de formalidade? Casamento, natal...

João: Isso, formalidade... Ou a pedido de alguém, mas não pra falar vamos, hoje eu vou na missa das 7, não, isso não”.

O que se observa desses depoimentos é que a ida ao espaço físico Igreja acontece muito mais em função de ritos de celebração e cerimônias (batismo, casamento, missa de sétimo dia) do que com uma continuidade regular. Aqueles que têm uma continuidade mais regular, como Rodrigo que vai duas vezes por mês, reforçam a interação com a família, dando a esse evento pouca importância pessoal: “O meu esforço é só de ir e tal, e acho legal”. No geral os entrevistados vão muito esporadicamente, a pedido de alguém ou para presenciarem uma cerimônia. Esse tipo de participação, como já colocado aqui, reforça uma perspectiva secular, pois se trata de uma interação com a religião que não exige comprometimento daqueles que estão participando (BRUCE, 2011). Chama atenção ainda a motivação de Augusta: “Porque é um lugar que me faz lembrar a mãe, sabe”. Dentro dessa perspectiva, as memórias afetivas podem ser também um grande incentivador da perpetuação do laço com a religião, principalmente da ida ao lugar físico: o cheiro do espaço, as músicas, as cores, a voz do padre, a luminosidade da Igreja, são todos aspectos que podem fazer com que se retorne com ao espaço físico com intuito de se reviver um momento do passado, gerando assim um laço com a Instituição.

Observemos agora os depoimentos dos entrevistados em relação ao hábito de rezar:

“Ana: Tenho, rezo todos os dias, eu rezo sozinha, rezo com as minhas filhas...”

Marina: Um quantas vezes por dia assim você reza?

*Ana: Ah eu rezo na hora de dormir, todo dia quando eu vou dormir e quando eu vou colocar elas pra dormir, então pelo menos duas vezes. Olha, vou ser bem sincera, **depois que eu tive filho aumentou muito**. Na verdade desde engravidar, que aí eu acho que a gente se religa com a religião, pelo menos pra mim foi assim. **Quando você tá nessa situação de total perda de controle**, e acho que ter filho é isso, você não ter controle sobre a parte mais importante da sua vida, então eu rezei mais, eu não rezava um décimo do que eu rezo hoje, apesar de continuar não indo a missa, mas é uma coisa que eu quero fazer, fico me informando. As minhas filhas hoje ainda são muito pequenas, a mais nova tem dois anos, aí já quero saber quais são as missas pra criança... Mas assim essa busca pela religião, ela foi muito maior desde que eu engravidei da minha primeira filha, sem sombra de dúvidas assim...”*

*“Cristine: Tenho o hábito de rezar, mas assim, **nos meus momentos**, por exemplo, não é antes de almoçar, antes de... sem essa obrigação. Eu acho que quando eu me sinto a vontade e no meu momento eu rezo. Vou dar uma situação: quando eu tô sozinha, vamos dizer assim, é uma questão de proteção onde eu converso com esse divino, é mais assim, ou numa situação difícil que eu esteja passando...”*

Marina: Você diria que com qual frequência?

Cristine: Ah pelo menos uma vez no dia eu rezo. Assim, também não é um terço, é um Pai Nosso, uma Ave Maria, por dia”.

*“É, exatamente, é só de convívio familiar assim, e de situações, porque daí como, o meu círculo, não só familiar, mas de amigos né, parentes próximos (de Goiânia, sua cidade natal), é toda vinculado à religião católica, então tem isso sempre, ah em festa, vamos rezar Ave Maria e Pai Nosso, antes do parabéns; a missa de sétimo dia, essas coisas assim, **os rituais eles sempre tem alguma vinculação com o catolicismo né**, então acho que é mais nessas situações mesmo”.- Amanda*

*“Luciana: Eu rezo de vez em quando... não, vez **em quase nunca**, não é muito frequente que eu rezo não, mas...”*

Marina: Você diria que com que frequência?

Luciana: Uma vez por mês... Quando meu filho mais novo diz “mamãe vamos conversar com papai do céu!”. É muito raro isso. Talvez, acredito que uma vez por mês”.

*“Não, não chego assim, a rezar de noite, esse tipo de coisa, não. Mas **chego a refletir**, sobre coisas assim que eu falo assim, não, não é possível que é coincidência... Será que realmente você busca e aquilo*

vem, será que atrai mesmo, esse tipo de coisa, mas não chego a rezar, não vou muito pra esse lado da religião assim não”.- João

*“Olha, tinha uma época que eu rezava todos os dias da minha vida, antes, nos meus 15 anos, rezava todo dia pra agradecer... Hoje em dia eu agradeço, mas faz muito tempo que eu não rezo um Pai Nosso, uma Ave Maria assim, sabe, **eu agradeço assim de noite**, quando eu tô deitada, reflito, olho pra o Júnior (seu filho), por exemplo, agradeço, pela saúde dele, agradeço assim, **pra essa força do universo que eu acredito**, não sei se é um Deus ou... Agradeço sabe, **acho que em algum lugar alguém pode tar me escutando**”. - Augusta*

Como característica marcante dos católicos não praticantes, o momento de rezar, assim como os outros aspectos de sua vivência religiosa, não pode ser uma obrigação, é algo muito mais ligado a sua espiritualidade, muito mais “íntimo”, sempre levando a religião para a resolução de problemas, a situações “de total perda de controle” como nos diz Ana. Quando a reza aparece como uma obrigação, ela se dá por conta do convívio familiar, reforçando o aspecto da integração, como quando Luciana viaja para visitar a mãe ou quando o seu filho pede pra ela para “conversar com papai do céu”, bem como Amanda que só reza quando viaja para visitar a família. Uma última perspectiva interessante que aparece é a de João e Augusta, que equiparam a reza ao momento de reflexão e de agradecimento: se a reza é o instrumento de conexão com o Deus católico, a reflexão, a conversa íntima e o agradecimento são os instrumentos de conexão com o Deus secularizado, como coloca Augusta, com alguém que “em algum lugar pode tar me escutando”.

Concluindo...

Neste capítulo pudemos observar mais algumas características comuns aos católicos não praticantes. A seguir estão elencados de forma breve e objetiva seis traços que apareceram ao longo deste capítulo, para que em seguida possamos comentá-los:

1. Enfraquecimento da credibilidade na Igreja;
2. Seleção do que é verdadeiro dentro da religião;
3. Consciência de que tem uma fé “rasa”;
4. Diferenciação entre religião e espiritualidade;
5. Conexões esporádicas com o sobrenatural;
6. Presença esporádica nos ritos presenciais da Igreja.

O primeiro traço diz respeito ao enfraquecimento da credibilidade na Igreja e tem relação direta com o segundo, a consciência da fé “rasa”, termo usado por Carla para descrever a si mesma. Esse enfraquecimento (1) tem a ver com a consciência de que a verdade religiosa é relativa, (uma vez que cada religião possui sua própria verdade, não há verdade absoluta) inclusive a católica; trata-se aqui da pluralidade discutida no começo do capítulo sendo vista na prática com os entrevistados. Essa consciência de que a sua verdade religiosa é tão relativa quanto a verdade de todas as outras religiões leva o indivíduo a selecionar o que é verdadeiro para ele dentro da religião (2); e essa seleção, no caso dos católicos não praticantes, terá relação direta com o seu bem estar psicológico: aumenta-se a fé na religião na proporção em que se alcança esse bem psicológico, e por isso tem-se ideia de que a fé é “rasa”, ela depende muito mais do que acontece por aqui neste mundo, do que o que foi dito sobre um mundo sobrenatural transcendental.

Também é possível enxergar a seleção de verdades ao se comparar as respostas da passagem da religião aos filhos (sempre negativa) a do batismo (sempre positiva). O que foi colocado pelos entrevistados é que a crisma é o verdadeiro laço do indivíduo com o catolicismo, e por isso não veem no batismo um problema, um laço de vinculação eterna ao catolicismo. Ao mesmo tempo se dizem católicos por serem batizados, como vimos no capítulo anterior, e não por conta da crisma. Na realidade isso evidencia uma seleção subjetiva do que o indivíduo quer para ele, e do significado que ele dá para os ritos católicos, um entendimento subjetivo que permanece sob qualquer outro aspecto: ele quer o rito do batismo, mas dispensa a conexão com a religião, ressignificando assim o rito.

Essas verdades selecionadas tem relação não só com utilização que desejam fazer da religião, mas com o próprio bem estar psicológico. Para isso acontece um autogerenciamento das verdades selecionadas, embasadas em conhecimentos que são familiares ao indivíduo e de fácil acesso a este por conta de uma socialização na infância e juventude na religião católica, como foi discutido no capítulo anterior. É diferente de um psicólogo, por exemplo, que detém os instrumentos do entendimento e que pode ajudar a conduzir o seu paciente ao bem estar psicológico. Para o católico não praticante é possível que ele mesmo acesse os instrumentos do bem estar psicológico (rezar, ir à missa, ter uma “conversa” com Deus ou com a sua consciência). Para isso ele conta com a Igreja como um instrumento, como um meio e não como um fim.

Neste capítulo esse processo de obter satisfação psicológica se evidencia com Ana, que diz ter passado a rezar mais depois de ter filhos, sendo esta uma situação que a coloca completamente “fora do controle”; Augusta, Ezequiel e Carla, que têm o hábito de falar com Deus para agradecer, ou ter uma conversa mais séria quando “as coisas apertam”; ou mesmo Rafael, João e Cristine que, mesmo esporadicamente, sentem que a Igreja faz muito bem a eles.

A consciência de que a sua fé é “rasa” (3) vem justamente da sobreposição do bem estar psicológico ao sobrenatural. Nas falas evidencia-se a noção de que existem níveis de fé e que, por mais que a do católico não praticante seja “rasa”, ela ainda se encontra dentro do aceitável daquilo que se entende por católico, justamente porque há uma crença selecionada do sobrenatural. Para além da conexão com a fé ser inversamente proporcional ao bem estar psicológico (ou seja, maior é a busca por conexão quando menor for o bem estar psicológico) essa fé rasa também se justifica por descrenças em alguns pontos que o catolicismo coloca acerca do sobrenatural, e por vezes não apenas descrenças, mas discordâncias completas do que é imposto pelos dogmas e regras da Igreja.

Daqui passamos então ao quarto ponto, a diferenciação entre religião e espiritualidade (4). A espiritualidade é vista necessariamente como algo livre, em contraposição à religião, que é colocada como algo enrijecido a ser seguido, uma doutrina cega, surda e muda, que não aceita conversas, que tem que ser obedecida. A espiritualidade não só é vista como independente de religião, como pode ser vivida separadamente desta sem maiores problemas: as emoções subjetivas são o substituto dos dogmas objetivos do catolicismo, e são o critério de legitimação da verdade religiosa.

Os dogmas objetivos serviram apenas para situar os indivíduos dentro da religião na infância, tornando-os familiarizados com os termos católicos. Uma vez que isso está consolidado usa-se desses termos e rituais bem conhecidos para se alcançar o bem estar psíquico, ao que se chama de espiritualidade. A espiritualidade não pode ser obrigação, ela é tão subjetiva quanto subjetivos são os problemas dos indivíduos: maior ela será quanto maior for o contato com o sobrenatural para acalmar os presentes problemas do indivíduo e este alcançar esse bem estar psicológico. Ou seja, a espiritualidade dispensa a autoridade religiosa, ela é tão somente subjetiva. A dispensa da autoridade será novamente trabalhada

no capítulo seguinte, mas a maneira como os entrevistados entendem espiritualidade introduz bem o assunto.

Por fim, as conexões esporádicas com o sobrenatural (5); e a presença esporádica em ritos católicos (6) são aspectos que eventualmente se entrelaçam. Rafael, João e Marcos dizem sentir uma tranquilidade na Igreja, sair de lá mais calmos, nos contam que faz muito bem a eles ir esporadicamente à Igreja. Rafael chega a dizer que sempre sai de lá “renovado”. Rodrigo nos relatou um momento de contato com o sobrenatural mais explícito com a sua filha, mas sentir-se “renovado” após sair da Igreja também é uma forma de contato com o sobrenatural. Essas experiências fazem diferença no aumento da fé “rasa” dos indivíduos, pois são momentos que fazem diferença no bem estar psicológico destes por meio do sobrenatural e que, por isso, ratificam o seu interesse mágico na religião, traduzidos aqui por práticas “espirituais”. Essas conexões esporádicas são, portanto, fundamentais subjetivamente para dar continuidade à ligação nominal do indivíduo com a religião católica.

A presença esporádica nos ritos católicos se dá, sobretudo, nos rituais de passagem (batizado, casamento, funeral, missa de 7º dia), justamente por serem aqueles que não exigem do indivíduo comprometimento de longa duração com a Igreja. A participação nessas cerimônias acaba por dar força à Instituição Católica, pois cria o entendimento de aceitação e concordância dos indivíduos para com a religião, mesmo que haja discordâncias e descrenças daqueles indivíduos que participam da cerimônia, o pano de fundo criado é de harmonia para com a religião. A dispensa do entendimento da Igreja com relação a discordâncias subjetivas do indivíduo para com esta acaba por fazer com que haja uma ressignificação dos ritos de que se participa. Exemplo disso foram os apadrinhamentos de “coração”, dos casamentos que não tiveram “tanta relevância” por serem na Igreja, acabam por se tornar cerimônias religiosas subjetivamente marcadas por elementos seculares, o que evidencia as mudanças (de significado) dentro das permanências (dos ritos), como tinham colocado Sofiati e Moreira (2018).

As ressignificações dos rituais (da reza, do batismo, da missa), a procura por um bem estar psicológico, a presença esporádica no ambiente físico da Igreja, a seleção do que é verdade ou não dentro da doutrina, todos esses traços apontam para crenças que trazem consigo uma queda na importância da figura de autoridade religiosa. Todo esse processo é

uma consequência direta da secularização do mundo e da secularização dentro da própria religião, como discutido no início deste capítulo. A espiritualidade se tornou um mecanismo secular que justifica a presença e permanência do indivíduo dentro do catolicismo, permitindo à pessoa conectar-se com a religião na intensidade e na forma que ela deseja e entende subjetivamente. Afinal, a religião é a sua “base”, mas é a base de *suas* escolhas e, portanto, não será aceito que alguém lhe imponha o que fazer: a obrigação apenas o afastará da religião. Precisamente sobre esse afastamento de uma autoridade se trata o próximo capítulo.

Capítulo 4 - Rejeição da autoridade religiosa

No capítulo anterior estivemos discutindo a influência da secularização na religião, pudemos observar uma separação do significado de religião e de religiosidade, uma das consequências da secularização explorada na perspectiva dos católicos não praticantes. Neste capítulo veremos outro lado da secularização, que já foi introduzido no capítulo passado, e que tem ligação direta com a noção de espiritualidade discutida no capítulo 3: a dispensa da autoridade religiosa para os católicos não praticantes. Para tanto, acredito ser importante discutir muito brevemente o conceito de autoridade e da sua trajetória na modernidade.

Lukes (1979) define a aceitação da autoridade como:

“abster-se de examinar aquilo que nos mandam fazer, ou aquilo que nos mandam acreditar. É agir e acreditar não pelo saldo das razões, e sim à base de uma razão de segunda ordem que exige precisamente que seja ignorado o saldo das razões, tal como o vemos. Da mesma forma, o exercício da autoridade é, precisamente, não ter que oferecer razões, mas ser obedecido e acreditado porque se dispõe de um direito a isso” (LUKES, 1979, p. 831).

Lukes (1979) coloca ainda que aceitar a autoridade significa aceitar pressupostos e proposições que essa autoridade reconhece como verdadeira, uma vez que essa autoridade possui um conhecimento especial e restrito a ela. Para haver autoridade é preciso, necessariamente, que haja aceitação. A autoridade dispensa a lógica daqueles que desenvolvem suas próprias elaborações racionais para obedecê-la. Em um mundo secularizado, entretanto, vive-se em uma ordem política na qual se obedece a uma autoridade legítima, que tem como base algumas regras. Obedece-se, na realidade, à autoridade pessoa como consequência de uma obediência a regras de um sistema colocado. É um novo princípio de autoridade, que substitui um sistema antigo de hierarquias e subordinações pessoais, baseadas, no caso da Igreja Católica, entre outras coisas, em saberes inalcançáveis por aqueles que obedeciam. Dificilmente a aceitação incondicional conviverá com essa nova ordem política, que coloca a racionalidade ao alcance de todos, sem sofrer desgastes e adaptar-se.

Na modernidade, com a ciência e a tecnologia, surge a noção de acessibilidade do conhecimento, não apenas o conhecimento científico, mas também o religioso, que passou

por diversas mudanças nesse período. A autoridade moral não pode se sustentar em um contexto no qual os valores e princípios não são compartilhados ou mesmo considerados como objeto de um conhecimento específico, e sim como uma escolha individual. Quando isso acontece, há crença em alguns valores, mas não há submissão à autoridade alguma (LUKES, 1979). Lukes (1979) coloca que Durkheim via o individualismo como uma nova religião, na qual se é crente e Deus ao mesmo tempo. É uma lógica filha do liberalismo político da modernidade, que coloca a liberdade de pensamento como princípio fundamental inalienável, o que é compatível com a autoridade quando esta tem base racional. A autoridade com base racional no ocidente se preocupa com governabilidade, e por isso a sua estrutura não se volta para a produção de crenças comuns, e sim para a construção de uma estrutura comum na qual todos os indivíduos estejam aptos a perseguirem seus interesses. Sendo assim o julgamento acerca de valores morais torna o indivíduo autônomo, independente, privado, dispensando assim a autoridade religiosa.

Precisamente sobre essa autonomia se trata o presente capítulo. Desde a perspectiva de espiritualidade trabalhada no capítulo passado, veremos como a vivência religiosa dos católicos não praticantes dispensa autoridade, não entendendo autoridade aqui apenas como uma pessoa (padre, bispo), mas também como regras, dogmas, livros (Bíblia), ou seja, tudo aquilo que demanda aceitação plena e dispensando a racionalidade do indivíduo para se concretizar como verdade. O capítulo está dividido em seis partes e a esse entendimento de autoridade servirá para nós como um eixo, que perpassará por cada questão colocada, quais sejam: os valores que perpassam a religião, as diferenças que os entrevistados apontam entre católicos praticantes e católicos não praticantes, o que eles entendem por um católico praticante, o entendem por um católico não praticante, se acreditam em Deus e como consideram que este seja, e, por fim, se já frequentaram outras religiões. Ao final, veremos como essas questões reforçam o que vem sendo visto nos capítulos 2 e 3.

Valores

Começamos com os valores que os entrevistados reconhecem como católicos, uma vez que esses valores serão citados nas falas posteriores. O objetivo desse questionamento inicialmente era medir a relevância de valores católicos no cotidiano dos indivíduos. Entretanto, as respostas foram nos mostrando aspectos seculares do

pensamento religioso, os quais comentarei após expor aqui as suas falas com relação a essa questão:

*“Então assim, acho que são vários, o principal é amar o próximo como a ti mesmo, né, é você praticar o bem. É você fazer com o outro aquilo que você gostaria que fizesse com você, né, você praticar o perdão, são coisas que, pra mim são ensinamentos de Jesus que são, **independentemente de catolicismo de qualquer coisa, entendeu?**”- Rodrigo.*

*“Ah eu acho que sempre fica né, mas acho que mais os valores, de praticar o bem, de acreditar que existe algo maior também, ficar com certeza fica né, **mas eu não me apego tanto às regras, não sei nem se eu tô usando as palavras corretas, mas aos dogmas mais específicos, eu acredito mais nos valores maiores**”. - Ana*

“Bom, quando eu penso nos valores, eu penso, como eu expliquei, que Deus é amor, então eu sigo por essa linha do amor, de não julgar as pessoas, de não apontar as pessoas, de viver em doação ao próximo, eu acho que são os maiores valores que eu vivo do catolicismo”. Cristine

*“Sei alguns, já soube mais pra te falar a verdade, mas hoje em dia, acho que essa coisa muito do dualismo, que é muito clara na Igreja católica, tipo, tem o céu e tem o inferno e **tem o bom e tem o mau e é muito separado, entendeu**, e sei lá, você tem que seguir, você só pode transar depois que você casar, você só casa se você casar ali na Igreja, não é só morar junto, enfim, até questão de método contraceptivo, que agora ainda tá mudando um pouco, mas até pouco tempo atrás você não podia usar nenhum método contraceptivo... Questão de homossexualidade também, de condenar a homossexualidade, acho que, mais essas coisas...”- Amanda*

*“É, dos mandamentos fundamentais, de respeitar o próximo, de você ter amor pelo outro, de você praticar o bem entende, **mas não necessariamente você ter uma regra de ir a missa todo domingo, de ter que jejuar não sei quando, de não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, eu acho que isso não é o que importa, acaba não tendo lugar na mina vida assim**”. - Marcos*

“Acho que os valores devem ser os 10 mandamentos né... honrar pai e mãe, amas a Deus sob todas as coisas, sigo, sigo sim, sigo, aham”. - Luciana

*“Tem essa questão da família tradicional, a questão também de como a Igreja vê a questão do aborto, da homossexualidade, acho que também é **uma coisa muito taxativa e arbitrária**, que certo ponto no nosso caso que somos acadêmicos atrapalha até o desenvolvimento da ciência, que é o caso das células tronco, que fica aquela polemica né”. - João*

*“Eu não saberia numera-los assim, mas eu imagino que, como uma religião cristã, os valores são os que Cristo pregava né, então é fazer, pensar e agir como Jesus, simples assim, então é você tentar se espelhar nele, então, acho que, ai tem a bondade, o perdão, a **misericórdia a***

*compaixão, mais a justiça né, honestidade de alma, enfim, e o amor né. Difícil dizer esses mandamentos né, aqueles mandamentos de deus que a Igreja católica fala, não trairás, não vai desejar a mulher do próximo, mas eu acho que tem mais a ver com o amor, com a fraternidade, com o perdão e com a compaixão, que são as coisas mais difíceis eu acho, né, isso de amar ao próximo como a si mesmo é muito difícil, muito pauleira, não é fácil não, um dos mandamentos mais difíceis aí talvez, e, enfim, eu tento né, seguir alguma coisa, tento. Porque **eu tenho os meus momento de fraqueza, a minha fé é rala**, então esse é um mandamento super difícil pra mim, ne, amar ao próximo como a si mesmo”. Carla*

Um primeiro ponto importante que se evidencia é que os valores considerados mais importantes não são vistos como algo religioso, mas como uma conduta de vida que transcende o catolicismo, como coloca Ana, Rodrigo e Marcos, por exemplo. O que está por trás dessas colocações na realidade são regras de convívio social básicas, dessas que se aprendem desde criança na escola. Somente Carla trará um vocabulário mais elaborado religiosamente ao falar em misericórdia e compaixão, por exemplo. De um modo geral o que foi colocado foi a prática do bem, do perdão, o respeito pelo próximo, ensinamentos que não se resumem a Igreja Católica, apesar de também fazerem parte dela e terem origem histórica nela.

Faz sentido que eles chamem a atenção dos indivíduos uma vez que eles dizem respeito à organização desse mundo, e não ao sobrenatural, evidenciando assim o que foi colocado no capítulo anterior, acerca de se viver a religião de forma secularizada: os valores que de fato importam para os indivíduos são aqueles que se relacionam com o aqui e o agora e por isso transcendem a religião, não estão preocupados necessariamente com as regras do sobrenatural, da vida após a morte.

Outro ponto que chamou a atenção e que também remete à secularização é a dispensa às regras e aos dogmas que tentem taxar ou impor algum comportamento, como apareceu nos depoimentos de Marcos, Ana, João e Amanda. O depoimento de Amanda é interessante porque ao ser perguntada sobre os valores do catolicismo ela se recorda de todos aqueles de que discorda, criticando a separação tão “taxativa” entre o “bem e o mal”. De um modo geral, tudo aquilo que é taxativo sai, e tudo o que é amor fica. Essa é uma característica que aparecerá também na percepção dos entrevistados a respeito de Deus, e ainda na sua própria identidade católica. Sigamos para a próxima seção deste capítulo, a qual tratará da diferenciação na percepção dos entrevistados entre o catolicismo praticante e o não praticante.

Principais diferenças entre praticantes e não praticantes

Uma vez que o entendimento do que é ser não praticante só pode se dar em relação ao que é ser um praticante, busquei investigar em que consiste a prática católica no imaginário do católico não praticante, o que não significa que os católicos praticantes sejam ou ajam da forma descrita, apenas que essa descrição feita pelos entrevistados é uma base para a formação da identidade “não praticante”. Começamos então pelos depoimentos que expõe o que pensam acerca da diferenciação entre ambos, no qual se questiona também se o católico praticante seria mais católico que o não praticante:

*“Ah eu acho que é isso, que a pessoa... agir de acordo com o que diz a Bíblia, os ensinamentos, eu acho que eu não faço isso, eu nunca nem li a bíblia, quem sabe se eu li foi só umas partes na catequese. Eu acho que **um católico praticante é esse que segue, vai na missa, e uma vez eu fui numa missa...** A gente vai às vezes na missa, agora, naquela outra pergunta, às vezes quando é missa de... quando completa algum ano de morte da mãe sabe, daí a gente manda rezar uma missa e vai na missa, e nesses pontos ainda tenho ligação com a Igreja Católica ne, mas...”- Augusta*

*“Poxa, eu acho que os praticantes eles levam a Igreja muito a sério né... não sei dizer assim ao certo como é que me diferencio deles, mas eu acredito que eles acreditam sem duvidar de nada que tá na Bíblia sabe, que nem a mãe, por exemplo, pra ela era aquilo que tava escrito e era aquilo que tinha acontecido sabe e eu não, **eu tenho todas as dúvidas e na verdade acredito muito pouco naquilo que tá escrito.** Acredito que se existe um Jesus, uma pessoa assim, era uma pessoa, que queria ajudar as outras, não que seria uma pessoa filha de Deus... quem sabe se existiu esse homem mesmo seria uma pessoa que queria fazer uma boa ação, o bem pra o outros, mas não que ele fosse o mandado, enviado pra.. então, acho que quem acredita fervorosamente no que diz ali é católico super praticante, e eu que não acredito nada do que tá ali praticamente eu...acho que isso que nos diferencia sabe, **o acreditar e o não acreditar.**” – Augusta*

*“Agora, quando você é praticante você acaba também por fazer a reboque um aumento da sua espiritualidade e é aí que eu acho que mora a diferença né. Então não é necessariamente as práticas católicas, mas sim questão da religiosidade, quanto mais você reza, quanto mais você pensa em alguma coisa, mais você tá em contato com aquilo né. Então aí que eu acho que está a diferença, **uma pessoa que é praticante, ela tá em maior contato com a espiritualidade dela,** entende, e eu menos, porque eu penso menos sobre isso, enfim, então isso que eu acho que é a maior diferença, que pra mim é uma diferença negativa pra mim né, seria nesse ponto. Você passa a **acreditar menos...** você passa a, enfim, tudo que vem a reboque disso né?” – Rodrigo*

“Eu acho que a minha avó influenciou muito, do tipo ela ia e a gente não, então vamos dizer não que ela não nos colocava nessa categoria

católicos né, então a gente vira o católico não praticante, que, eu tenho a fé cristã, mas eu não pratico da forma que a doutrina deles exige, eu acho que é isso.” – Cristine

*“Por exemplo, a partir do momento que a gente fala de católico não praticante, você tá dividindo né, religião de religiosidade, porque o praticante ele tá ali na doutrina, ele tá ali no que a Igreja fala, e ele se põe superior ao não praticante, **aonde eu tenho os mesmos ideais dele, só que eu não pratico as doutrinas cristãs.** Eu acho que essa é a maior diferença.” - Cristine.*

*“Porque, vamos dizer, ele tem a verdade absoluta dele, onde pra ser católico você tem que praticar os ritos né. Então, bom eu me considero católica por acreditar em Cristo e por ter esses valores que eu mencionei, que vem desse catolicismo, que eu abraço isso, mas em questão de ritos e dogmas não. Então essa é a principal diferença, eles se colocam como praticantes por seguir essas doutrinas e ritos, e **eu me coloco como católica por ter esses pensamentos, mas não ter esse ritual,** acho que essa é a principal diferença.” - Cristine*

“Exatamente, eu posso não cumprir, de maneira tão certinha, até porque eu não conheço a essência, toda a essência do catolicismo né, mas eu acho que boa parte do que é ser católico, eu tô no caminho certo, né.”- Ezequiel

“Ah, com certeza, com certeza, eu acho que assim, a falta da prática, dessa convivência no ambiente católico, da prática desses ritos, e a não concordância com os dogmas eu acho que me faz muito menos católica sim, tanto que igual eu te falei, eu acho que cada vez menos eu digo “eu sou católica”, eu acho que, não cabe eu dizer isso, se eu não concordo com muitas coisas, se eu não vivencio isso né...” – Amanda

*“Sim, eu acho que sim, acho que os católicos praticantes eles são mais católicos né, assim, **eles seguem mais a risca aquilo que eles acreditam né, eu não né.** A minha esposa, por exemplo, fala “**cê não é católico, cê não é nada, cê só acredita em Deus e ponto**” Então, eu acho que sim, acho que aqueles que praticam são mais católicos que os que não praticam.*

(...)

*Diferencio porque eu não vou a Igreja, não sigo as regras deles, não tô preocupado se o casamento é pra procriar, se você só pode ter uma esposa primeira, que você tem que batizar seu filho na Igreja, **enfim, não tô preocupado com as regras deles**”. – Marcos*

*“Eu acho que ele é mais católico que eu (o praticante), ele tá lá mais perto né, de merecer **o reino dos céus...**”. – Luciana*

”Porque é como eu digo, como o católico em todas as religiões, tem os dogmas e preceitos né, tem uma cartilha pra seguir assim, e aí você sabe, por exemplo, você fez algumas perguntas que eu não sei nem se eu to respondendo certo, justamente porque, certo assim, não pra sua pesquisa, mas pra os católicos, justamente porque eu não sei, os

católicos nessas perguntas, sei lá podia te falar um trecho da Bíblia, por exemplo, ah o que você falou tá me lembrando Joao não sei o que. É igual você, por exemplo, você faz lá sociologia, se fosse um tema da sua área, você ia saber falar com muito mais propriedade. Então acho que católico a mesma coisa, se fosse falar, de religião, da Bíblia, de alguma coisa ia falar com muito mais propriedade do que eu, acho que essa é a diferença...”. - João

*“Mas assim, eu me considero não praticante, a partir desses pressupostos né, **do não cumprimento desses sacramentos que eu sei que são importantes**, bem importantes pra a pratica religiosa, mas por outros motivos também, e ai, enfim, uma coisa bem filosófica, bem teórica, que tem a ver com cânones, com os próprios dogmas católicos que **muitos eu questiono** né, que a medida que você vai crescendo, lendo se informando **você vai perdendo crença em certos dogmas e cânones católicos**, porque eu acho que além dessa questão do sacramento, uma questão litúrgica também, de ler textos, discutir oração etc, **a prática religiosa pressupõe a crença obviamente naquilo que é estrutura da religião**, então são os dogmas, os cânones, e eu acho que a prática decorrente disso, que é a coisa da fé em ação né, ou seja, a ideia de paróquia por exemplo da Igreja católica que na minha cidade eu vivia que era essa coisa de participar dos eventos, participar dos sacramentos, **mas ter também uma atitude católica no seu dia a dia**, ou seja, de ajuda ao próximo, seguir os ensinamentos né, cristãos, então a ideia de comunidade, de paróquia, **é ai que se completa a pratica religiosa**, não adianta você estar dentro da igreja, rezando, orando, mas você tem que agir fora dela de acordo com isso que você aprendeu lá dentro”. – Carla*

Nas falas apresentadas acima a maior diferença que parece emergir entre os católicos praticantes e os não praticantes é a total crença ou o decréscimo da crença na religião, que acabam implicando na discordância para com as regras e os dogmas, o que significa, na prática, a dispensa dessas regras e dogmas para se viver a religião. Isso se evidencia na fala de Augusta quando diz que tem “todas as dúvidas e na verdade” acredita muito pouco no que está escrito na Bíblia. Na visão dos entrevistados, essa crença na religião por parte dos praticantes é o que parece fazer com que eles cumpram os ritos, que frequentem a missa, por exemplo. Já para Rodrigo é o maior contato com a sua espiritualidade que marca a prática católica. É interessante notar que aqui a espiritualidade não denota somente o contato com uma verdade subjetiva (como foi colocado no capítulo anterior), mas tem a ver também com a crença no sobrenatural (ou seja, em admitir que o sobrenatural é verdadeiro, para além do que se acredita ou experiencia). Para Rodrigo a constância das práticas permite que o acesso ao sobrenatural se facilite por conta da frequência que se busca ele, ou seja, as práticas aumentam a crença, o que implica que a crença exista. Já para o católico não praticante não há certeza de que a crença exista

completamente, ou seja, que se concorde com o que é colocado pela Igreja, e, por isso, a frequência das práticas tende a cair.

Cristine, por sua vez, nos remete novamente a questão da socialização levantada no primeiro capítulo ao indicar que se entendeu não praticante por conta da sua avó que era praticante. O entendimento de si como não praticante só pode se dar dentro de uma relação e é justamente essa relação entre o praticante e o não praticante que busco evidenciar neste trabalho. Cristine retoma ainda a ideia de que a Igreja é um meio e não um fim ao nos dizer, por exemplo, que ela tem os mesmos ideais, ela tem a fé cristã, apenas não pratica as doutrinas que “eles exigem”. No fundo o que está sendo dito é que ela dispensa as doutrinas para vivenciar a religião, a sua crença é suficiente para trabalhar a sua fé. Quem nos fala isso com todas as letras é Marcos ao colocar que não está preocupado “com as regras deles”, que na sua visão seria o casamento para procriação, por exemplo, a necessidade de se batizar os filhos, entre outras questões. Ele conta ainda que na visão de sua esposa a única coisa que sobra religiosamente para ele é a crença em Deus.

Já na equação proposta por Carla, a falta de prática leva a falta de crença. Ao mesmo tempo ela enxerga (assim como Ezequiel) que a prática se concretiza no dia a dia, não apenas nos ritos, mas nas atitudes que se tem para com os outros cotidianamente, em vivenciar os valores e ensinamentos do catolicismo.

É interessante notar ainda que oito dos 11 entrevistados acreditam ser menos católicos que os católicos praticantes, o que se dá justamente pela descrença e discordância de dogmas e regras religiosas, que leva a dispensa da instituição para se acessar a religião e, conseqüentemente, à ausência desses indivíduos nos espaços físicos religiosos. Ou seja, como já trazido antes, as falas desta seção evidenciam ainda melhor que a manutenção da espiritualidade dispensa a autoridade religiosa que aqui se traduzem em regras e dogmas.

Católicos praticantes

Observemos a seguir o que pensam os entrevistados acerca dos católicos praticantes:

“Ah que acredita em Deus, que acredita em Jesus Cristo, que acredita numa narrativa de como alguns fatos aconteceram, sabe que eu não penso muito nisso (risos). Não faço nenhuma valoração como positiva ou

negativa. O meu marido mesmo ele transita mesmo entre ser cristão e ateu, eu não tenho nenhum problema com isso, não me incomoda. É, eu acho que pode ser muita coisa, entendeu? Acho que pode ser tanto alguém como eu ou como minha avó era, tava lá na Igreja, todo dia conversava com o padre, participava, acendia vela, então eu acho que assim, hoje em dia pelo menos não necessariamente isso quer dizer que é uma pessoa boa, porque, tem muitas gente que usa a religião hoje até pra fazer coisas que eu julgo ruins, então, pra mim ficar, **só dizer assim “eu sou católico” é muito vago, porque pode ser muita coisa, entendeu.**”- Ana

“Que ela foi **batizada** na Igreja, teve uma **criação** católica, e talvez frequente a Igreja”. – Rafael

“Eu posso tar sendo meio pedante né, mas eu acho que **eu pratico o catolicismo muito mais que algumas pessoas que tão lá todo domingo**, conheço pessoas que vão lá, fazem coisas moralmente questionáveis, mas tão lá todo domingo, e eu tô aqui, respeitando as pessoas com quem eu convivo, cuidando das pessoas que eu amo... e tem muita gente mesmo (risos) que, é meio naquele sentido, pedir perdão pelo tanto de coisa errada que eu faço. Isso eu acho péssimo, acho que se você quer ser de alguma religião, não tem que ser só baseado no perdão né, cê tem que basear sua vida no que aquela religião tá te proporcionando né, **de ensinamentos**, então realmente eu posso tar me olhando de cima nesse sentido, mas sei lá, eu vejo muita gente fazendo isso”. – Ezequiel

“Eu acho que é assim, **vai à missa, pra mim vem primeiro essa ideia**, de ir a missa... e pra mim quando alguém fala que é católico me vem sempre uma coisa muito familiar assim sabe, que eu acho que é uma coisa muito comum no nosso país. Quando alguém me fala que é católico **eu não imagino que a pessoa escolheu ser católica**, entendeu? Que a pessoa tava lá um dia e falou “hmm, vou ali na Igreja católica” **eu tenho a impressão que é uma coisa sempre passada**, que veio da família e tudo ne”. – Amanda

“**É ir pra missa!** É, o católico que não vai pra missa não é um católico praticante. Não é o que eu acho, é a voz que eu cresci ouvindo né, que tipo de católica é você que não vai à missa? Não, não era isso que eu ouvia não... você precisa ir a missa se não você não vai pra o céu. (...) Sim, eu acho. Eu acho porque eu cresci ouvindo isso, né assim, que a importância de ir à missa, a hora mais importante da semana era essa, cresci ouvindo isso. Aí eu acho que por não frequentar a missa eu não sou tão católica quanto os outros.”. – Luciana

“Quando a pessoa me fala que é católica eu entendo que ela segue as praticas católicas ou não (risos), mas enfim, se ela seguir seriam as práticas católicas. (...) Ah, que ela acredita em Deus, que ela vai a Igreja, que ela conhece os mandamentos, que ela, enfim, isso tudo que cerca né...”- Rodrigo

“Não precisa acreditar em tudo, **mas o suficiente pra você seguir a doutrina**, digamos assim. De falar, ah, o costume é fazer isso, eu vou fazer isso não porque eu acho que tem que fazer, mas porque eu acho que é o certo, por exemplo, né, na semana santa a questão da carne, é

um detalhe assim, nem todo mundo cumpre, mas o fato de você achar que deva ter que fazer isso por estar escrito na bíblia, aí eu acho que você mostra que já tá um passinho além de você ter só fé né. (...) Que é praticante, que vai as missas, que crê em um deus, que é o deus católico, que segue ainda os dogmas, não necessariamente todos, mas alguns, e eu penso que de certo ponto é uma pessoa conservadora, dos bons costumes digamos assim”. – João

“Eu parto do pressuposto que é como eu, que foi batizado católico. Se ele fala assim, eu sou católico e pratico, sou fervoroso, aí eu entendo que ele é o católico praticante, aquele católico que tem vivido com a Igreja e tal...” – Carla

Ana retoma a ideia de que existem níveis de catolicismo, e expressa consciência sobre isso ao dizer que “pode ser muita coisa”. Essa consciência também fica explícita com Rafael quando ele diz que o católico praticante talvez frequente a Igreja, mas que o seu pressuposto é ter sido batizado e ter tido uma criação católica. Com exceção de Ezequiel, (que se diz mais praticante do que os católicos que vão à missa por pôr em prática cotidianamente ensinamentos católicos) no geral a visão que fica dos católicos praticantes pelo relato dos nossos entrevistados a partir desta questão e da anterior (das diferenças entre ambos) é que eles conhecem e acreditam no que está escrito na Bíblia, que seguem o que lhes é imposto, que não tem discordâncias ou falta de crença para com a Igreja, enfim, que estão inteirados da essência do catolicismo, sendo esse, portanto, o nível mais alto do catolicismo nos indivíduos.

A identidade criada de si como católico não praticante parece ser fruto de uma negatização, um decréscimo desse ideal católico, que conhece a religião, acredita nela e a obedece. É como se fosse um jogo, o qual se inicia com 100 pontos e perdem-se os pontos à medida que se deixa de frequentar os ritos, acreditar na doutrina e obedecer a uma hierarquia eclesial, passando por uma escala na qual o último nível que denota pertencimento a religião é o católico não praticante. Amanda evidencia em sua fala uma situação repetitiva do catolicismo no Brasil, base para o entendimento desse “jogo”: pra ela a o catolicismo no Brasil é passado, não exatamente escolhido, e se concretiza enquanto escolha ao se verificar a frequência na missa, sendo este o católico praticante, algo “muito familiar”. Isso foi o que se passou com ela (e com todos os entrevistados, uma vez que foram todos batizados, ou seja, “receberam” a religião, esta foi “passada”), e muito provavelmente é o que será feito de seus filhos, já que ela nos contou que batizará os filhos

que tiver por conta de uma convenção sócio-familiar, assim como outros entrevistados também disseram que fariam.

No entendimento dos católicos não praticantes entrevistados, portanto, o cumprimento dos ritos implica a crença no sobrenatural colocada pela Igreja, e isso tira os católicos praticantes do aspecto apenas subjetivo da fé e da seleção de verdades (características dos católicos não praticantes), os coloca obedientes em relação a algo ou alguém. A ida constante a Igreja não é só uma ida a Igreja, mas denota todo esse processo de crença e obediência aqui explicadas, por isso que para Luciana, por exemplo, é tão natural que ser praticante signifique ir à missa, e nesse jogo de presença e crença o católico não praticante perde pontos, porque ele é apenas pertencente, ele não é crente, e é por não ser crente que não participa das práticas.

Católicos não praticantes

Vejamos agora o que os entrevistados entendem ser então um católico não praticante:

*“Eu nunca fui sempre entendeu, é que como a gente tinha aula na crisma, eu questionava algumas coisas que eram ditas ali, como eu também questionei quando eu fui fazer o curso pra casar né, curso de noivos, mas aí isso já não me incomodava porque eu já vejo de outra forma, **a religião como mais fluida, menos absoluta, radical e fechada**, então eu aceito melhor hoje essas minhas discordâncias com algo que me é apresentado”. – Ana*

“Eu não vou na Igreja todo domingo, que é uma coisa que os católicos fazem, assim, é uma rotina, então, a partir dali eu não pratico o catolicismo né, porque é como se fosse uma das primeiras regras”. – Cristine

*“Eu acho que cada vez menos eu falo “eu sou católica”, entendeu quando alguém me pergunta, acho que é muito mais tipo, quando alguém me pergunta assim “ah você é de qual religião?” ou eu falo “católica não praticante”, tipo, falo exatamente esse termo, que daí eu já acho que fica sub entendido né que tem essa coisa, **é a religião na qual eu fui criada mas eu não necessariamente exerço isso**, ou as vezes eu falo “ah, acredito em Deus”, tô de boa assim, eu acho que cada vez menos eu declaro dessa forma”. – Amanda*

*“Eu acho que mais ou menos a partir dessa época a mesmo da catequese, da... Eu nunca gostei de ir a Igreja, **me considero católico especialmente pela minha família, por acreditar em Deus** ou, da forma que os católicos colocam né, **mas eu nunca gostei de Igreja em si**, entende, de ir a Igreja, assistir missa, quer dizer, de ir a Igreja por turismo sim, pra ver a Igreja e tal, mas missa nunca gostei né, então... pra mim eu sempre fui um católico não praticante por isso né... **fiz a***

*primeira comunhão mais em função da minha mãe do que escolha minha né, então desde sempre eu considero que sou um católico não praticante. (...) Eu espero que elas entendam que eu acredito em Deus, mas quando eu falo que eu sou católico não praticante é que eu **acredito em deus, que acredito nos santos que a Igreja católica defende né, ou coloca, sei lá**, por exemplo, no, outras religiões não tem, ou não acreditam em santos né, algumas delas, é... então eu espero que as pessoas entendam isso, que eu sou uma pessoa que acredita em Deus, mas que eu não tenho costume de ir a Igreja, que **eu não tenho preocupação de seguir aquilo que a Igreja católica determina.**”- Marcos*

*“Quando eu falo que sou católico não praticante né? Antigamente eu esperava que, ah, foi batizada pelo menos, hoje eu já acho que não, a pessoa já pode achar assim que, ah, **esse cara pode, que eu possa ter alguns pensamentos desvirtuados assim**, o oposto do que eu penso. A mesma coisa só que do outro lado da moeda né. A pessoa pode falar, ih, esse cara aí é desvirtuado...”- João*

“Algumas pessoas discriminam quem não é praticante de alguma religião cristã, né. No meu trabalho existe um preconceito muito grande, com quem não lê a Bíblia, quem não é cristão”. - Luciana

“Que essa é a minha religião de base, fundamental assim, aonde eu nasci assim, a religião na qual eu nasci.

(...) Eu não acho necessário a intervenção ou a mediação de um padre pra o meu contato com Deus, né, eu acho que eu posso conseguir isso e por isso eu acho importante eu ter um ambiente e isso faz toda a diferença, que me propicie né, o relaxamento, a concentração a meditação, pra eu sair só meu plano terreno e chegar numa coisa mais metafísica, eu sinto necessidade de ambientes que propiciam, mas não sinto necessidade de alguém pra fazer essa intermediação, pelo contrário, me deixa mais inibida, mais desconfortável, e são coisas que a Igreja define né...

(...)se eu tenho que fazer um exame de consciência eu faço sozinha, nesse aspecto sou bem luterana assim, sabe eu, não sinto necessidade do padre pra intermediar minhas conversas com deus,

(...) Muitas vezes aquilo que tá no evangelho se encaixa na minha vida, mas vai se encaixar dependendo da interpretação que o padre faz, e muitos não fazem, aí eu falo, ah não é isso que eu vim ouvir.”. - Carla

“É justamente por ser um fiel da balança ali, se a Igreja católica batesse de frente com todo fiel que desrespeita as suas regras de maneira... tipo “ah você desrespeita isso então não venha mais aqui” ela simplesmente ia perder fieis, simples, ela tem que se adequar, então, é mais fácil, por isso que eu tenho minhas restrições a Igreja, em si, porque é mais fácil você fazer desse jeito, criar um forte sentimento quanto aos ritos né, criar uma forte vinculação que é ser fiel aos ritos e não ao comportamento, não tão forte ao comportamento, apesar de ter um direcionamento, se você só bater em cima do comportamento eu acho que enfraquece a Igreja porque você vai começar a perder fiel, vai

começar a perder expressão na sociedade, então, ela bate mais forte nos ritos por isso, porque é o que é mais fácil de colocar nas pessoas, é mais fácil de colocar no costume das pessoas, mas eu acho que a intenção seria ir atrás da essência, mas eu acho que ela não consegue, ela percebe isso, então, ela joga com o que dá né”. - Ezequiel

Luciana e João tem noção de que são contrapostos a um ideal católico quando se identificam como não praticantes, por isso tem medo de serem vistos como “desvirtuados”, de sofrerem preconceito, como Luciana coloca. É esperado que essa classificação implique para eles pelo menos em respeito. Para Ana as discordâncias que existem para com a Igreja não são grandes problemas, uma vez que hoje ela entende que a religião é “fluida, menos absoluta, radical e fechada”. Nessa fala, nos remete a um ponto do capítulo anterior: ela irá escolher as suas verdades, tudo aquilo que não couber no que ela acredita ou discorda, não necessariamente irá mudar, apenas será ignorado por ela. A Igreja é fluida nesse sentido: porque não vai interferir nesse processo de seleção das verdades.

Ezequiel deixa bem marcado esse processo em sua fala quando diz que a Igreja “tem que se adequar”, caso contrário “ela simplesmente ia perder fiéis, simples”. Na sua visão o católico praticante é visto como aquele que vai a Igreja porque esta não consegue controlar os pensamentos e as atitudes das pessoas fora deste local, deixando assim pessoas que são muito crentes, que vivem os ensinamentos cristãos cotidianamente injustamente em um nível mais baixo de aderência perante a Igreja e a sociedade. É uma visão diferente do que todos os outros entrevistados trouxeram, mas ao mesmo tempo é parecida, no sentido de que é uma visão que dispensa a Instituição. Assim como Ezequiel, Carla não sente necessidade de um padre para intermediar suas conversas com Deus, nesse sentido ela se diz “bem luterana”. O que sobra da dispensa dessa autoridade eclesial é a religiosidade interna e subjetiva, que foge da religião católica em si, usando-a apenas como uma base, um meio, para se fazer a conexão com o sobrenatural desejada, o fim.

A fala de Amanda, Marcos e Carla reforça o que está sendo proposto no presente trabalho: o catolicismo é a religião em que ela foi criada, e esse é o seu vínculo com essa religião, mas isso não quer dizer que a prática atual aconteça. A identificação como “católico não praticante”, portanto, tem a capacidade de significar um passado, criar a noção no locutário de que o locutor foi socializado no catolicismo, e que essa realidade ainda existe nele por conta disso, mas não tem mais força no seu presente cotidiano.

O que podemos observar da diferenciação entre o catolicismo praticante e o não praticante desde a perspectiva dos católicos não praticantes entrevistados é que a prática está ligada ao conceito de religião desenvolvido no capítulo passado, ou seja, obediência de regras e normas e entendimento e aceitação da doutrina católica. Já os católicos não praticantes estão ligados à noção de espiritualidade desenvolvida no capítulo anterior, ou seja, conexão com algo íntimo, subjetivo, por vezes discordante da doutrina colocada. No cotidiano, a prática católica está ligada com a submissão a uma regra, a uma autoridade, a um livro: os seus entendimentos são pessoais, e as figuras hierárquicas da Igreja existem para ajudar, e não para mandar nos indivíduos. Para trabalhar melhor esse entendimento, vejamos o que os entrevistados entendem ser aquele que seria a maior autoridade da Igreja Católica: Deus.

Deus

Compreender o que os entrevistados entendem como Deus é também conhecer um pouco de seu processo na Igreja, uma vez que esse grande conceito abstrato existe no entendimento individual, entre outros aspectos, também a partir de pequenos e concretos exemplos de autoridade religiosa que foram passando na vida dos indivíduos. Ou seja, de alguma forma o entendimento do que é, ou mesmo se existe um Deus, pode nos remeter a relação desses indivíduos com autoridades religiosas, como padres. Vejamos a seguir, portanto, alguns de seus depoimentos quando questionados acerca da existência e da forma de Deus:

“Não sei... não sei se eu acredito em Deus... Eu acredito que possa existir uma força, alguma coisa no Universo... não sei eu, às vezes eu, paro pra agradecer sabe, pelo que eu tenho, mas eu não sei se eu acredito em Deus, não.. não... não sei, as vezes eu acredito que tudo foi uma explosão que teve lá, o Big Bang, não sei o que, nasceu os homens, nasceu... mas não sei assim, se Deus... mas acredito sim que possa existir uma energia, uma coisa, mas é que assim eu nunca me aprofundei também em nenhuma religião, pra saber os outros pontos dos outros, quem sabe um dia se eu me aprofundar em outra religião, eu, acredite... mas hoje em dia assim eu não sei acredito num Deus. (...) Não... a fez em 7 dias, o mundo, Deus, tem o filho Jesus... enfim, não sei, não...”- Augusta

“Olha eu acredito, mas ele não é tão definido quanto as religiões tentam representar ao meu ver né, que também eu acredito muito na ciência, e aí as vezes entra em conflito né, então, eu acredito sim que existe uma força maior, uma intencionalidade maior, um propósito pra todo mundo aqui nesse mundo, mas eu não acredito que o homem foi criado como a Igreja

conta, não acredito que a mulher surgiu como a Igreja conta, isso eu não acredito, **então assim tem um limite né**, eu tenho uma fé, mas não sei nem qual a diferença na nomenclatura, mas eu tenho a fé nisso, em deus, realmente uma entidade maior, imaterial, que é permanente, que tá acima de tudo mesmo, mas que não é exatamente como as histórias da religião são contadas, não pra mim”. - Ana

“Acredito em Deus, e... como ele é pra mim? Eu não sei como ele é, eu acho que ele não é nada do que a gente acha que ele é. **Acho que não é um ser que toma decisões e faz coisas**, não sei... nem pra o bem nem pra o mal... não sei acho que deus é uma coisa mais... não é uma coisa, mas é o que tá em todas as coisas, tá em mim, tá m você, tá nas plantas, nos animais, como uma espécie de, não sei se energia, alguma coisa que existe, que tá la, que eu sinto a presença, as vezes, mas que não é nada do que a gente acha que é”. – Rafael

“Não, de forma alguma. Não acredito que Deus seja o único Deus, e ele é católico e se você não é católico... ou seja, você vai pra o inferno... tem até algumas vertentes do protestantismo aí que são assim né, e até o católico **antigamente** né. Se você não é católico você vai pra o inferno... Não acredito de forma alguma nisso... Eu acho que deus, ele é deus pra todo mundo, até pra quem não quer, pra quem não acha que ele exista ele continua sendo deus, **e não sei se deus é uma imagem e semelhança do homem**, enfim, é uma energia... isso eu não sei. Eu acho até que não seja nada de homem, acho que **é muita prepotência nossa achar que deus é a imagem e semelhança nossa né**, e não de um animal... ou que ele tenha a imagem e semelhança de alguma coisa, eu acho que ele não tem a imagem e semelhança de nada ne(risos). Ele, **talvez seja uma energia né... algo como eu senti**”. – Rodrigo

“É, mas eu acredito que ele seja maior em questão **de ser amor sabe**, pra mim Deus é amor, eu acho que é isso, eu não personifico Deus, personifico Jesus Cristo, né, que ele veio, mandado, falam que é a mesma coisa né, Deus e Jesus, são o mesmo, **mas é assim que eu vejo Deus**”. – Cristine

“Nesse sentido, puxando um pouco pra o lado católico, entre o velho e o novo testamento eu acho que ele tá no meio mesmo, ele umas horas, ele é mais, é um deus que é o amor e tudo mais, é só isso que ele prega, mas em outras eu acho ele ensina através de um sentido mais forte, de imposições, de castigo mesmo talvez, então acho que enxergo ele dessa maneira né, hoje”. – Ezequiel

“Acredito em Deus como sendo alguma espécie de força ou de poder que acaba controlando e definindo as coisas que a gente racionalmente não consegue controlar né, mas alguma coisa em função de definir o que que vai acontecer com a sua vida a partir das suas escolhas, **e não que define as escolhas que você deve fazer**. Acredito que existe essa força de Deus que vai direcionando a sua vida a partir daquilo que você vai fazendo. Não acredito que exista uma força que defina o que que eu tenho que fazer, que é a minha... vamos dizer assim, **o que me afasta da Igreja ne, de ela querer decidir o que que eu tenho que fazer**”. – Marcos

Marina: *Você acredita em Deus?*

Luciana: *Às vezes... na grande maioria das vezes sim.*

Marina: *Às vezes não?*

Luciana: *É, às vezes a gente passa assim por períodos de dívida.*

Marina: *Como é esse Deus pra você? Ele tem um formato católico? Como é?*

Luciana: *Não, não tem não... Hoje, tendo consciência que existem outras religiões né, a diversidade religiosa, não especificamente o formato católico não, deve ser não sei... uma pessoa muito bondosa né, que tem poderes sobre todas as coisas, mas católico não. Antes eu tinha certeza que era um senhorzinho de barbas brancas, mas hoje... não é católico, Deus não é católico, não”.*

*“Então eu falo que a **minha relação com Deus é de tapas e beijos** assim. Eu tenho momento de bastante, eu sou bastante crédula assim, de um deus mesmo, e momentos de vazio completo, ainda hoje. **Eu oscilo muito, muito mesmo, vai e vem.** Eu gostaria de ter uma fé cega e acreditar piamente, a minha mãe, por exemplo, é assim, mas você fica tentando entender, racionalizar uma coisa que não é racionalizável, mas é um vício de mente, dessa mente inquieta, que fica buscando entender as coisas da vida inteira, do mundo inteiro e do mundo além deste que a gente enxerga né, que é através das coisas que você sente, coisas estranhas que acontecem, que você percebe e diz, não mas tem que ter alguma coisa além disso não é possível. Eu acredito de fato que chega um momento que a nossa inteligência não vai e algumas coisas que você vê acontecer, tanto para o bem quanto para o mal, então **coisas ruins que acontecem me fazem descrer que deus existe**, pelo menos esse deus que a igreja católica pregou, que é um deus justo, um deus bondoso, deus que perdoa, e você vê tanta injustiça e fala, onde é que tá esse deus? (...) Às vezes eu acredito, às vezes eu desacredito completamente, atualmente **eu tô numa fase assim crédula**, mas já tive fases bem assim de descrença... é difícil assim, não é fácil lidar com isso (...) **o formato católico é um Deus que eu não gosto, especialmente o do velho testamento, é um Deus rancoroso, é um deus vingativo, e eu não acho que deus, pelo menos eu não quero esse deus pra mim, se ele existe eu quero ficar longe dele, eu quero sim o Deus de perdão, de compreensão, de misericórdia, de compaixão, de amor**, mas o deus do velho testamento, ele é um deus muito... sabe, sei lá, tirano, eu não acho que o deus, quando eu estou acreditando ele não se aproxima definitivamente daquilo não.”. – Carla*

*“Então como eu te falei na outra questão, **acredito em energia**. Mas acho que sim, não acho que existe uma personificação, por exemplo, uma pessoa né, algo mais metafísico, algo superior” – João*

Augusta não acredita na história católica que apresenta o Deus sobrenatural, a história bíblica que coloca a confecção do mundo por esse Deus em sete dias, mas ela crê

em uma energia. Aqui fica marcado o aspecto secular discutido no capítulo anterior e esse aspecto vai perpassar por muitos dos depoimentos, como o de Ana, que diz ter fé em um Deus “imaterial, permanente”, mas que “tem um limite” quando se trata, por exemplo, do surgimento da mulher (mesma linha de raciocínio de Augusta): o limite são as descobertas científicas. Ou seja, à Deus não cabe mais explicar o mundo, ele foi dispensado dessa missão a partir da ascensão da ciência. Dentro da espiritualidade ele é energia, e serve para auxiliar na vida cotidiana dos indivíduos, na paz psicológica destes. Como já colocado no capítulo anterior, a ciência contribuiu para a queda da autoridade religiosa, o que fica mais explícito nesse capítulo.

Na visão de Bruce (2011), a autoridade tradicional partia de uma divisão clara entre o criador (Deus) e as pessoas criadas. Mas a secularidade rejeita essa divisão, ela rejeita, sobretudo, histórias mitológicas, histórias das quais a racionalidade pode duvidar. Para Bruce (2011), em uma sociedade secularizada a essência do sagrado está em nós, de modo que a autoridade se encontra dentro de nós mesmos também. Não faz sentido mais uma divisão sobrenatural. A espiritualidade é o que permite alcançar o sagrado dentro de si, de modo que só nós podemos ter autoridade dos nossos atos, cabendo a nós mesmo uma autocoação sobre eles. Já não há mais o consenso sobre a religião, de modo que o que prevalece no comportamento é a minha preferência e entendimentos pessoais, é a dispensa de uma autoridade externa (BRUCE, 2011).

Nesta seção se evidencia esse processo proposto por Bruce (2011): as discordâncias com os dogmas são principalmente aquelas que remetem a um pensamento mitológico, como o homem ser a imagem e semelhança de Deus, a mulher ter sido criada a partir da costela de Adão, o mundo ter sido criado em sete dias. No caso de Rodrigo ele reitera essa discordância e coloca a hipótese de que Deus talvez seja uma energia, “algo como” ele sentiu, mostrando assim como pesa muito para ele o episódio com a sua filha, pois ele liga a essência de Deus com essa experiência pessoal. O interessante ao longo das respostas é observar como se tem a clara ideia de que Deus se coloca como um entendimento pessoal, sem que haja um consenso, uma explicação religiosa para esse Deus: a opinião a seu respeito é muito pessoal.

No geral, com exceção de Ezequiel, Deus aparece para os entrevistados como uma energia do bem, algo que circula este mundo para fazer o bem para os que aqui habitam,

guiar aos homens no melhor caminho que possa existir para eles. No fundo está sendo solicitado outra vez um bem estar psicológico, uma força sobrenatural que possa auxiliar na vida como um todo para o melhor dos indivíduos, deixando-os mais tranquilos ao saber que há algo maior que os conduzirá para o bem e para a melhor escolha em suas vidas. Quando esse Deus se afasta do bem, ou seja, quando não gera bem estar psicológico, surgem dúvidas em relação a sua existência, como coloca Luciana e Carla, que tem uma relação de “tapas e beijos” com Deus.

Apesar de não ter sido dito por todos, há na fala de Marcos uma ideia que parece estar presente no que os outros entrevistados pensam de Deus: ele não é um ser que manda, ele é uma energia que acolhe, tudo aquilo que é imposição, castigo e penitencia afasta os católicos não praticantes da Igreja. Essa percepção reflete como os entrevistados entendem a autoridade eclesial como um todo, como comentado no início desta seção: ela precisa existir para amparar, acolher e não julgar e castigar.

Por fim, evidencio um último ponto que também não foi explicitamente dito por todos, mas que parece ser consenso entre os entrevistados: é a ideia colocada por Luciana de que “Deus não é católico não”, expressando assim consciência em relação à pluralidade religiosa existente no mundo e da relatividade da verdade de todas, inclusive daquela que ela elegeu como verdade. Como colocado por Pierucci (1997), a secularização é um processo irreversível, e a noção de verdade relativa é uma de suas consequências, embasada, sobretudo, no pluralismo religioso, na competição da Igreja Católica não só com outras religiões, mas também com outras instituições. Para Bruce (2011) há uma queda de Deus no mundo secular, ou seja, a noção de um Deus externo declina, e não a religião em si (o sobrenatural), essa se fortalece pela espiritualidade desenvolvida individualmente que visa ao bem psicológico. O paradigma da secularização não é sobre a queda da religião, mas sobre a queda de Deus (BRUCE, 2011).

Frequência em outras religiões

Nesta seção falarei brevemente acerca da passagem dos entrevistados em outras religiões, uma vez que no geral não existe ou existiu essa passagem. Apesar de os entrevistados já terem ido uma ou outra vez em uma outra religião, esse não é um ponto

para eles, não há prática frequente em outras religiões ou conhecimento básico de nenhuma outra que não o catolicismo. Observemos os depoimentos em relação a isso:

*“É outra questão, eu já visitei, ou pelo menos fui ver qual é a conversa em outros ambientes de religião tipo espiritismo, tipo budismo, e aí um amigo meu que é espírita falou “ah, não se preocupe” eu falei, tem algum problema... eu vir aqui? “Nenhum, **aqui tá cheio de espiritólicos**”, e eu achei muito interessante, e ele disse que exatamente são pessoas espíritas que eventualmente frequentam alguns eventos da religião católica e vice e versa. (...) Então essa coisa de você buscar, significa que tá faltando né, alguma coisa na sua religião, pelo menos pra mim pra isso, e eu realmente sinto muita falta como eu te falei de um eco, na parte mais importante, as missas seriam aquele espaço de você ouvir a palavra, de você fazer as reflexões, tal e tal. **Só que eu sinto muita falta de padres que aproximem e contextualizem o que tá nos evangelhos com a minha realidade.** O que que eu vejo via de regra é o padre tratando as pessoas ali como se fossem analfabetos funcionais sabe, ele lê o evangelho e depois explica a mesma coisa com as palavras dele, ou seja, ele não tá contextualizando, **ele não tá trazendo pra o seu mundo, pra sua realidade,** ele tá só contando a mesma história que eu mesma posso ler, então, sabe, esse tipo de coisa me afasta da Igreja, e aí, eu fico procurando, tanto quanto eu encontro um padre bacana assim, aí eu começo a ir mais a missa, **sempre que eu tô sentindo ne, alguma necessidade, né, espiritual,** eu vou nesses espaços, então já identifiquei alguns padres de algumas paróquias que eu acho que eles fazem melhor esse trabalho. Aí né, é uma crítica, mas não sei se pela formação do padre, ou enfim, não sei, porque há muitas diferenças, há muitas diferenças. Por exemplo, no espiritismo é muito bacana, eu acho interessante porque as pessoas que palestram são pessoas como nós que tem as mesmas dúvidas que nós sabe, e é outra coisa né, a Igreja católica coloca lá um padre que é celibatário, ele não tem família, como que ele vai entender o meu problema com o meu marido com meus filhos? Muito difícil né, aí então, não devia ser, supostamente não deveria ser, eles estudam filosofia, psicologia, se aproximam das famílias nas comunidades, mas **uma coisa é você ver a experiência do outro, outra coisa é você sentir né, na própria pele.** Então assim, **tem esses dogmas, nos quais eu deixei de acreditar, enfim, nem sei se alguma época eu acreditei de fato,** e coisas que **me afastam da própria prática,** de como a Igreja Católica conduz os seus fiéis, **da forma como ela espera que os seus fiéis se comportem né”.** – Carla.*

*“Já fui no espiritismo uma época, que eu tava ruim, tava com ansiedade, enfim, e eu achava muito bom, aquilo me fazia muito bem, mas... depois que eu engravidei do Júnior (seu filho) eu comecei a fazer o cursinho pra o concurso, então era de noite quando eu ia e aí parei de ir, então, ia estudava de manhã de tarde e de noite e não consegui mais ir, mas eu gostava bastante, **achava muito mais fundamento no que eles falavam do que no que a Igreja diz né.** (...)Tipo eu nunca tive contato com outra religião, **nunca fui a fundo,** então, sempre e digo que me considero católica, ou católica não praticante porque eu não, **foi a única religião que eu fui inserida... mas hoje não faz mais sentido pra mim”.** – Augusta*

*“Eu era bem pequeno, lembro mais como uma criança né do rito e tal, do ritual que eles faziam, mas só. (...) **Achei estranha... achei legal que tinha muita comida, mas achei estranha**, mas só, nada de mais assim... Não fiquei assustado, não fiquei nada. E ai eu lembro que **ele me deu um santo lá dele**, que ele falou que era o meu santo, que era o santo não sei o que da saúde e tal, só assim, mas eu me interessava... quando você pensava em alguma questão espiritual religiosa, você acabava se apegando a esse tipo de coisa né, então assim eu pensava também nesse santo né, acho que ela Omulu abaluaê, e ai assim eu até pensava e tal, **assim como pensava nos católicos ne, em Deus em Jesus, em Maria, enfim, santa Maria**”.- Rodrigo*

“Eu fui budista uma época, frequentei o centro espírita, fui algumas vezes no centro espírita, e, já fui batizado também numa Igreja evangélica, não sei bem o que era quilo que eles tavam fazendo (risos), fui uma vez e o pastor já me olhou “você é novo aqui, vem aqui, aceita Jesus?” eu “aceito” (risos), então já fui nesses 4 lugares eu acho assim, de memória, também fui batizado no budismo, já fui batizado em um monte de lugar”.- Ezequiel

Chama atenção do depoimento de Carla o termo “espiritólico” que evidencia o sincretismo religioso do Brasil, apesar de não ser o foco deste trabalho, é interessante observar como as questões se cruzam, por mais que estejamos tentando estudar uma variável isolada. Ainda em seu depoimento se evidencia um descontentamento com a formação dos padres que não trazem muito para o mundo dela o que a religião coloca, “para a realidade”, enfatizando que a realidade é aqui, e não o sobrenatural, o além mundo. Além disso, para ela, pela vida que levam os padres dificilmente conseguirão compreender os problemas das pessoas porque estão afastados dos problemas cotidianos, e é essa falta que faz com que ela esporadicamente busque outra religião, como já o fez com o espiritismo.

Já Augusta, por mais que tenha frequentado por vontade própria o espiritismo durante um tempo, coloca que nunca foi a fundo em outra religião. Aqui se evidencia o que foi discutido no capítulo dois: na realidade ela também não chegou a ir a fundo no catolicismo, mas ela conhece seus rituais e tem familiaridade com seus termos específicos. Ou seja, “não ir a fundo” em outra religião significa não chegar a se familiarizar com este, ainda que considerasse o espiritismo “mais fundamentado”.

Já Rodrigo foi apenas uma vez, e quando era muito pequeno, ainda assim se lembra até hoje do “santo” que foi dado a ele. O que é interessante notar aqui é como o catolicismo molda o entendimento de outras religiões: uma figura sobrenatural é

identificada como um santo, por mais que para as religiões de matriz africana seja um orixá, que não tem nada a ver com o que é um santo da Igreja Católica. Esse processo de socialização dos termos católicos e do catolicismo no indivíduo, evidenciado no segundo capítulo, foi essencial para ele compreender outra religião: aprendido o catolicismo, as outras religiões são colocadas em função desta, e aqui o catolicismo ganha força. Como colocado por Moreira e Sofiati (2018), no Brasil, mais do que uma religião, o catolicismo é uma cultura.

No geral os entrevistados tiveram uma passagem ou outra por outras religiões, mas nada que fosse significativo. Para além dos depoimentos acima expostos, Rafael foi uma vez à Igreja evangélica e conta que a gritaria o incomodou, Cristine conta que foi ao centro espírita uma vez e que a cerimônia lhe gerou um certo estranhamento, Amanda conta ter ido uma vez ao budismo, a convite de sua colega de casa. Ou seja, não parece haver uma busca por outras religiões. Pela amostra presente o que se verifica é que isso não é uma questão para os católicos não praticantes. Uma “necessidade espiritual” pode leva-los a frequentar esporadicamente outro lugar, mas nada que dispute o pódio com o catolicismo, religião familiar para eles.

Concluindo...

Neste capítulo poucas informações novas foram agregadas acerca dos católicos não praticantes. As falas trazidas aqui reforçam muito mais o que havia sido colocado nos dois capítulos anteriores: uma individualização do conhecimento e da vivência religiosa, traduzidas por espiritualidade. A novidade deste capítulo foi a análise da base deste comportamento, ligado a secularização do mundo: a dispensa da autoridade, a recusa aos dogmas e às regras, às punições e taxaões. A religião deve ser livre em todas as suas escolhas, e o aparelho eclesiástico deve existir apenas para acolher o indivíduo, dar suporte a ele principalmente em seus momentos difíceis, ou seja, estabiliza-los psicologicamente. A seguir apresento algumas características que foram adicionadas aos católicos não praticantes neste capítulo:

1. Os valores católicos conhecidos estão ligados à organização do mundo terreno;
2. Há o entendimento de que a sua fé é “rala”, e que o limite desta está nas histórias bíblicas que contradizem a ciência;

3. A descrença em regras e dogmas faz com que os indivíduos discordem destes, e acabem por dispensá-los para viver a religião a sua maneira;
4. A religião católica e a Instituição Igreja são apenas um meio para se vivenciar a religiosidade, não são um fim em si mesmos;
5. Deus é o bem, a crença nele diminui quando ele se torna o castigo, assim como também se afastam das autoridades eclesiais quando isso acontece;
6. Não há frequência, conhecimento ou interesse em ir “mais a fundo” em outras religiões.

Todas essas características evidenciam uma forma secular de se viver a religião e a individualidade que a secularidade gera. Sem obedecer a algo exterior, a religião fica limitada a uma ação individualista, pois sem um entendimento comum ela não pode promover uma ação comum. Na modernidade, essas novas formas de se vivenciar a religião reforçam, portanto, a secularização, e quanto mais a religião se torna uma questão de escolha, mais difícil se torna definir as suas fronteiras (BRUCE, 2011)

Bruce (2011) nos ajuda a ler esse contexto ao colocar que a autoridade não se faz mais plausível diante das características da modernidade: a racionalidade, a tecnologia, a burocratização, a ciência, etc. A espiritualidade é, portanto, uma forma subjetiva de se vivenciar o sagrado, e enfatiza uma autoridade interior, dispensando assim qualquer artifício que dispense a sua racionalidade. A autoridade eclesiástica é dispensada justamente porque a autoridade interna de entendimento próprio é constantemente reafirmada nos indivíduos, como é de se esperar em um mundo secularizado, que prioriza a racionalidade e o entendimento próprios, buscando a religião para aquilo que desestabiliza o indivíduo, para a reordenação interna deste.

Conclusão

Neste trabalho buscou-se demonstrar por meio de um grupo composto de 11 católicos não praticantes algo já discutido pela literatura (PIERUCCI, 1997; BRUCE, 2011; BERGER, 1985): a ideia de que secularização não diz respeito somente à diminuição e desaparecimento da religião em espaços seculares e instituições da modernidade, mas à própria adaptação da religião a essas instituições modernas e aos espaços secularizados. Buscou-se, portanto, identificar e entender as formas de reprodução desses aspectos seculares dentro do próprio catolicismo a partir dos católicos não praticantes, evidenciando o que Moreira e Sofiati (2018) colocam: o que declina é a Instituição religiosa e não a religião em si. A religião terá outros desdobramentos e repercussões na sociedade secular, como a particularizada interpretação do significado das práticas religiosas.

A crença na ciência como verdade fundamental reorganiza a forma da Igreja de lidar com os fiéis, adaptando-se cada vez mais às necessidades e circunstâncias mundanas. Não só a Igreja se seculariza nesse sentido, mas também a forma como o catolicismo é vivido fora da Igreja se torna cada vez mais secular pelos fiéis na medida em que estes adaptam cada vez mais o sobrenatural às necessidades individuais e problemas mundanos. Ou seja, os indivíduos adaptam a religião à secularidade na medida em que não pensam o sobrenatural como uma cobrança, mas sim como um apoio para este mundo. O principal achado deste trabalho que evidencia esse processo é a noção dos indivíduos de que estes possuem uma prática espiritual e a religião é deixada de lado, pois ela se traduz em cobrança, e não em apoio como a espiritualidade.

A participação em cerimônias e rituais católicos sem crença ou concordância com o que está sendo colocado também evidencia a secularização do catolicismo: a ressignificação do rito para o entendimento privado faz com que ele perca importância concretamente religiosa para o indivíduo, se tornando um rito de passagem de um momento importante da vida quando diz respeito ao batismo e ao casamento, por exemplo, e de apoio psíquico quando se trata de uma missa. Para a Igreja católica basta que a verdade católica exista como um pano de fundo de cerimônias para que a Instituição se fortaleça perante a sociedade, não importando muito o que pensa particularmente o indivíduo que dela participa.

Essa ressignificação particularizada dos ritos se evidencia nos entrevistados, por exemplo, quando eles colocam que não entendem que o batismo gerará uma filiação de seus filhos ao catolicismo, apesar de se sentirem filiados a este por conta desse rito. Quanto à Igreja, a sua adaptação ao mundo secular se nota ao proporcionar cursos de curta duração aos indivíduos que tenham objetivos específicos a realizar dentro da religião, como tornar-se padrinho ou casar-se, garantindo, ao final desse curso, os ritos básicos de iniciação católica necessários para se participar das cerimônias que se deseja.

Toda essa ressignificação dos ritos e espiritualidade tem como base a auto-suficiência religiosa, ou seja, o processo de socialização na infância dentro da religião católica, que gera no indivíduo o domínio de termos e ritos católicos, tudo isso visto como muito natural, ou seja, sem uma visão clara de como esse processo é fruto de uma construção longa e demorada. Esforço concentrado em um curto período se mostra suficiente para tornar a doutrina familiar, mas insuficiente para introjetá-la profundamente na consciência das pessoas, fazendo com que sejam ressignificados os seus ritos, mas conservado o seu rótulo.

Ao analisar esse processo de socialização religiosa no catolicismo, é interessante notar como ele se assemelha ao processo de colonização portuguesa em uma menor escala: dando alguma importância à cerimônia dos ritos, mas pouca importância ao conteúdo destes. As formas fundamentais da vida social, implantadas com grande participação da Igreja Católica, chegam aos tempos atuais, ainda que com enormes mudanças de conteúdo. Vale notar ainda que se no Brasil colônia o catolicismo era símbolo de civilidade e, portanto, de respeito social, no Brasil atual esse significante de respeito ainda existe, mesmo porque outras religiões acabam por serem significadas em função dele.

No primeiro capítulo deste trabalho foi discutida a introdução do catolicismo no Brasil no período colonial e como este processo gerou uma imposição da auto-declaração como “católico”, sendo esta uma questão de vida ou morte naquele período. Entretanto, a aderência ao catolicismo em quantidade foi feita às custas de sua baixa qualidade. A identidade puramente nominal tem origem, portanto, nesse período e nesse processo. A Coroa teve que se associar a Igreja para dar legitimidade ao seu processo de colonização: o catolicismo foi ingrediente fundamental dessa receita, mas era apenas um disfarce para fazer todo o processo de exploração e escravização acontecer.

Tão pequeno era o interesse na difusão do conteúdo de sentido ético do catolicismo aqui que os que tentaram de fato (os jesuítas) foram os únicos clérigos expulsos completamente do processo missionário. Além disso, durante todo o período colonial não houve comunicação entre o clero do Brasil e o Vaticano, evidenciando assim como o interesse português era muito mais explorador do que missionário. O próprio clero enviado para cá tinha uma baixa formação, muitos haviam sido repreendidos já em Portugal por sua má conduta dentro da Igreja. A atualização era muito difícil por conta dos precários meios de comunicação, fazendo com que dificilmente houvesse uma visão comum do que significava evangelizar alguém. Como as cerimônias e os rituais eram acessíveis a todos, estes se converteram em uma forma para o indivíduo de demonstrar a sua fé e o seu entendimento para com a religião, algo que chamei durante o trabalho de “pano de fundo”. Mesmo sem conhecer de perto o significado daqueles ritos, e por falta de alguém que os explicasse bem, a população acabou por criar familiaridade com as suas estruturas católicas: missas, confissões, batismos, enterros, casamentos e santos.

Por ignorância do significado dos seus conteúdos mais profundos, essas práticas foram se adaptando às necessidades cotidianas dos indivíduos, gerando um sincretismo entre outras religiões e entre o seu próprio entendimento do rito. Ainda sem um entendimento comum aprofundado, o catolicismo era, ainda que superficialmente, comum a todos na sociedade: desde os grandes latifundiários, aos comerciantes e os escravizados, todos conheciam o catolicismo, ainda que dentro de seus interesses e sincretismos. Nesse sentido proponho que ele gerou uma consciência coletiva, ou seja, foi responsável por uma coesão social, no sentido de tornar geral o entendimento sobre a normalidade e a patologia: as suas regras morais e institucionais eram de conhecimento comum a todos, ainda que o seu conteúdo mais profundo não o fosse.

A partir desse histórico, era razoável esperar o surgimento no Brasil de uma categoria que se autoprouclame como “não praticante”. O apego ao rótulo “católico” sem entendimento de seu conteúdo ou mesmo com discordância deste, assim como a familiaridade com seus ritos sem dar importância ao seu significado religioso, são processos que já se davam no Brasil colônia e que em algum nível influenciam a vivência nominal que se tem da religião católica hoje. O objetivo deste trabalho foi justamente

estudar a composição dessa categoria (não praticante) hoje, a partir da construção de um tipo ideal do católico não praticante.

A partir das características delineadas ao longo dos três capítulos de análise das entrevistas identifiquei aqui três características fundamentais que compõem o tipo ideal do católico não praticante, quais sejam: a autossuficiência religiosa, a secularidade da religião e a dispensa da autoridade religiosa. Cada uma dessas características se desdobra em muitos outros pontos, apresentados ao longo de todo o trabalho. Gostaria aqui de retomar brevemente esses pontos a partir dessas três características gerais para que possamos concluir tendo uma clara ideia do que pode vir a ser um católico não praticante, ou seja, em que consiste o seu tipo ideal a partir da presente amostra.

Por autossuficiência religiosa entendo que houve um processo de socialização exitoso na infância e juventude dentro da religião católica, não necessariamente que tenha feito o indivíduo aderir ao catolicismo, mas ao menos que o tornasse capaz de estar familiarizado com os termos e ritos básicos do catolicismo, a ponto de estes serem familiares para o indivíduo ainda na idade adulta. Conclui-se que ainda que o indivíduo não praticante não tenha todos os ritos básicos de iniciação do catolicismo (batismo, primeira comunhão e crisma) feitos (apenas o batismo chegou seguramente a ser realizado), o batismo marca uma ligação do catolicismo com o indivíduo, e não do indivíduo com o catolicismo.

A família é o primeiro e principal grupo de socialização do indivíduo dentro da religião, sendo a mãe a principal agente dessa conexão. A participação em missas, festas, rezas, catequese, entre outros pontos de conexão com o catolicismo, tornam o catolicismo a própria realidade a respeito do sobrenatural, fazendo com que este seja vista como “natural”. A naturalidade da religião deriva também da única possibilidade de conexão religiosa dentro de uma estrutura já formada antes mesmo do nascimento do indivíduo. Ao longo da infância o contato com outros grupos que tem ligação com o catolicismo é importante para a integração do indivíduo ao grupo, e não necessariamente ao catolicismo. O resultado de todo esse processo é um domínio básico de termos e de rituais religiosos, bem consolidados na infância e levados até a vida adulta com “naturalidade”, sem que seja necessário um grande reforço ou atualização do aprendizado, fazendo o indivíduo entender que é suficiente o seu conhecimento para marcar sua pertença à religião.

A secularidade da religião se destaca em um segundo momento na vida do indivíduo, no qual a sua socialização deixa de ter prevalência no âmbito familiar e começa a se dar com maior frequência também em outros espaços. Esse é um momento em que o indivíduo costuma se afastar da religião e questionar a sua veracidade e, conseqüentemente, a sua credibilidade, não só porque ele começa a deixar de acreditar no catolicismo, mas porque ele entende que o catolicismo coexiste com outras religiões, que também possuem sua verdade própria e que, portanto, não são verdades inquestionáveis, mas relativas.

É nesse período de afastamento da religião, geralmente a partir dos 13 anos, que características seculares começam a se mesclar com o caráter dogmático da religião, e que toda aquela base religiosa construída na infância começará a ser invadida pela pluralidade, não só religiosa, mas também de outros âmbitos institucionais. A noção de relatividade da verdade permite que o indivíduo selecione o que ele considera verdadeiro dentro da religião, o que o faz ter consciência de que tem uma fé “rasa”, ou seja, pouco profunda, e fácil de ser contradita: o limite da sua fé é a ciência. Não é mais possível acreditar em histórias que se provam como contrárias ao que a ciência demonstra, elas se tornam simbólicas, deixam de serem acreditadas como a verdade, como é esperado que se aconteça em um mundo secularizado. A crença continua existindo, mas agora ela se encontra na ciência, e não mais na religião.

A grande familiaridade com a religião católica, sem vontade de comparecer aos seus ritos e de obedecer a suas regras, faz com que se siga vivendo a religião à maneira do indivíduo, o que ele chamará de espiritualidade. A espiritualidade se entenderá como o contato do indivíduo com o sobrenatural, feito livre de regras, diretamente com Deus, buscando o melhor para o presente momento de sua vida. Essa espiritualidade é, na realidade, a busca de uma paz psicológica, de um bem estar psíquico, para o qual se acessa o sobrenatural a partir de um arcabouço de instrumentos que se tem livre acesso, gerado na infância, e que não necessita intermediações, completamente independente de hierarquias e dogmas. A fé do indivíduo na religião aumenta na medida em que aumenta o seu bem estar psicológico. Em contraposição, a religião é vista como algo engessado e imposto, algo que não conversa com o indivíduo, mas que é para este demandado, com

uma hierarquia e regras. A espiritualidade é, portanto, um mecanismo secular de manutenção do indivíduo dentro da religião católica.

Todos esses elementos seculares são levemente tocados por dois aspectos que levam a crença de volta à religião: o contato esporádico com o sobrenatural e o comparecimento às cerimônias e rituais no ambiente físico da Igreja. O primeiro pode ir desde um sentimento de tranquilidade na Igreja até um acontecimento inexplicável do ponto de vista científico. Já o segundo denota a presença do indivíduo em casamentos e batizados, missas e funerais. Muitas vezes discorda-se dogmaticamente desses rituais, mas isso não é um problema, uma vez que a explicação religiosa é dispensada por ser desacreditada e até discordada, o que não impede o indivíduo de viver o rito. É isso que gera o que chamamos de “pano de fundo”, ou seja, o entendimento intrínseco daqueles que participam ou assistem aos rituais de que há uma concordância mínima para com o que todos estão presenciando. As discordâncias se reservam, portanto, à resignificação e entendimento pessoal do indivíduo para com o que se está sendo proposto.

Por fim, a dispensa da autoridade religiosa se reflete na dispensa dos dogmas, das regras, das histórias bíblicas e das figuras eclesiais. Sobressai-se aqui a função psicológica da Igreja, servindo o aparelho eclesial desta tão somente para acolher o indivíduo, dar suporte a este. Dessa forma, Deus é aceito apenas enquanto algo bom, ele não deve representar o castigo, assim como as figuras eclesiais também devem existir para colocar coisas boas para os seus fiéis, a intermediação da conexão com Deus é dispensável. Assim, a Igreja não é um fim em si mesmo, mas um meio, algo que também pode levar o indivíduo aonde ele deseja ir espiritualmente, embora esse papel esteja muito mais em suas mãos do que nas mãos da Igreja. Tudo isso é um processo consciente para o indivíduo, os católicos não praticantes sabem que se afastaram da religião, e que uma das consequências disso é sua baixa fé, traduzida por Carla como fé “rasa” ou “rala” durante a sua fala.

Ao se estudar os católicos não praticantes, colocou-se uma lupa nessa categoria para melhor compreendê-la. Buscou-se também conectar a existência dessa categoria com a origem histórica do catolicismo no Brasil. O que averiguamos foi que as características desse tipo ideal montado tem alguma conexão com o que era feito no Brasil colônia. A principal característica em comum é a participação em ritos sem a clara compreensão de seus significados, fruto de uma socialização do indivíduo dentro do catolicismo, hoje não

mais como uma questão de vida ou morte, mas no Brasil uma questão de aceitação social dentro de uma ordem bem estabelecida.

Apesar de hoje haverem outras variáveis, como a secularização fortemente em curso, a aderência puramente nominal à religião católica ainda tem importância e faz sentido no Brasil. Se antes pela compreensão de "ser civilizado", hoje por ser uma das bases da cultura brasileira. Essa aderência nominal implica uma utilização própria da religião, refletida no que se acredita ser a espiritualidade, um mecanismo que visa ao bem estar psicológico do indivíduo, colocando a Igreja como um meio de se alcançar o que se deseja, e não como um fim em si mesmo. Afinal, combina com nossa história o fato de que, em um mundo altamente secularizado, a religião venha assumindo outras funções sociais, mesmo dentro de si mesma, e que a isso se reflita em uma forma de se vivenciar a religião: a não praticante.

Bibliografia

AZEVEDO, Thales. *O Catolicismo no Brasil: Um Campo para Pesquisa Social*. Bahia: EDUFBA, 2002.

BAUMAN, Z; MAY, T.. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BERGER, Peter L.. ***O DOSSEL SAGRADO: ELEMENTOS PARA UMA TEORIA SOCIOLÓGICA DA RELIGIÃO***. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, P. L. e LUCKMAN, T.. *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERGER, P. *Perspectivas Sociológicas*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Editora EDUSP: São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólica*. Editora perspectiva: São Paulo, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião*. In: Brasil e EUA: Religião e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1988.

BRUCE, Steve. ***SECULARIZATION***. Oxford University Press, 2011

BRUCE, Steve. Secularização e a impotência da religião individualizada. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 178-190, June 2016 .

CALAINHO, Daniela Buono. *Agentes da fé: Familiares da Inquisição Portuguesa no Brasil Colonial*. Editora EDUSC: São Paulo, 2006.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Editora Vozes LTDA.: Petrópolis, 1973.

CARVALHO, Caroline; IRFFI, Guilherme. Analysis of secularization in Brazil Análise da secularização no Brasil. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo , v. 36, e0084, 2019 .

DURKHEIM, Émile. *As regras do Método Sociológico*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1983.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 13.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, E. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Wuber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro*. Editora Vozes Limitada: Rio de Janeiro, 1978

HORNAERT, E (ORG). *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretações a partir do povo*. V.2/1. Petrópolis: Vozes, 1983.

LUKES, Steven. *Poder e Autoridade*. In: BOTTOMORE, T., e NISBET, R., *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

PAIVA, Angela Randolpho. *Católico, Protestante e Cidadão: Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.

RANQUELAT JR., Cesar. **LAICIDADE , LAICISMO E SECULARIZAÇÃO: DEFININDO E ESCLARECENDO CONCEITOS**. *Revista Sociais e Humanas*, [S.1.], v.21, n.1, p. 67-75, dez. 2009. ISSN 2317-1758.

PETERS, Gabriel. *“Como se Deus não existisse”: da secularização ao pluralismo na sociologia da religião de Peter Berger*. *Sociologias* [online]. 2019, vol.21, n.50 [cited 2020-01-24], pp.296-311.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Reencantamento e dessecularização*. *Novos Estudos Cebrap*, Vol. 49, 99-117, 1997a.

SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo Popular no Brasil, tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. Editora Loyola: São Paulo, 1979.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. *Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea*. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 277-301, Aug. 2018.

TEIXEIRA, Faustino.. *Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo*. *Revista USP*, (67), 14-23, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. Editora Ática: São Paulo, 1992.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais – Parte 1*. São Paulo: Cortez Editora, 1992.